

# Anexo 6

Transcrição das entrevistas às IPSS's do Concelho de  
Portalegre

## **Entrevista 1 - Centro Social de S. Bartolomeu**

**R- Quais os conceitos de criança e família em risco para esta instituição?**

C- Para nós toda e qualquer criança que possui carências emocionais, má nutrição, má alimentação, abusos familiares ou ainda que possua deficiências físicas ou atrasos psicológicos é considerada uma criança de risco

**R- Qual a oferta educativa disponibilizada pela instituição no sentido de integrar crianças e famílias em risco?**

C- A nossa instituição dá sempre preferência à entrada de crianças que se encontrem em situação de risco. Há sempre lugar para mais um. Para além do ingresso numa das nossas salas essas crianças são acompanhadas por profissionais especializados da Segurança Social ou da Equipa de Intervenção Precoce que com eles trabalham individualmente.

Para além disso em caso de famílias carenciadas as crianças permanecem na instituição sem qualquer tipo de mensalidade. Em muitos casos enviamos o jantar para casa e já chegámos até a acolher mães na nossa instituição dando-lhe trabalho. São também seleccionadas as famílias mais carenciadas a quem são dados frequentemente bens alimentares e de consumo vindos do Banco Alimentar.

**R- O vosso Projecto Educativo visa facilitar a integração de crianças de risco através dos conteúdos abordados e das estratégias utilizadas?**

C- Evidentemente que sim, o nosso Projecto Educativo é feito por três anos, o deste ano tem como temática “A Educação para a Saúde e para a Diferença”. Penso que é um tema muito actual e que está muito relacionado com a questão das crianças de risco. É fundamental que se eduque no sentido de mostrar somos todos diferentes mas no fundo somos todos iguais. É importante que se mostre que todos temos o nosso valor apesar das nossas diferenças e das nossas limitações. Cada vez temos mais etnias e culturas diferentes nas nossas escolas é fundamental que nas nossas Práticas Pedagógicas se valorize essas mesmas culturas, trazendo para a escola

informação acerca das mesmas. Desta forma há uma troca de saberes e as crianças que se integram de novo na escola também se irão sentir mais familiarizadas e conseqüentemente mais integradas.

Cada Educadora trabalha de acordo com o seu projecto mas tenta sempre utilizar as estratégias mais indicadas para cada uma dessas crianças, dando-lhe apoio individualizado sempre que necessário

**R- Existe trabalho individualizado por profissionais especializados com cada uma das crianças de risco?**

C- Sim, como já disse anteriormente sim, temos toda a Equipa de Intervenção Precoce a trabalhar connosco (psicólogos, terapeutas da fala, terapeutas ocupacionais), temos também psicólogos e assistentes sociais da Segurança Social. Enfim, estamos abertos a todos e quaisquer profissionais que estejam a acompanhar as nossas crianças para que as possam observar e prestar apoio individual a cada uma dessas crianças.

Existem casos mais complicados que têm apoio por vários profissionais, apoios esses calendarizados ao longo da semana.

**R- Como se processa o trabalho individualizado?**

C- Os profissionais vão buscar as crianças às suas salas e levam-nas para um gabinete onde lhes dão uma atenção muito individualizada. Outras vezes são acompanhados directamente na sala de actividades. Existem ainda profissionais que para além da criança fazem um apoio à família, no sentido de a ajudar a ser membro de uma sociedade.

**R- Qual o trabalho realizado pela instituição com as famílias mais fragilizadas?**

C- Fazemos um grande trabalho com as famílias. Ao mesmo tempo que estamos a integrar as crianças estamos também a ajudar a integrar as respectivas famílias na sociedade.

Somos muitas vezes os conselheiros e a voz amiga que eles procuram.

Ajudamos as famílias mais carenciadas na questão das mensalidades, sendo que temos muitas crianças de não pagam qualquer valor.

Ao final do dia são também muitas as famílias que levam comida daqui para o jantar. Enfim tentamos com a nossa ajuda que é mínima dar alguma qualidade de vida dentro do que nos é possível.

Fazemos reuniões frequentes na presença das educadoras responsáveis e fornecemos roupa e comida vinda do Banco Alimentar.

Já temos até mesmo dado trabalho a algumas mães que nos procuram como é agora um caso que a Segurança Social nos encaminhou de uma mãe vítima de violência doméstica com três filhos. Temos as crianças a custo zero na instituição e temos a mãe a colaborar connosco nos serviços gerais da instituição.

**R- Considera que a educação Pré-Escolar tem contribuído de forma efectiva para colmatar as desigualdades e discriminar positivamente as crianças que mais precisam?**

C- Sem dúvida, é muitas vezes com a passagem pelo Pré-Escolar que se consegue de certa forma colmatar desigualdades. As crianças socializam-se, interagem, ganham regras de higiene e bem estar. Aprendem métodos de trabalho que futuramente lhes facilitará o ingresso no 1º Ciclo.

Muitas vezes são as próprias crianças que passam também essas mesmas regras para as próprias famílias.

É de todo uma mais valia para todas as crianças esta passagem pela educação pré-escolar mas fundamentalmente para crianças que se encontrem em situação de risco que só têm a ganhar e que muitas vezes quando saem daqui são crianças completamente integradas e capazes sendo que muitas vezes quando entram vêm completamente sem regras e sem cuidados absolutamente nenhuns.

**R- Como se tem procedido no combate às desigualdades?**

C- Como já referi tentamos que todas as crianças sejam iguais, dando a todos as mesmas oportunidades. Há que apoiar mais as crianças que te mais dificuldade para que possam estar ao nível das outras que chegam lá primeiro.

Tentamos sempre facilitar no pagamento das mensalidades para que as crianças mais problemáticas venham para a escola e para que nós com o nosso empenho e dedicação bem como com a ajuda dos profissionais especializados que trabalham connosco consigamos que sejam superadas as diferenças.

Muitas vezes há da nossa parte uma ajuda na higiene pessoal da criança e inclusive mandamos muitas vezes roupas para casa que nos são trazidas novas por outros pais de outras crianças.

São pequenos gestos mas que fazem muita diferença, e é bom ver o desenvolvimento muitas vezes impressionante que as crianças têm ao longo do tempo que estão aqui.

**R- Como se concretiza a discriminação positiva?**

C- Sempre no sentido de que as crianças são todas iguais, partindo sempre daquilo que a criança tem de bom e daquilo que tem também para nos ensinar.

**R- No trabalho realizado com crianças de risco há o cuidado de se partir sempre das concepções e das percepções que a mesma possui acerca do mundo que a rodeia?**

C- Sim, sim. Como já referi partimos sempre daquilo que a criança sabe e das vivências que a mesma tem para depois provocarmos mudanças conceptuais e transmitirmos aprendizagens realmente significativas.

Muitas vezes apesar das limitações que estas crianças possuem, as mesmas possuem já uma grande bagagem transmitida pelas suas vivências, por aquilo que se vêm muitas vezes a obrigados a aprender cedo de mais e que os faz crescer e amadurecer.

É uma excelente forma de integrar essas crianças valorizando os seus saberes, colocando-as a ensinar coisas que as mesmas sabem aos colegas. É uma forma de obterem uma grande auto-estima e conseqüentemente motivam-se mais para novas aprendizagens.

**R- Como se conhecem as percepções?**

C- Essas concepções conhecem-se falando com a criança, é fundamental que tanto a educadora, como os profissionais que trabalhem directamente com ela falem com ela para perceber aquilo que ela sabe e aquilo que mais a motiva.

É fundamental também que se observe o seu comportamento dentro do espaço de sala de aula como fora dela. As suas conversas, as suas brincadeiras e os seus desenhos revelam muito sobre si.

**R- Como se integram as percepções no trabalho desenvolvido com essas crianças?**

C- As educadoras tentam sempre utilizar essas percepções adaptando-as aos conteúdos dos seus projectos. Muitas vezes surgem até mesmo temas imprevistos trazidos por essas crianças que bem aproveitados dão origem a projectos interessantíssimos.

Tentamos sempre mostrar tanto à criança como ao restante grupo que apesar das dificuldades que possa sentir em realizar algumas actividades, há coisas que sabem fazer que mais nenhuma sabe. De forma transversal se utilizarmos esses saberes da criança estamos a valorizá-la, a dar-lhe auto-estima, a mesma deixará se sentir colocada de parte e passa a fazer parte de um grupo onde ela tem o seu lugar, onde ela com aquilo que sabe é útil às aprendizagens dos restantes colegas.

Portanto no nosso trabalho tentamos sempre pegar naquilo que a criança sabe para depois transmitirmos conteúdos, provocando muitas vezes mudanças conceptuais. São através dessas mudanças que se realizam aprendizagens verdadeiramente significativas.

**R- Como se alteram as percepções que a criança tem do mundo que a rodeia?**

C- Bem, acho que já respondi a esta questão. Através de boas práticas, desde que antes se tenha valorizado aquilo que a criança sabe, levá-la de forma experimental, divertida e lúdica a perceber que as coisas não são bem como a mesma pensava que eram, provocando a tal mudança conceptual.

O método experimental é uma boa estratégia para mudar concepções. Através de trabalho mais directo com a criança a mesma aprende muito mais. Muitas vezes uma simples conversa é suficiente para que haja aprendizagens significativas por parte da criança.

**R- Existe articulação com o 1º Ciclo do ensino básico no sentido da transmissão de informação acerca da criança de risco?**

C- Sim, existe. Por norma as salas de 5 anos passam sempre algumas manhãs nas escolas de 1º Ciclo aqui da cidade. Conhecem os espaços físicos e já têm feito algumas actividades. É muito positivo para elas pois desta forma no ano seguinte estão a ir para um sítio que já não é completamente novo.

As educadoras realizam sempre grelhas de avaliação que fazem passar para as professoras de 1º Ciclo. Nos casos de crianças mais problemáticas são feitos relatórios pelas Educadoras e muitas vezes também por profissionais que tenham acompanhado a criança, relatórios esses que a acompanham na sua transição. Em casos mais graves já têm sido feitas reuniões com as professoras de 1º Ciclo no ano seguinte para as por ao corrente das situações, o que na minha opinião é muito importante, pois facilitará certamente a sua integração.

**R- Muito bem, termino aqui esta entrevista, agradecendo imenso o seu contributo para o meu trabalho.**

C- Foi um prazer, estou cá para ajudar.

## **Entrevista 2 – Santa Casa da Misericórdia de Alegrete**

**R – Quais os conceitos de criança em risco para a instituição? Quais as características dela e da família que levam a dizer que ela é uma criança de risco?**

C- Recordando uns anos atrás que tivemos algumas crianças de risco, considerámos e alertámos a Segurança Social porque eram crianças que sofriam de alguns abusos por parte dos pais, sofriam de violência e não tinham o mínimo de um estrutura familiar, eles neste momento foram reencaminhados, eram uma família numerosa, tínhamos três irmãos cá e foram reencaminhados para o internato e uma das irmãs para a Cerci. Foram portanto retiradas à família e inseridas nessas instituições. Neste momento só vêm de fim de semana.

**R- E pertencem aqui a Alegrete?**

C- Não são mesmo daqui, são de uma aldeia que pertence à freguesia que fica a cerca de 3 km.

**R- Portanto eram vítimas de maus tratos, falta de higiene, má nutrição... Neste quadro neste momento têm alguma criança?**

C- Temos uma criança que eu nem sei bem se pode ser considerada de risco, isto porquê? É uma criança que foi adoptada por uma família daqui e tinha 4 anos, portanto nós consideramos que temos que ter alguns cuidados especiais uma vez que mudou de família, mudou de instituição e foi uma grande confusão para a cabeça dela. Neste momento ela só tem apoio individualizado ao nível da Terapia da fala

**R- E ela tem dificuldades a que nível? Portanto as dificuldades dela são essencialmente ao nível da fala e da concentração?**

C- Sim, sim é uma criança que quando chegou cá tinha 3 anos e meio e usava fralda. Todo o seu desenvolvimento atrasou um pouco.



**R- Mas em termos de deficiência física ela não tem nada?**

C- Não, não

**R- Qual é a oferta disponibilizada pela instituição no sentido de integrar de crianças de risco?**

C- Infelizmente não temos profissionais especializados na nossa instituição, mas vêm profissionais da segurança social que faz esse apoio, disponibilizamos o espaço para que eles possam trabalhar. Estamos abertos a todos os profissionais especializados que venham trabalhar para o bem das nossas crianças.

**R- Acolhem todo o tipo de crianças? Não põem obstáculos por exemplo à entrada de crianças com deficiências motoras?**

C- Claro que não. O único inconveniente isto se estivermos a falar de uma criança com dificuldades motoras é que para entrar no Jardim de Infância é necessário descer algumas escadas.

**R- Qual o vosso projecto educativo para este ano?**

C- Vou ver espere aí que eu tenho aqui... é que quem faz o projecto e sempre a educadora

**R- Têm só uma educadora na instituição?**

C- Sim, porque neste momento temos poucas crianças.

O projecto educativo foi elaborada para três anos 2005 a 2008 e chama-se “Temas da Vida” e o plano Anual de Actividades é “As nossas raízes culturais” e depois baseado nisto fazemos então a planificação semanal.

**R- A criança que me falou está a ter apoio individualizado neste momento?**

C- Não, até porque neste momento já não se justifica. A criança está há dois anos na instituição e está bem diferente, está muito bem integrada, continua com dificuldades ao nível da concentração e atenção e em permanecer muito tempo sentada no mesmo sítio mas nada de muito preocupante.

**R- Estão portanto abertos a pessoas que venham do exterior para trabalhar com crianças que possam ter alguns tipo de dificuldades ou carências?**

C- Sim, sim, claro.

**R- E com as famílias existe algum tipo de trabalho a ser desenvolvido?**

C- Neste momento a instituição está com uma grande abertura perante a comunidade e principalmente com os pais. Fazemos reuniões trimestrais para darmos a conhecer a avaliação e o desenvolvimento da criança. Estamos sempre abertos para esclarecer os pais, mas há um dia que a educadora recebe os pais individualmente.

Como somos uma instituição pequenina há um encontro diário com pais e vai-se pondo ao corrente a situação em que os mesmos se encontram a todos os níveis.

**R- Considera que a Educação Pré-Escolar consegue colmatar as diferenças e a dificuldades que as crianças possam ter, principalmente crianças consideradas de risco?**

C- Sim, isto é a minha opinião muito pessoal todas as crianças têm os mesmo direitos e é obvio que têm muitos benefícios em estar num Pré-Escolar junto de outras crianças, quer ao nível do seu desenvolvimento quer da sua integração na sociedade. Ela ai ter de ser integrada e portanto quanto mais cedo se fizer essa integração melhor.

**R- No vosso trabalho têm em consideração aquilo que a criança já sabe? Partem das concepções que a criança tem acerca do mundo para depois partirem para a vossa tarefa educativa?**

C- Sim, nós até temos uma rotina, normalmente à segunda feira, não em todas mas em algumas geralmente há trabalhos sobre o que se passou no fim e semana, um desenho, um cartaz, uma pintura, uma colagem, etc, e muitas vezes parte-se desse trabalho para se realizarem outros, partindo daquilo que retrataram e das vivências que tiveram.

**R- Existe articulação com o 1º Ciclo no sentido de encaminhar as crianças que saem aqui do centro? Estabelecem continuidade educativa?**

C- Sim em alguns casos sim. Principalmente as crianças mais problemáticas. Nesses casos a educadora faz um relatório. Mas as restantes crianças por norma não nos é pedido.

**R- As crianças que saem daqui do centro fazem regra geral o 1º ciclo aqui em Alegrete?**

C- Sim, por norma sim. São todos daqui ou então de aldeias perto como é o caso aqui de Vale de Cavalos, fica tudo a 2 ou 3 km daqui.

Posso-lhe entregar também uma breve caracterização da nossa instituição que fizemos à pouco tempo, uma vez que tivemos recentemente a certificação de qualidade da nossa instituição.

**R- Se me puder facultar eu agradeceria imenso.**

**Quais as valências disponíveis aqui na SCMA?**

C – Temos a Creche, o Pré-Escolar, o Lar, o Centro de Dia e o apoio Domiciliário. Tudo em pequena escala, uma vez que a freguesia só tem cerca de 2000 habitantes.

Por exemplo ao nível da educação Pré-Escolar existe em Vale de Cavalos uma sala pertencente ao ministério da educação e como não se paga está sempre cheia. De longe que temos melhores condições mas aqui os pais têm uma mensalidade a pagar. Temos natação, ginástica e música. Tentamos oferecer uma educação de qualidade.

**R- Pois é o acontece em todo o lado**

**Bem, resta-me agradecer a sua disponibilidade e simpatia ao ter respondido a esta pequena entrevista.**

C- De nada, foi um prazer.

Ainda em relação aos casos de risco sabe que é difícil também nestes sítios pequenos rotular certas crianças como estando em situação de risco. Os pais muitas vezes não aceitam. Muitas vezes tentamos sinalizar casos e os pais não aceitam e aí não podemos fazer nada. Ficamos apenas de consciência tranquila porque tentámos mudar as coisas.

**R- Pois, muitas vezes resta-nos isso...**

**Mais uma vez muito obrigado e até à próxima**

C- De nada, ora essa...

### **Entrevista 3 - Centro Social e Diocesano de Santo António**

**R- Em relação à primeira questão gostaria de saber o que para a vossa instituição é uma criança de risco?**

C- Relativamente a esta situação que é uma situação de certa forma preocupante e que cada vez mais nos bate à porta a nível das instituições. É um bocadinho estranho porque durante muitos anos nunca tivemos e se calhar não temos essa preocupação efectiva. Se calhar agora vou dizer uma barbaridade ou não. Mas quer dizer talvez o meio onde nós estávamos inseridos no espaço “colégio” as coisas muitas vezes não aconteciam. Não havia portanto essa preocupação, essa premência. Vou dar um exemplo que não tem nada ver mas que ostra que as decisões eram tomadas um pouco nesse sentido. Talvez portanto nós estamos a funcionar aqui desde 1997, talvez no primeiro ou no segundo ano lectivo fomos visitados por alguém do centro de saúde que vinha com a preocupação, relativamente à questão da higiene oral. Na altura havia por hábito nas nossas instituições, em qualquer infantário da rede pública realizar-se a higiene oral. Então eles queriam saber como nós trabalhávamos aqui a questão da higiene oral. E tal como toda a gente fazia cada menino tinha o seu equipamento e realizava a sua higiene oral com uma naturalidade enorme e na altura fomos alertados que tinha saído um despacho que proibia a higiene oral nas escolas. Na altura fazíamos porque era hábito fazer e quando juntámos os pais para debater deparamo-nos com uma situação que era caricata embora mais ma vez isto não tenho razão de ser enquanto exemplo efectivo. Nós tínhamos aqui, essencialmente os nossos meninos eram filhos de médicos e de enfermeiros e quer dizer haver a preocupação da escola em cuidar da higiene oral não fazia sentido e deixámos de fazer, hoje as coisas já são um bocadinho diferentes, portanto uma criança em risco passa de uma questão até de uma deficiência até à questão do seu ambiente onde está inserido em termos de família. Portanto nós não temos aqui situações muito complicadas e as que são já estão devidamente acompanhadas. Portanto nós temos aqui muitos meninos no Lar Sagrado Coração de Maria que à partida serão as situações de mais peso que são devidamente acompanhadas por nós enquanto instituição no apoio que lhe podemos dar.

**R- Têm crianças com N.E.E.?**

C- Sim, temos várias

**R- Com deficiências motoras ou com necessidades ao nível cognitivo**

C- Ambos os casos, mas os mais graves são a nível motor. Nós temos situações aqui de algum peso mas também é assim também temos situações complicadas de maus ambientes familiares. Nós já chegámos aqui a dar banho, depois é também a questão da alimentação. Efectivamente fizemos algum trabalho no sentido de comunicar à Segurança Social na altura. Na altura estávamos um bocadinho... éramos a instituição mais recente e havia uma necessidade de apoio, que não era tanto apoio efectivo de virem, havia questões de ordem burocrática que iam surgindo com alguma frequência e havia uma ligação muito directa à segurança social.

Actualmente só temos considerada crianças de risco efectivamente aquelas crianças que estão connosco e que pertencem ao Lar Sagrada Coração de Maria de resto pode haver algum caso que nos implique algum cuidado porque muitas vezes existe muitos casos de divórcios complicados.

Funcionamos de uma forma muito caseira, portanto sempre que há uma necessidade mais efectiva nós recorremos à Equipa de intervenção precoce.

Muitas vezes também são os pais que vêm connosco e nos pedem ajuda. Dizem-nos que estão a passar por esta fase assim assim agradecemos que fiquem mais atentos.

**R- Muitas vezes são identificados certos casos pelas educadoras e os quais muitas vezes não são bem aceites pelos pais. Sentem dificuldades a esse nível?**

C- Sim, sim muitas vezes ao nível das deficiências. Nós temos aqui vários casos de deficiência comprovada e é assim, ultimamente tem-nos acontecido com mais frequência, muitas vezes ao nível da creche e muitas vezes em fase de muito bebé. Sem querer nós apercebemos, depois é assim temos uma ajuda um bocado, muito presente, mas nada está organizado em termos de serviço efectivo, portanto nós não temos aqui uma preocupação extrema no sentido de dizer pronto estão sinalizados, vamos encaminhar como é que vamos fazer as coisas vão acontecendo naturalmente. Sabe que nós temos aqui a enfermeira a trabalhar connosco que não está diariamente mas está em média connosco 3 a 4 manhãs. A enfermeira tem outro sentido, também lhe podia passar ao lado, mas o facto de ter se calhar uma formação mais na área da pediatria

também ajuda um pouquinho e também o facto de fazer consultas de desenvolvimento mais suscita a que a antena fique no ar. Muitas vezes acontece-nos logo na fase de bebês, tivemos agora muito recentemente um caso que é grave. Havia uma suspeita de que algo não estaria bem nós não sabíamos concretamente o que se passava. Era uma criança que se isolava imenso. Era uma criança que de certa forma tinha comportamentos ditos normais mas em certos momentos e em certas ocasiões menos comuns. Inicialmente pensámos que fosse uma questão mais social, que havia qualquer coisa que ajudava aquela criança a isolar-se, não sabíamos o quê. Naquela fase de gatinhar, em que eles roubam a chucha uns aos outros, trepam por cima uns dos outros ela estava sempre num cantinho da sala e depois mais tarde eu falei com a enfermeira, ela na altura não se tinha apercebido de nada mas depois ela própria me foi alertando para outras situações que ela verificava. Só há relativamente pouco tempo é que nós, porque a família não nos dizia nada, esta menina tem um grau de surdez profundo e os pais nunca se aperceberam de nada. E quando eu sentei aqui a mãe para falarmos quase que houve assim um ficar parva. Na cabeça dela ela pensava: Então eu não havia de perceber, nem o pediatra, nem nada... Ela percebe tudo o que se diz...

Ou seja todo aquele isolamento acontecia pura e simplesmente porque ela estava no mundo dela.

Como esta cada vez mais estas situações acontecem em termos de instituição, na abordagem aos pais é assim... temos situações diferentes, temos situações em que somos nós a detectar e até chegarmos à família, de certa forma vamos devagarinho. Aqui a equipa de intervenção precoce tem tido um papel bastante importante, nós pedimos-lhe muito apoio, somos um pouco os intermediários entre as famílias e a equipa. É importante que haja um intercâmbio de experiências. Nós conhecemos as famílias e conhecemos o problema real da criança. Depois sentamo-nos todos à mesa juntamente com os especialistas e colocamos as cartas em cima.

Para os pais é sempre muito difícil encarar quando somos nós a detectar algum tipo de problema e já tivemos situações em que quando alertámos pura e simplesmente perdemos os meninos porque os pais os retiraram. Não fazemos um trabalho muito específico com os casos de risco, fazemos tudo com grande naturalidade, serenidade e sem grandes alaridos. Cada qual tem direito à sua privacidade e não à necessidade de espalhar algumas coisas para fora.

Nós temos uma criança que está connosco desde os 7 meses de idade e este ano vai ter adiamento escolar, portanto já fez os 6 anos e ainda hoje nós não conseguimos chegar

ao pai. Também não foi fácil chegar à mãe, embora fosse ela a própria que passado pouco tempo da criança estar connosco ela nos disse que se passava qualquer coisa. Depois é difícil porque há diagnósticos que são morosos e nunca se chega a eles. Muitas vezes é difícil lidar com as situações porque não sabemos o que vai acontecer. Outras vezes são crianças que à partida já se sabe que possui problemas graves, por exemplo a nível respiratório.

É fundamental que haja abertura com a família para a alertar e informar de tudo o que se passa.

Aqui no nosso infantário tem-se trabalhado um bocadinho no sentido de, embora eu tenha pena que se esteja a perder, quando nós abrimos nós primámos um bocadinho pela diferença em termos de funcionamento. Não é que as nossas teorias ou pedagogias fossem diferentes das outras colegas, mas sim queríamos ter um atendimento mais personalizado, mais grupos mais pequenos, lutar por um ambiente familiar, tentar ter certos e determinados serviços que os outros não tinham. O facto não fechar no período de Verão de certa forma foi um chamariz para algumas pessoas. O facto de nós termos grupos pequenos embora de há 3/4 anos para cá tenham vindo a aumentar, mas a média de grupo são 18 meninos no máximo. Queremos que haja um cuidado muito directo com a família, de estar estarmos, de falarmos e não de nós haver aquela febre de que está na minha hora de saída.

Mas com o crescimento essas coisas acabam, por se perder, porque depois há também a febre do crescer e muitas vezes há a necessidade de romper certas regras. Os nossos berçários estão sempre super lotados.

Nós vivemos aqui os problemas das famílias quase como se fossem nossos, eles procuram-nos para falar e muitas vezes para desabafar.

Ainda aqui há dias veio uma mãe muito aflita porque não podia pagar a mensalidade porque andava em baixo de finanças e porque tinha ido ao médico com a filha e ela teria de usar óculos.

Este problema das mensalidades é muito injusto, porque todos usufruem e só alguns pagam e é complicado. Se todos usufruem todos devem pagar.

A senhora andava com problemas e então nós comprámos-lhe os óculos. Nós encaminhamos também as famílias para a segurança social quando existem problemas desde género, somos nós que falamos com os profissionais que lá trabalham no sentido



de encaminhar os pais mais necessitados. Com a ajuda de todos resolvemos um problema muito efectivo.

### **R- Existem mais problemas de NEE?**

C- Temos cá também uma criança, com uma situação muito, muito, muito complicada, ela tem epilepsia, paralisia cerebral, enfim não sei quantificar nem qualificar tudo o que ela tem. Possui uma esperança de vida muito reduzida, mas nós ao recebermos a menina estamos a ajudar aquela família no sentido de a libertar um pouco. Temos duas pessoas com ela e enfermeira também. Ela está acamada e precisa sempre de estar a ser virada, é alimentada por sonda, tem medicação várias a horas específicas. Tem dois anos e meio. A parte respiratória é o mais grave.

Toda a parte afectiva está muito envolvida e quando a mesma está internada é um drama para todos nós.

O nosso papel e objectivo fundamental ao recebermos a menina é dar alguma tranquilidade aos pais e dar-lhe na medida do possível dar-lhe uma vida normal. A mãe pode voltar ao trabalho. Para nós o importante é que eles venham trazer a menina e saberem que ela está bem, está cuidada e que eles podem ter um bocadinho até para fazerem qualquer coisa que com a filha é complicado. Queremos dar uma resposta que sabemos que é mínima mas damos o nosso melhor.

Cada situação mais grave que ela possa viver, quer dizer das capacidades que ela vai perdendo ela não as volta a recuperar.

É complicado porque na minha opinião temos pais que são contra a Beatriz estar aqui, o que me deixa muito muito triste e curiosamente as pessoas mais humildes reagem melhor à diferença.

Tenho muita pena porque muitas colegas por vezes não tenham sensibilidade e não desçam aos pais, que não falem com eles, muitas vezes são os próprios profissionais que não permitem essa continuidade, essa proximidade e essa ligação.

Temos que ir sempre pelas relações humanas que para mim são o essencial.

### **R- Todas as crianças com problemas têm apoio?**

C- Sim, sim e para além do par pedagógico normal educadora e auxiliar temos sempre outros elementos na sala, as terapeutas, psicólogas, educadora de apoio e até a

enfermeira. Apoiam as crianças mais problemáticas, as que mais precisam têm mais apoio e durante mais tempo.

Eu prefiro sempre ter mais pessoal do que bom equipamento, em vez de gastarmos muito dinheiro em material preferimos ter pessoal que nos faz muito falta para dar apoio o mais individualmente possível às crianças.

**R- Qual o vosso projecto educativo?**

C- São os elementos naturais ( ar, água, terra, ar). Evidentemente que o projecto tem de ser adaptado a cada criança individualmente. Dentro do que é feito para o restante grupo as actividades são adaptadas às crianças mais problemáticas.

**R- Têm profissionais da segurança social a trabalhar convosco?**

C- Não, temos apenas a equipa de intervenção precoce e todos os seus profissionais. Temos a enfermeira como já lhe disse e uma Educadora de Apoio que dá apoio a todas as salas em horário pré-definido.

A enfermeira também trabalha muito individualmente com as crianças mais problemáticas e ajuda em todas as salas, dando até várias actividades e pequenas apresentações para os meninos mais velhos.

Há também muitos problemas com divórcios muito complexos. As crianças encontram-se no meio dessas situações e muitas vezes já pedimos à psicóloga para ter conversas com essas crianças. Por norma a rentabilidade diminui e a concentração também tal como a produtividade.

**R- Existe articulação com o 1º Ciclo no sentido de mais facilmente integrar crianças em situação de risco?**

C- Sim sim, fazemos visitas às escolas de 1º Ciclo e realizamos relatórios detalhados sobre as principais dificuldades de cada criança.

Queremos que eles tenham contacto com salas que são diferentes. Por vezes iam fazer uma ficha. Algo mais a sério.

Aos poucos ir integrando a criança sem que ela caia ali de pára-quadras.

Todas as situações estão identificadas, avaliadas e registadas e estão bem guardadas na instituição que é entregue aos pais e é ou não passado para o 1º Ciclo quer seja mais ou menos necessário.

é fundamental que não se vá depressa de mais mas que logo que se detecte algo se encaminhe para que tudo possa ser ultrapassado, trabalhado ou encaminhado o mais convenientemente possível, sempre em conformidade com a opinião dos pais é claro.

**R- Então damos por terminada a entrevista, agradeço imenso a participação, simpatia e disponibilidade**

C- De nada, foi um prazer.

## Entrevista 4 – Centro de Bem estar social da Urra

**R – Quais os conceitos que a vossa instituição tem de criança e família em risco? Portanto o que é que para a instituição é uma criança em risco? Em que situação é que ela se pode encontrar para estar em risco?**

C- É assim, nós aqui não temos muitos problemas a esse nível de crianças em risco, é assim par nós criança em risco será uma criança em que se pudesse detectar ou maus tratos ou que nós víssemos em questão de higiene ou em alimentação. Neste momento não temos nenhum caso, não temos casos em que notemos que há má nutrição ou falta de higiene, nada disso...

**R- Muitas vezes acontece, há aqueles casos em que são encaminhados directamente para a instituições por maus tratos, mas vocês portanto não têm casos desses na vossa instituição?**

C- Não, não

**R- Mas têm alguma oferta educativa especializada no caso de aparecer alguma criança em situação de risco. Oriunda de famílias mais carenciadas. Se lhe viessem bater à porta existe alguma oferta educativa especializada para estes casos e para acolher essas crianças?**

C- Sim existe, e é assim nós até tivemos um contacto agora há bem pouco tempo há questão de duas semanas mais ou menos, através da comissão de protecção de menores em que nós, pronto eles nos perguntaram isso mesmo se nós tínhamos hipótese de acolher uma criança que está numa outra instituição mas que está a ter problemas e nós tivemos a ver, pelo que nos pediam e pelo que nós temos e sim, temos possibilidade de a acolher.

**R- Deixam algumas vagas em aberto para estes casos?**

C- Sim, sim

**R- A vossa instituição está cheia ou consegue ainda acolher mais algumas crianças?**

C- Ainda acolhemos mais crianças

**R- Qual é o vosso Projecto Educativo para este ano?**

C- Cada educadora faz o seu plano anual e não há apenas um tema, cada uma de acordo com o grupo que tem adequa os conteúdos às necessidades de cada um

**R- Esses projectos visam integrar crianças problemáticas como é o caso das crianças com NEE?**

C- Sim, e é assim por exemplo nós, temos um caso que está a ser acompanhado e acho que se pode enquadrar aí dentro da educação especial, por exemplo nós temos um caso de um menino que vem cá uma psicóloga, vem cá uma socióloga, nós temos um caso desses.

**R- E qual é o problema que ele tem? Deficiência Física?**

C- Ele tem... Já tivemos um menino com deficiência física que saiu este ano. Este possui Síndrome de Spencer acho que é assim que se diz, é uma criança que pode estar uma semana em que está muito bem e de repente, por exemplo há um dia em que está impecável e de repente passa-se por completo, tem alterações de humor. Ele tem andado em consultas, ele só veio para cá em Setembro. Ainda não descobriram ao certo aquilo que se passa. Agora em Maio tem uma consulta em Coimbra e pode ser que descubram mais alguma coisa.

**R- Existe trabalho individualizado com essas crianças? Vêm profissionais especializados externos à instituição trabalhar directamente com essas crianças?**

C- Sim, sim, pessoas externas também vêm, por exemplo no caso do outro menino que tivemos ele tinha deficiência motora, por isso tinha tudo dentro da fisioterapia. Agora

com este menino não, vem portanto uma pessoa que é uma psicóloga, vem uma educadora do ensino especial e mesmo dentro da instituição este menino tem trabalho individualizado, porque se ele tiver trabalho individualizado tudo muito bem e por exemplo dentro de um grande grupo ele perde-se e é muito complicado motivá-lo.

**R- E com a família da criança, há algum trabalho desenvolvido ?**

C- Há. Há várias reuniões, para além de todos os dias falarmos com os pais, mas há várias reuniões, algumas só da escola com os pais outras com a escola e com a equipa de intervenção Precoce.

**R- Considera que a educação Pré-Escolar tem contribuído de forma efectiva para colmatar as desigualdades existentes relativamente a essas crianças de risco? Se a Educação Pré-Escolar consegue transformar as crianças principalmente as crianças de etnias diferentes, integrá-las na sociedade para mais facilmente obterem sucesso educativo futuro?**

C- Nós aqui em termos de etnias não temos nenhum caso, talvez mais nesses casos de crianças com problemas eu penso que é uma grande ajuda, penso que é, porque de repente nota-se o trabalho. Quando uma criança chega, como este miúdo, ele ao início ficava muito aterrorizado e agora para ele é tudo normal. Os colegas também já agem com naturalidade, eles já sabem que quando lhe acontece aquilo ele não faz mal a ninguém. Ai penso que sim, acho que se deve integrar todas as crianças sejam elas de cor ou raça diferente e nunca a colocar de parte.

Por exemplo o outro menino que nós tivemos não falava absolutamente nada e é engraçado que os colegas à sua maneira aprenderam a comunicar com ele, por gestos. Todos já percebiam os gestos que ele fazia.

Se fosse alguma criança de etnia diferente iria resultar na mesma, eles iriam aprender com ele e ele aprendia com eles, portanto acho que correria bem. Por acaso aqui ainda nunca nos aconteceu receber crianças de etnias diferentes as seria uma mais valia se viéssemos a receber.

**R- Pois, na cidade notam-se mais as diferenças culturais, aqui com é um meio mais pequeno, são mais as crianças aqui da zona?**

C- Sim, a maioria das pessoas vive aqui, como há pouco oferta habitacional, não vêm muitas pessoas para aqui viver. As que vivem são aquelas que têm aqui raízes e então não se verificam aqui muitas culturas diferentes

**R- Quantas crianças têm ao todo na vossa instituição?**

C- 41, neste momento temos 41, divididas por três salas, no berçário 9 crianças, na sala dos 2 aos 3 anos temos 13 e na sala dos grandes temos 19.

**R- Ainda são alguns, até pensei que fossem menos meninos.**

C- Há pouco quando disse que tínhamos vagas é praticamente só na sala dos maiores porque a sala dos bebés e a sala dos 2-3 anos estão cheias neste momento. Na sala dos mais velhinhos temos 19 crianças e poderíamos ter 25.

**R- Há o cuidado de se partir das concepções que a criança tem que trazem de casa, por exemplo as aprendizagens que eles efectuaram fora da escola? Por exemplo as crianças de risco muitas vezes têm dificuldade em se integrar mas eles sabem muita coisa. Se há o cuidado de se partir dessas sabedorias que eles têm, por exemplo da sua cultura, da sua raça, da sua etnia ou até mesmo dentro das limitações que eles têm, partir daquilo que a criança sabe, acha que se pode aproveitar isso para uma mais fácil integração?**

C- Como já lhe disse nós não temos casos, mas dando uma opinião pessoal, sim é importante. Agora dessas crianças que nós temos com problemas isso é sempre valorizado. Até mesmo para aquelas crianças que não têm problemas, nós por exemplo quando uma criança aqui chega, nós sempre que os pais tenham possibilidade, o pai não vem cá deixar a criança e só cá aparece ao final do dia. Há sempre 3 a 4 dias de integração. A fase de integração é sem dúvida uma fase em que se valoriza tudo aquilo que a criança já viveu bem como as aprendizagens que já efectuou. Primeiro que tudo começamos por aquilo que eles trazem e depois então é que se tenta adaptar àquilo que funciona aqui. Aqui é muito importante o contacto com os pais para que se saiba aquilo que a criança sabe e os modos de vida e cada um.

Pode surgir um menino que goste muito de animais se calhar se eu aproveitar isso para o motivar e para o integrar tudo estará mais facilitado

**R- Estabelecem continuidade educativa com o 1º Ciclo de ensino básico no sentido de encaminha as crianças mais problemáticas? Costumam enviar relatórios?**

C- Sim, segue sempre um relatório. Até porque nós aqui é assim, trabalhamos muito em conjunto, pelo Carnaval, santos populares, etc, trabalhamos muito em conjunto com as escolas, por isso há um muito bom relacionamento entre todos. Depois as professoras também nos costumam pedir esses relatórios e são feitos de todas as crianças de 5 anos que saem aqui da instituição. Mas depois sabe, aqui também é um meio mais pequeno, as crianças são poucas e há uma grande proximidade de trabalho entre nós e a escola do 1º Ciclo. Por exemplo a professora que apanhou o grupo dos 5 anos o ano passado é uma senhora que tem aqui dois filhos, por isso como vê à grande proximidade entre todos, é uma grande família. Ela própria já conhecia as crianças e os trabalhos que as mesmas desenvolviam e vive-versa.

É claro que se se tratar de crianças de risco o relatório terá de ser mais detalhado e pormenorizado.

**R- Em relação às questões que tinha pré-estabelecidas já acabámos gostaria agora de saber se fosse possível como nasceu a vossa instituição?**

C- Isto é assim, a nossa instituição é uma IPSS, já está a funcionar à cerca de 20 anos, a origem não sei bem, mas penso que deve ter sido por necessidade de haver aqui uma instituição que recebesse crianças e nesse sentido houve um grupo que se juntou e fundou esta casa, depois a partir daí foi crescendo, abriu só com uma sala e as crianças vinham todas juntas. Depois entretanto, fez agora em Setembro 3 anos é que foram feitas as 3 salas. Antigamente só havia uma educadora e o trabalho era feito com todas as crianças desde o berçário até aos 5 anos. Entretanto de há 3 anos para cá as coisas funcionam de modo diferente, é desde essa altura que eu também cá estou.

O espaço era muito pequeno mas agora está melhor estão cá a trabalhar 2 educadoras. Foi todo remodelado nessa altura e ficou tudo muito melhor.



Quando eu aqui cheguei todos os meninos dormiam a sesta, agora temos condições para os mis velhos já não o fazerem uma vez que têm uma sala de estudo, onde efectuem trabalhos enquanto os mais novas estão a dormir.

Esse tempo é sempre muito produtivo, uma vez que como são só 5 meninos que têm 5 anos a educadora dá uma atenção especial e faz um trabalho o mais individualizado possível. Eles sentem-se sempre muito motivados e gostam de aprender mais e mais. Têm duas horas onde a educadora trabalha especificamente com aqueles que vão para a escola. As próprias professoras do 1º Ciclo dizem que os meninos que saem daqui vão muito bem preparados para a escola.

**R- Quantas crianças vão fazer a transição para o 1º Ciclo este ano?**

C- Este ano só vão entrar 4.

Por exemplo este ano no primeiro ano estão 7 meninos. É uma realidade muito diferente de Portalegre, em que há salas com 25 meninos. Aqui têm espaço, natureza e mais tempo e disponibilidade por parte da professora para atender individualmente cada criança. Tem algumas vantagens ficar na aldeia (risos)

**R- Concordo plenamente com isso... Não há nada melhor que o meio rural e ao fim e ao cabo estão a 5 minutos de Portalegre.**

**R – Por acaso não tem uma descrição da vossa instituição que me pudesse facultar?**

C- Eu ter tenho mas de momento penso que não a tenho aqui, de qualquer forma se quiser voltar outro dia eu vou procurar e entrego-lhe depois.

**R- Ok, muito obrigado**

**Da breve conversa que tivemos eu já consigo caracterizar a vossa instituição.**

**Resta-me agradecer a sua disponibilidade e simpatia**

C- De nada, ora essa, quando precisar venha ter connosco. Estamos sempre às ordens.

## Entrevista 5 - Jardim Infantil “O Girassol”

I.C. – Portanto para mim, qualquer criança, em qualquer sociedade, seja ela rica, classe média ou pobre pode estar em risco. Em risco porquê? A criança da classe rica pode viver sozinha e está em risco, a criança da classe média pode não ter o amor necessário e está em risco. Pode não ter higiene e está em risco, pode não ter a alimentação adequada e está em risco. São vários os factores que levam uma criança a estar em risco e muitas vezes estão mais em risco do que a gente pensa.

R- Exactamente Irmã e muitas vezes até mesmo as crianças que aparentam ter mais dinheiro são essas que muitas vezes estão mais em risco, porque têm aquele lado carente, não possuem estabilidade familiar nem apoio emocional.

IC- Só brincam com os brinquedos e não têm a afectividade que é o principal.

R- Irmã qual é a oferta educativa disponibilizada pela instituição no sentido da integração de crianças e famílias em risco?

IC – Desde que a gente tenha vaga, integramos e damos prioridade a eles e muitas vezes fechamos os olhos, admitimo-la e fica gratuita

R – Existem muitos casos de crianças problemáticas aqui na instituição?

IC – Estão a tornar-se cada vez... às vezes a gente até fica parva, por uma simples discussão entre pais mandam-nas logo para a intervenção precoce e agente fica parva

R- É verdade irmã já se abusa um pouco e ao mais pequeno problema rotulam logo a criança como estando em risco e muitas vezes isso não acontece

I.C – É verdade ao mais pequeno problema ligam logo para a instituição para saber como é que a criança vem, quem é que a traz, quem é que a leva, se vem bem vestida, se vem higiénica se vem com maus tratos... Para mim são mais graves os maus tratos psicológicos do que os físicos e muitas vezes eles não têm isso em atenção

R – Completar pergunta – profissionais

I.C. Sim, temos terapeutas da fala, terapeutas ocupacionais, educadoras de apoio. As restantes crianças que não estão cobertas com nenhum programa de apoio somos nós com a nossa paciência e o nosso carinho que as acolhemos e integramos o melhor possível

R- Sim, claro irmã o nosso trabalho enquanto educadoras é fundamental, mas com a ajuda subjacente que esses profissionais nos dão tudo fica mais facilitado, uma vez que o número de crianças por sala é sempre avultado.

Têm muitas crianças a ser acompanhadas individualmente aqui na instituição?

I.C. – Com apoio directo e individualizado temos quatro casos

R- E qual a totalidade de crianças existente, desde a sala de berçário até à dos 5 anos?

IC – No total são 125 crianças

R- Ainda são bastantes...

Qual é o vosso projecto educativo para este ano?

I.C. – Temos um plano de actividades. O projecto educativo é mais abrangente e nós criamo-lo para vários anos, o plano de actividades é que muda em cada ano. Este ano é a Prevenção Rodoviária e a Segurança. Cada educadora constrói o seu plano curricular de acordo com o plano de actividades para aquele ano.

R- Existe alguma criança com deficiência motora que preciso de uma pessoa a tempo inteiro?

IC- Neste momentos temos uma criança surda que está a ser acompanhada mas só no período da manhã, mas ainda é muito bebé. Já tivemos uma criança deficiente motora a necessitar de uma pessoa a tempo pleno, mas nunca conseguimos nada e pelo que parece cada vez vai ser mais difícil

R- É muito complicado para nós enquanto educadoras trabalhar num grupo muitas vezes com mais de 20 crianças e com uma criança a precisar de um apoio constante, mas infelizmente é raro haver apoios neste sentido

I.C. – Seria muito difícil meter crianças com deficiência motora nesta instituição porque eu não tenho rampa e ninguém me pode obrigar a colocar rampa. Nesse caso terá de frequentar outras instituições que não aqui.

R- Qual é o trabalho realizado com as famílias das crianças mais fragilizadas?

I.C. – O trabalho é mais com a própria criança. Muitas vezes os pais vêm falar conosco que têm dificuldade em pagar isto ou aquilo e olhe fechei os olhos e paguei, mas disse logo que não... paguei-lhe a electricidade. Nós temos aqui uma assistente social que também é uma irmã e portanto ela trata de alguns problemas que vão surgindo. Há muitos problemas financeiros mas as pessoas não gostam de se expor.

R- Pois, irmã muitas vezes há má gestão do orçamento familiar e depois não chega para pagar o infantário dos filhos...

I.C- Muitas vezes chego a entrar num café para ver o que é que os pais estão a comer, é triste ver que pessoas que não têm dinheiro vão tomar o pequeno almoço sempre fora, e por ser um meio pequeno apercebo-me disso e de outras coisas...

Muitas vezes os pais não aceitam as regras estabelecidas pela instituição... é difícil...

R- Pergunta – Papel do Pré-Escolar

I.C. –Sim, porque desta forma a criança irá sentir-se mais integrada. Queremos dar oportunidades a todos, deve haver uma igualdade de oportunidades. Existem crianças de culturas diferentes, mas quem entre cá para dentro é atendida por si e não em massa. Quando estou com o meu grupo, se hoje não vem uma criança, tento depois fazer tudo com ela, para que a mesma não perca nenhum conceito.

Para mim todas as crianças têm direito a ter as mesmas riquezas e experiências, agora se depois têm a mesma capacidade.

R- Concepções...

I.C. – Sim, há o cuidado de partir sempre das concepções que as crianças têm e há o cuidado de acelerar o que está mais atrasado. Tenho cá uma criança que vem uma vez no mês e muitas vezes não sei o que fazer com ela.

R- Mas é uma criança que está em casa com familiares?

I.C.- Sim está em casa mas metida num café. E o ambiente não é nada bom e por mais que depois se puxe por ele, é escusado, porque a criança não dá, porque aquilo não faz parte da rotina dele. Ele chegou aqui e nem sabia pegar num lápis, uma criança que está quase com cinco anos. Tanto faz eu dizer à mãe: - mande o seu filho, nem que se seja só para comer. Porque se uma pessoa também não está bem nutrida também não aprende. A mãe diz sempre que vai mandar, ma vem um dia ou dois e volta a estar 15 dias sem vir e assim torna-se muito complicado. Com estas crianças é impossível fazer um serviço de qualidade porque o que aprendeu hoje esqueceu.

R- Exactamente Irmã e depois por mais que se insista, os pais não aceitam, não ajudam e por muito boa vontade que se tenha é difícil conseguir resultados.

Aproveitam as sabedorias que as crianças têm, por exemplo as que vivem no campo para introduzir temas aos Projectos Curriculares? Aproveitam aquilo que elas sabem para as valorizar enquanto pessoas?

I.C.- Sim. Embora aqui não haja muitas crianças que vivam no campo, vive tudo aqui na cidade, mas já temos tido uma ou outra criança que explica coisas sobre a vida no campo e no dia da árvore explica sempre como devemos fazer. Mas aqui na instituição temos um grupo muito homogéneo. Na sala dos bebés temos crianças de culturas diferentes,

R- Podem aproveitar para realizar projecto de multiculturalidade

I.C. – Sim, sim, sem dúvida...

R- Irmã só mais uma coisa existe articulação com o 1º Ciclo, por exemplo com os meninos que saem aqui dos 5 anos?

I.C- Sim, nós vamos visitar as escolas, para onde as crianças vão, conhecemos o espaço e algumas professoras. Mas isso depende das educadoras, existem algumas que não vão, com os meus grupos de 5 anos gosto de fazer estas visitas, penso que é muito positivo para a criança nesta fase de transição. Escrevemos às professoras e depois vamos. Já fui à Corredoura, à Praceta, aos Acentos, lá a cima ao Atalaião que é onde eles iriam na passagem para o 1º Ciclo.

R- Sim, é sem dúvida uma boa forma de integração.

E principalmente com estas crianças consideradas de risco ou mais problemáticas...

I.C. – Ainda melhor, ainda melhor...

A criança já em si coitadinha é mais inibida, quando se vê numa escola diferente é muito complicado

R- Considera importante fazer passar a mensagem aos profissionais do 1º ciclo, que determinada criança é problemática ou possui mais dificuldades de aprendizagem.

I-C- Bem, a mim nunca me pediram para fazer relatórios e se algum dia alguém me pedir eu não faço. Não faço porquê? Porque acho que não posso nem devo rotular uma criança, se aos 5 anos ela só me atingiu isto, é evidente que a professora tem de agarrar no que ela conhece e tem de levar a para a frente. Se ela quer que ela já vá com isto (desenhou uma linha num papel), até porque uma criança anda em espiral, anda para cima anda para baixo, o conhecimento não é todo igual, o seu trato emocional também não está igual. Umas vezes as crianças surpreendem-nos na sala dos 5 anos não com seguiram atingir todos os objectivos propostos e depois ir para a escola e dar um salto e acompanhar bem. A mim nunca me pediram relatórios mas eu não os farei.

R- Mas por vezes pedem-nos para fazermos relatórios de avaliação

I.C. – Sim, algumas educadoras aqui também fazem, mas eu considero que a professora primeiro deve descer à criança e a conhecer

(Uma funcionária bateu à porta e disse que estava ali uma mãe de uma criança que queria pagar a mensalidade, a Irmã saiu e voltou poucos minutos depois)

R- Irmã em relação às perguntas que eu tinha é basicamente isto, queria agora pedir-lhe se fosse possível uma pequena descrição da instituição.

I.C. – O problema é que quem sabe isso são as irmãs ali daquele lado, elas é que lhe podem dizer. Eu só sei que foi assim isto foi um lar, depois foi um colégio, depois as Criaditas dos Pobres é que tinham aqui a casa, elas começaram a ter crianças ricas e como diziam que não era do carisma delas e então começaram a deixar a casa e passaram para nós a instituição e a obra e o prédio deram-no ao Sr. Bispo, foi uma coisa errada, uma vez que qualquer obra que nós queiramos aqui fazer não podemos porque isto não é nosso. Eu já uma vez pedi a uma delas para me fazer mas ela nunca me fez, elas é que sabem bem como nasceu esta obra. Herdámos a obra delas (Criaditas dos Pobres) e a nossa tornou-se no Centro Social Infantil “O Girassol” em 1989. Para trás dizem que é uma história maravilhosa mas eu não sei.

A casa já teve tempos livres mas neste momento já não tem porque não temos espaço.

Ao longo deste tempo temos feito algumas melhorias, mas numa casa como esta pouco há que se possa fazer ou alterar. É uma antiga casa rica, pelos lindíssimos tectos que possui e porque lá fora tem as argolas onde se prendiam os cavalos. Este edifício faz parte do património da cidade portanto não podemos modificar aqui nada.

R- A instituição tem espaço exterior?

I.C. – sim, tem, vou mudá-lo agora por causa das leis, tenho que o mudar todo. Assim que vim coloquei o piso de borracha mas há muito coisa que ainda não mudámos. É um espaço ainda grande que permite às crianças brincarem ao ar livre o que é sempre muito positivo numa casa como a nossa.

Quem entra aqui não tem ideia que existe este espaço cá dentro.

R- A irmã está há quanto tempo na casa?

I.C. – Estou à 7 anos.

R- Muito bem irmã penso que já tenho os dados que precisava. Agradeço imenso a sua participação. Já sabe que para o próximo ano é possível que tenha de vir mais vezes aqui ao Centro para a realização da minha dissertação.

Agradeço mais uma vez a sua disponibilidade. Muito Obrigada.

I.C- De nada. Sempre que precise venha ter connosco.



## Entrevista 6 - Centro Infantil Obra de Santa Zita de Portalegre

1- Quais os conceitos de criança e família em risco para esta instituição?

Não temos qualquer caso de crianças em risco na nossa instituição, mas seriam crianças que fossem vítimas de violências, sub nutridas, com falta de higiene ou que possuíssem deficiências físicas.

2- Qual a oferta educativa disponibilizada pela instituição no sentido de integrar crianças e famílias em risco?

Neste momento como já lhe disse não temos casos de crianças em risco mas caso isso acontecesse seria perfeitamente integrada nas salas existentes e caso necessário recorreríamos ao apoio mais conveniente.

3- O vosso Projecto Educativo visa facilitar a integração de crianças de risco através dos conteúdos abordados e das estratégias utilizadas?

No caso de crianças de risco o projecto teria de ser adaptado às suas necessidades. Qualquer tema pode ser abordado mas com os devidos ajustes.

Pode-se aproveitar as diferenças dessas crianças para criar Projectos relacionados com as suas vivências.

4- Existe trabalho individualizado por profissionais especializados com cada uma das crianças de risco?

Neste momento não, mas caso venham a existir casos, trataremos de arranjar o apoio conveniente.

5- Como se processa o trabalho individualizado?

Por norma deslocam-se profissionais da Segurança Social às nossas instalações. Já tivemos uns casos que eram apoiados pela Equipa de Intervenção Precoce. O apoio é feito na sala da criança.

6- Qual o trabalho realizado pela instituição com as famílias mais fragilizadas?

Sempre que possível são feitas reuniões com os pais. Tentamos sempre facilitar nos pagamentos quando vemos que algumas famílias estão com mais necessidade.

7- Considera que a educação Pré-Escolar tem contribuído de forma efectiva para colmatar as desigualdades e discriminar positivamente as crianças que mais precisam?

Sim, porque desde cedo a criança se integra, interage e socializa com outras crianças e com muitos adultos. Tudo isto contribui para uma formação mais humana. Ao mesmo tempo está a aprender regras e métodos de trabalho que a ajudará a manter o seu lugar na sociedade.

8- Como se tem procedido no combate às desigualdades?

Para nós as crianças são todas iguais. Tentamos facilitar no que nos é possível principalmente ao nível das mensalidades. Tentamos também valorizar ao máximo a criança junto do restante grupo.

9- Como se concretiza a discriminação positiva?

Aproveitando aquilo que a criança sabe e o melhor que a mesma tem para nos dar.

10- No trabalho realizado com crianças de risco há o cuidado de se partir sempre das concepções e das percepções que a mesma possui acerca do mundo que a rodeia?

Como já referi sim, há esse cuidado. Tentamos valorizar sempre aquilo que a criança sabe, muitas vezes motiva novas aprendizagens.

11- Como se conhecem as percepções?

Conhece-se através de conversas com pais, nas reuniões que se realizam, nas conversas com a criança, conhece-se pelo dia a dia que partilhamos no Jardim de Infância.

12- Como se alteram as percepções que a criança tem do mundo que a rodeia?

Vai-se alterando com o dia a dia. Pelas experiências que a mesma vai passando, a própria acaba por se aperceber que nem tudo é como ela pensava que era.

13- Existe articulação com o 1º Ciclo do ensino básico no sentido da transmissão de informação acerca da criança de risco?

Sim, sim. Realizamos sempre grelhas avaliativas de todas as crianças, em relação às crianças de risco temos mais cuidado e fazemos relatórios mais detalhados.

## Entrevista 7 - Jardim de Infância Os Traquinas de Fortios

1. Quais os conceitos de criança e família em risco para esta instituição?

Uma criança em situação de risco é toda e qualquer criança que se encontre em situação de fragilidade e em que o seu bem estar físico e/ou psicológico esteja a ser destabilizado.

2. Qual a oferta educativa disponibilizada pela instituição no sentido de integrar crianças e famílias em risco?

Tentamos dar o nosso melhor em tudo, mas o essencial é dar-mos mais atenção individualizada às crianças que por um motivo ou por outro se encontrem numa situação mais fragilizada.

3. O vosso Projecto Educativo visa facilitar a integração de crianças e situação de risco?

O nosso projecto é muito flexível, um projecto encontra-se sempre incompleto. Sem duvida que teremos que adaptá-lo sempre às necessidades das crianças que temos. Se se tratar de uma criança com NEE, ou com problemas familiares teremos que ter ainda mais atenção.

4. Existe trabalho individualizado por profissionais especializados com cada uma das crianças de risco?

Sim, nestes casos temos apoio pelos profissionais da equipa de intervenção precoce

5. Como se processa o trabalho individualizado?

Esses profissionais deslocam-se aqui, por norma duas vezes por semana e prestam uma atenção mais individualizada a essas crianças. Algumas vezes, esse apoio é prestado

dentro da sala de actividades, seguindo aquilo que se está a desenvolver, outras a criança é retirada para um local mais calmo e prestada uma atenção mais individualizadas com actividades mais específicas para o caso em questão.

6. Qual o trabalho realizado pela instituição com as famílias mais fragilizadas?

Não há um trabalho específico com as famílias, mas sim com as crianças, mas tentamos sempre encorajar e muitas vezes aconselhar.

Nos dias festivos há sempre convívios com as famílias.

7. Considera que a educação Pré-Escolar tem contribuído de forma efectiva para colmatar as desigualdades e discriminar positivamente as crianças que mais precisam?

Sem dúvida, muitas vezes é aqui que é feita a sinalização em casos mais complicados. Tentamos mostrar que as crianças são todas iguais e portanto para nós são mesmo todos iguais. Muitas vezes é no jardim de infância que a criança tem a alegria e o afecto que muitas vezes não tem em casa.

8. Como se tem procedido no combate às desigualdades?

Tentamos ajudar todas as crianças, dando-lhe uma imagem positiva de si mesma, incentivando-as e dando-lhes todo o apoio e amor que necessitam.

Tentamos sempre valorizar aquilo que as crianças sabem fazer bem.

9. Como se concretiza a discriminação positiva?

Um pouco como já referi dando-lhes uma imagem positiva deles mesmos e valorizando aquilo que sabem e aquilo que gostam. Tentamos explorar aquilo que cada uma sabe e depois valorizamos esses saberes. Algumas crianças explicam esses saberes o restante grupo e fazem-se coisas muito interessantes e enriquecedoras para todos.

10- Existe articulação com o 1º Ciclo do ensino básico no sentido da transmissão de informação acerca da criança de risco?

Sim. Principalmente nas festas populares e Natal, mas na saída para o 1º ciclo todas as crianças se fazem acompanhar pelo seu processo individual.

# Anexo 7

1ª Análise às entrevistas realizadas junto das IPSS's

## Entrevista no Centro Social e Diocesano de Santo António

### 1ª Análise

[Casos de risco]

3.1.1 – “(...) é uma situação de certa forma preocupante e que cada vez mais nos bate à porta a nível das instituições”

3.1.2 - “(...)durante muitos anos nunca tivemos e se calhar não temos essa preocupação efectiva”

3.1.3 – “(...) nós não temos aqui situações muito complicadas e as que são já estão devidamente acompanhadas (...)”

[Recepção de crianças institucionalizadas]

3.1.4 – “(...)temos aqui muitos meninos no Lar Sagrado Coração de Maria que à partida serão as situações de mais peso que são devidamente acompanhadas por nós enquanto instituição no apoio que lhe podemos dar.”

[Existências de crianças com NEE]

3.2.1 – “Sim, temos várias”

3.2.2- “(...)os mais graves são a nível motor”

[Mau ambiente familiar]

3.2.3 – “(...)também temos situações complicadas de maus ambientes familiares.”

[Falta de Higiene]

3.2.4 – “(...)já chegámos aqui a dar banho (...)”



[Má nutrição]

3.2.5 – “(...)depois é também a questão da alimentação.”

[Encaminhamento para Segurança Social]

3.2.6 – “(...) fizemos algum trabalho no sentido de comunicar à Segurança Social na altura (...)”

[Casos de risco]

3.2.7 – “Actualmente só temos considerada crianças de risco efectivamente aquelas crianças que estão connosco e que pertencem ao Lar Sagrada Coração de Maria”

3.2.8 – “(...)existe muitos casos de divórcios complicados.”

[Apoio de Especialistas]

3.2.9 – “(...)sempre que há uma necessidade mais efectiva nós recorremos à Equipa de intervenção precoce.”

[Pedido de ajuda dos pais]

3.2.10 – “Muitas vezes também são os pais que vêm connosco e nos pedem ajuda. Dizem-nos que estão a passar por esta fase assim assim agradecemos que fiquem mais atentos.”

[Crianças com NEE]

3.2.11 – “(...)temos aqui vários casos de deficiência comprovada e é assim, ultimamente tem-nos acontecido com mais frequência, muitas vezes ao nível da creche e muitas vezes em fase de muito bebé”

[Profissionais Especializados]

3.2.12 – “(...)temos aqui a enfermeira a trabalhar connosco que não está diariamente mas está em média connosco 3 a 4 manhãs.”

[Detecção de NEE nas crianças por parte da instituição]

3.3.1 – “(...)temos situações diferentes, temos situações em que somos nós a detectar e até chegarmos à família, de certa forma vamos devagarinho.”

[Papel da Equipa de Intervenção Precoce]

3.3.2 – “(...)a equipa de intervenção precoce tem tido um papel bastante importante, nós pedimos-lhe muito apoio, somos um pouco os intermediários entre as famílias e a equipa (...)”

[Dificuldade dos pais em encarar as necessidades dos filhos]

3.3.3 – “Para os pais é sempre muito difícil encarar quando somos nós a detectar algum tipo de problema e já tivemos situações em que quando alertámos pura e simplesmente perdemos os meninos porque os pais os retiraram”

[Descrição]

3.3.4 – “(...) fazemos tudo com grande naturalidade, serenidade e sem grandes alaridos. Cada qual tem direito à sua privacidade e não à necessidade de espalhar algumas coisas para fora.”

[Trabalho com as famílias]

3.4.1 – “É fundamental que haja abertura com a família para a alertar e informar de tudo o que se passa.”

3.4.3 – *“Queremos que haja um cuidado muito directo com a família (...)”*

3.4.4 – *“Nós vivemos aqui os problemas das famílias quase como se fossem nossos, eles procuram-nos para falar e muitas vezes para desabafar.”*

[Atendimento personalizado]

3.4.2 – *“(...)queríamos ter um atendimento mais personalizado, mais grupos mais pequenos, lutar por um ambiente familiar, tentar ter certos e determinados serviços que os outros não tinham.”*

[Ajuda financeira às famílias]

3.4.5 – *“(...)há dias veio uma mãe muito aflita porque não podia pagar a mensalidade porque andava em baixo de finanças e porque tinha ido ao médico com a filha e ela teria de usar óculos. (...)A senhora andava com problemas e então nós comprámos-lhe os óculos”*

[Encaminhamento para a Segurança Social]

3.4.6 – *“Nós encaminhamos também as famílias para a segurança social quando existem problemas desde género, somos nós que falamos com os profissionais que lá trabalham no sentido de encaminhar os pais mais necessitados.”*

[Acolhimento de crianças com NEE como forma de proporcionar uma melhor qualidade de vida aos pais]

3.5.1- *“Temos cá também uma criança, com uma situação muito, muito, muito complicada, ela tem epilepsia, paralisia cerebral, enfim (...)esperança de vida muito reduzida (...)estamos a ajudar aquela família no sentido de a libertar um pouco. (...)O*

*nosso papel e objectivo fundamental ao recebermos a menina é dar alguma tranquilidade aos pais e dar-lhe na medida do possível dar-lhe uma vida normal”*

[Dificuldades na relação pais-escola]

3.5.2 – *“Tenho muita pena porque muitas colegas por vezes não tenham sensibilidade e não desçam aos pais, que não falem com eles, muitas vezes são os próprios profissionais que não permitem essa continuidade, essa proximidade e essa ligação. Temos que ir sempre pelas relações humanas que para mim são o essencial.”*

[Apoio individualizado]

3.5.3 – *“(…) terapeutas, psicólogas, educadora de apoio e até a enfermeira (…)”*

3.6.1 – *“Apoiam as crianças mais problemáticas, as que mais precisam têm mais apoio e durante mais tempo”*

[Preferência por pessoal em vez de mais material]

3.6.2 – *“Eu prefiro sempre ter mais pessoal do que bom equipamento, em vez de gastarmos muito dinheiro em material preferimos ter pessoal que nos faz muito falta para dar apoio o mais individualmente possível às crianças.”*

[Projecto Educativo]

3.6.3 – *“São os elementos naturais ( ar, água, terra, ar). Evidentemente que o projecto tem de ser adaptado a cada criança individualmente. Dentro do que é feito para o restante grupo as actividades são adaptadas às crianças mais problemáticas.”*

[Profissionais Especializados]

3.6.4 – *“(…) temos apenas a equipa de intervenção precoce e todos os seus profissionais. Temos a enfermeira como já lhe disse e uma Educadora de Apoio que dá apoio a todas as salas em horário pré-definido”*

[Casos de divórcios complicados]

3.6.5 – *“Há também muitos problemas com divórcios muito complexos. As crianças encontram-se no meio dessas situações e muitas vezes já pedimos à psicóloga para ter conversas com essas crianças. Por norma a rentabilidade diminui e a concentração também tal como a produtividade.”*

[Ligação com 1º Ciclo]

3.6.6 – *“Sim sim, fazemos visitas às escolas de 1º Ciclo e realizamos relatórios detalhados sobre as principais dificuldades de cada criança. Queremos que eles tenham contacto com salas que são diferentes. Por vezes iam fazer uma ficha. Algo mais a sério. Aos poucos ir integrando a criança sem que ela caia ali de pára-quadras.”*

## Entrevista – Santa Casa da Misericórdia de Alegrete

### 1º Tratamento da Entrevista

[conceitos de crianças em risco]

2.1.1 – “(...)crianças que sofriram de alguns abusos por parte dos pais, sofriram de violência e não tinham o mínimo de um estrutura familiar”

[Encaminhamento das crianças]

2.1.2 – “(...)foram reencaminhados para o internato e uma das irmãs para a Cerci.

[Existência de casos de crianças de risco]

2.1.3 – “Temos uma criança que eu nem sei bem se pode ser considerada de risco, isto porquê? É uma criança que foi adoptada por uma família daqui e tinha 4 anos, portanto nós consideramos que temos que ter alguns cuidados especiais uma vez que mudou de família, mudou de instituição e foi uma grande confusão para a cabeça dela.”

2.1.5 – “(...)sim é uma criança que quando chegou cá tinha 3 anos e meio e usava fralda. Todo o seu desenvolvimento atrasou um pouco. “

[Apoio de Profissionais Especializados]

2.1.4 – “Neste momento ela só tem apoio individualizado ao nível da Terapia da fala (...)”

2.2.1 – “Infelizmente não temos profissionais especializados na nossa instituição, mas vêm profissionais da segurança social que faz esse apoio”

[Disponibilização do espaço]

2.2.2 - “ (...) disponibilizamos o espaço para que eles possam trabalhar. Estamos abertos a todos os profissionais especializados que venham trabalhar para o bem das nossas crianças”.

[Acessibilidades]

2.2.3 – “O único inconveniente isto se estivermos a falar de uma criança com dificuldades motoras é que para entrar no Jardim de Infância é necessário descer algumas escadas.”

[Projecto Educativo]

2.2.4 – “O projecto educativo foi elaborada para três anos 2005 a 2008 e chama-se “Temas da Vida” e o plano Anual de Actividades é “As nossas raízes culturais” e depois baseado nisto fazemos então a planificação semanal.”

[Trabalho com as famílias]

2.3.1 – “Neste momento a instituição está com uma grande abertura perante a comunidade e principalmente com os pais. Fazemos reuniões trimestrais para darmos a conhecer a avaliação e o desenvolvimento da criança. Estamos sempre abertos para esclarecer os pais, mas há um dia que a educadora recebe os pais individualmente. Como somos uma instituição pequenina há um encontro diário com pais e vai-se pondo ao corrente a situação em que os mesmos se encontram a todos os níveis.”

[Importância da passagem pelo Pré-Escolar]

2.3.2 – “(...)todas as crianças têm os mesmo direitos e é obvio que têm muitos benefícios em estar num Pré-Escolar junto de outras crianças, quer ao nível do seu desenvolvimento quer da sua integração na sociedade. Ela ai ter de ser integrada e portanto quanto mais cedo se fizer essa integração melhor.”

[Concepções Prévias]

2.3.3 – “(...)temos uma rotina, normalmente à segunda feira, não em todas mas em algumas geralmente há trabalhos sobre o que se passou no fim e semana, um desenho, um cartaz, uma pintura, uma colagem, etc, e muitas vezes parte-se desse trabalho para se realizarem outros, partindo daquilo que retrataram e das vivências que tiveram.

[Articulação com o 1º Ciclo]

2.4.1 – “(...) em alguns casos sim. Principalmente as crianças mais problemáticas. Nesses casos a educadora faz um relatório. Mas as restantes crianças por norma não nos é pedido.”

[Dificuldade por parte dos pais em aceitar as limitações dos seus filhos]

2.5.1 – “(...)é difícil também nestes sítios pequenos rotular certas crianças como estando em situação de risco. Os pais muitas vezes não aceitam. Muitas vezes tentamos sinalizar casos e os pais não aceitam e aí não podemos fazer nada. Ficamos apenas de consciência tranquila porque tentámos mudar as coisas.”



## Entrevista ao Centro Social de S. Bartolomeu

### 1º tratamento da entrevista

1.1.1 - [Conceitos de crianças e famílias em risco] (...) *toda e qualquer criança que possui carências emocionais, má nutrição, má alimentação, abusos familiares ou ainda que possua deficiências físicas ou atrasos psicológicos.*

1.1.2 - [Prioridades] (...) *preferência à entrada de crianças que se encontrem em situação de risco. Há sempre lugar para mais um. (...)*

1.1.3. [Apoio Individualizado] (...) *são acompanhadas por profissionais especializados da Segurança Social ou da Equipa de Intervenção Precoce que com eles trabalham individualmente.*

1.1.4 [Mensalidade] (...) *em caso de famílias carenciadas as crianças permanecem na instituição sem qualquer tipo de mensalidade.*

1.1.5 [Alimentação] *Em muitos casos enviamos o jantar para casa (...)*

1.1.6 [Oferta de emprego] (...) *já chegámos até a acolher mães na nossa instituição dando-lhe trabalho.*

1.1.7 [Distribuição de bens alimentares e de consumo] *São também seleccionadas as famílias mais carenciadas a quem são dados frequentemente bens alimentares e de consumo vindos do Banco Alimentar.*

1.1.8 [Adequabilidade do Projecto Educativo à integração de crianças de risco] *Evidentemente que sim (...)*

1.1.9 *Penso que é um tema muito actual e que está muito relacionado com a questão das crianças de risco.*

1.1.10 [Tema do Projecto Educativo] *“A Educação para a Saúde e para a Diferença”*

1.1.10 [Importância da utilização de conteúdos e estratégias nos projectos educativos que facilitem a integração de crianças de risco] *É fundamental que se eduque no sentido de mostrar somos todos diferentes mas no fundo somos todos iguais.*

1.1.11 *É importante que se mostre que todos temos o nosso valor apesar das nossas diferenças e das nossas limitações (...)*

1.1.12 *Cada vez temos mais etnias e culturas diferentes nas nossas escolas é fundamental que nas nossas Práticas Pedagógicas se valorize essas mesmas culturas, trazendo para a escola informação acerca das mesmas*

1.2.1 (...) *há uma troca de saberes e as crianças que se integram de novo na escola também se irão sentir mais familiarizadas e conseqüentemente mais integradas.*

1.2.2 [Apoio Individualizado] *cada educadora (...) tenta sempre utilizar as estratégias mais indicadas para cada uma dessas crianças, dando-lhe apoio individualizado sempre que necessário*

1.2.3 [Apoio Individualizado] (...) *temos toda a Equipa de Intervenção Precoce a trabalhar connosco (psicólogos, terapeutas da fala, terapeutas ocupacionais), temos também psicólogos e assistentes sociais da Segurança Social.*

1.2.4 [Calendarização dos apoios] (...) *calendarizados ao longo da semana.*

1.2.5 [Estratégias utilizadas pelos profissionais para trabalhar com as crianças] (...) *os profissionais vão buscar as crianças às suas salas e levam-nas para um gabinete onde lhes dão uma atenção muito individualizada (...)*

1.2.6 (...) *Outras vezes são acompanhados directamente na sala de actividades*

1.2.7 [Apoio à família pelos profissionais] (...) *fazem um apoio à família, no sentido de a ajudar a ser membro de uma sociedade.*

1.2.8 [Apoio às famílias pela instituição] *Fazemos um grande trabalho com as famílias*

1.2.9 *Somos muitas vezes os conselheiros e a voz amiga que eles procuram*

1.3.1 *Ajudamos as famílias mais carenciadas na questão das mensalidades, sendo que temos muitas crianças de não pagam qualquer valor.*

1.3.2 (...) *são também muitas as famílias que levam comida daqui para o jantar.*

1.3.3 (...) *tentamos com a nossa ajuda que é mínima dar alguma qualidade de vida dentro do que nos é possível.*

1.3.4 *Fazemos reuniões frequentes na presença das educadoras responsáveis (...)*

1.3.5 (...) *fornecemos roupa e comida vinda do Banco Alimentar.*

1.3.6 *Já temos até mesmo dado trabalho a algumas mães que nos procuram como é agora um caso que a Segurança Social nos encaminhou de uma mãe vítima de violência doméstica com três filhos. Temos as crianças a custo zero na instituição e temos a mãe a colaborar connosco nos serviços gerais da instituição.*

[Contributos da Educação Pré-Escolar no sentido de colmatar as desigualdades]

1.3.7 (...) *é muitas vezes com a passagem pelo Pré-Escolar que se consegue de certa forma colmatar desigualdades*

1.3.8 *As crianças socializam-se, interagem, ganham regras de higiene e bem estar.*

1.3.9 *Aprendem métodos de trabalho que futuramente lhes facilitará o ingresso no 1º Ciclo.*

1.3.10 *Muitas vezes são as próprias crianças que passam também essas mesmas regras para as próprias famílias.*

1.3.11 *É de todo uma mais valia (...)fundamentalmente para crianças que se encontrem em situação de risco que só têm a ganhar (...)quando saem daqui são crianças completamente integradas e capazes (...)*

[Procedimentos no combate às desigualdades]

1.3.12 *(...) tentamos que todas as crianças sejam iguais dando a todas as mesmas oportunidades*

1.4.1 *Tentamos sempre facilitar no pagamento das mensalidades para que as crianças mais problemáticas venham para a escola (...)*

1.4.2 *(...) há da nossa parte uma ajuda na higiene pessoal da criança (...)*

1.4.3 *(...) mandamos muitas vezes roupas para casa que nos são trazidas novas por outros pais de outras crianças*

[Concretização de discriminação positiva]

1.4.4 *Sempre no sentido de que as crianças são todas iguais, partindo sempre daquilo que a criança tem de bom e daquilo que tem também para nos ensinar.*

[Concepções prévias das crianças]

1.4.5 *Sim, sim (...)*

1.4.6 *(...) partimos sempre daquilo que a criança sabe e das vivências que a mesma tem para depois provocarmos mudanças conceptuais e transmitirmos aprendizagens realmente significativas.*

1.4.7 *É uma excelente forma de integrar essas crianças valorizando os seus saberes, colocando-as a ensinar coisas que as mesmas sabem aos colegas.*

1.4.8 É uma forma de obterem uma grande auto-estima e consequentemente motivam-se mais para novas aprendizagens.

1.5.1 *Essas concepções conhecem-se falando com a criança, é fundamental que tanto a educadora, como os profissionais que trabalhem directamente com ela falem com ela para perceber aquilo que ela sabe e aquilo que mais a motiva*

1.5.2 *(...)fundamental também que se observe o seu comportamento dentro do espaço de sala de aula como fora dela.*

1.5.3 *As suas conversas, as suas brincadeiras e os seus desenhos revelam muito sobre si.*

1.5.4 *As educadoras tentam sempre utilizar essas percepções adaptando-as aos conteúdos dos seus projectos. Muitas vezes surgem até mesmo temas imprevistos trazidos por essas crianças que bem aproveitados dão origem a projectos interessantíssimos.*

1.5.5 *De forma transversal se utilizarmos esses saberes da criança estamos a valorizá-la, a dar-lhe auto-estima a mesma deixará se sentir colocada de parte e passa a fazer parte de um grupo onde ela tem o seu lugar, onde ela com aquilo que sabe é útil às aprendizagens dos restantes colegas.*

1.5.6 *Através de boas práticas, desde que antes se tenha valorizado aquilo que a criança sabe, levá-la de forma experimental, divertida e lúdica a perceber que as coisas não são bem como a mesma pensava que eram, provocando a tal mudança conceptual.*

1.5.7 *O método experimental é uma boa estratégia para mudar concepções.*

1.5.8 *Muitas vezes uma simples conversa é suficiente para que haja aprendizagens significativas por parte da criança.*

[Articulação com o 1º Ciclo]

1.6.1 *Sim, existe.*

1.6.2 (...) *as salas de 5 anos passam sempre algumas manhãs nas escolas de 1º Ciclo aqui da cidade.*

1.6.3 *Conhecem os espaços físicos e já têm feito algumas actividades. É muito positivo para elas pois desta forma no ano seguinte estão a ir para um sítio que já não é completamente novo.*

1.6.4 *As educadoras realizam sempre grelhas de avaliação que fazem passar para as professoras de 1º Ciclo*

1.6.5 *Nos casos de crianças mais problemáticas são feitos relatórios pelas Educadoras e muitas vezes também por profissionais que tenham acompanhado a criança, relatórios esses que a acompanham na sua transição*

1.6.6 *Em casos mais graves já têm sido feitas reuniões com as professoras de 1º Ciclo no ano seguinte para as por ao corrente das situações, o que na minha opinião é muito importante, pois facilitará certamente a sua integração.*

## Entrevista Jardim Infantil “O Girassol”

### 1ª Análise

[Conceitos de criança em risco]

5.1.1 – “(...)viver sozinha (...)pode não ter o amor necessário (...)Pode não ter higiene e está em risco, pode não ter a alimentação adequada e está em risco.”

5.1.2 – “Só brincam com os brinquedos e não têm a afectividade que é o principal.”

[Oferta Educativa Disponibilizada a crianças de risco]

5.1.3 – “Desde que a gente tenha vaga, integramos e damos prioridade a eles e muitas vezes fechamos os olhos, admitimo-la e fica gratuitas”

[Casos de risco na instituição]

5.1.4 – “Estão a tornar-se cada vez... às vezes a gente até fica parva, por uma simples discussão entre pais mandam-nas logo para a intervenção precoce e agente fica parva”

5.1.5 – “É verdade ao mais pequeno problema ligam logo para a instituição para saber como é que a criança vem, quem é que a traz, quem é que a leva, se vem bem vestida, se vem higiénica se vem com maus tratos... Para mim são mais graves os maus tratos psicológicos do que os físicos e muitas vezes eles não têm isso em atenção”

[Apoio por profissionais especializados]

5.2.1 – “Sim, temos terapeutas da fala, terapeutas ocupacionais, educadoras de apoio (...)”

[Apoio individualizado pelos profissionais da instituição]

5.2.2 – *“As restantes crianças que não estão cobertas com nenhum programa de apoio somos nós com a nossa paciência e o nosso carinho que as acolhemos e integramos o melhor possível”*

[Número de crianças com apoio]

5.2.3 – *“Com apoio directo e individualizado temos quatro casos(...)”*

[Totalidade das crianças]

5.2.4 – *“No total são 125 crianças”*

[Projecto Educativo]

5.2.5 – *“(...)a Prevenção Rodoviária e a Segurança. Cada educadora constrói o seu plano curricular de acordo com o plano de actividades para aquele ano.”*

[Existência de crianças com N.E.E.]

5.2.6 – *“Neste momentos temos uma criança surda que está a ser acompanhada mas só no período da manhã, mas ainda é muito bebé”*

[Acessibilidades]

5.3.1 – *“Seria muito difícil meter crianças com deficiência motora nesta instituição porque eu não tenho rampa e ninguém me pode obrigar a colocar rampa. Nesse caso terá de frequentar outras instituições que não aqui”.*



[Trabalho com as famílias]

5.3.2 – *“O trabalho é mais com a própria criança. Muitas vezes os pais vêm falar conosco que têm dificuldade em pagar isto ou aquilo e olhe fecho os olhos e pago (...) nós temos aqui uma assistente social e portanto ela trata de alguns problemas que vão surgindo. Há muitos problemas financeiros mas as pessoas não gostam de se expor.”*

5.3.3 – *“Muitas vezes os pais não aceitam as regras estabelecidas pela instituição... é difícil (...)”*

[Importância da passagem pelo pré-Escolar]

5.3.4 – *“Sim, porque desta forma a criança irá sentir-se mais integrada. Queremos dar oportunidades a todos, deve haver uma igualdade de oportunidades.”*

5.3.5- . *“Existem crianças de culturas diferentes, mas quem entre cá para dentro é atendida por si e não em massa.”*

5.3.6 – *“Para mim todas as crianças têm direito a ter as mesmas riquezas e experiências (...)”*

[Concepções prévias]

5.4.1 – *“Sim, há o cuidado de partir sempre das concepções que as crianças têm e há o cuidado de acelerar o que está mais atrasado (...)”*

5.4.2 – *“(...)mas já temos tido uma ou outra criança que explica coisas sobre a vida no campo e no dia da árvore explica sempre como devemos fazer (...)”*

[Homogeneidade cultural]

5.4.3 – *“Mas aqui na instituição temos um grupo muito homogéneo (...) temos só temos uma “chinezinha” e uma “pretinha”.*

[Articulação com o 1º ciclo]

5.5.1 – *“Sim, nós vamos visitar as escolas, para onde as crianças vão, conhecemos o espaço e algumas professoras.”*

5.5.2 – *“Bem, a mim nunca me pediram para fazer relatórios e se algum dia alguém me pedir eu não faço. Não faço porquê? Porque acho que não posso nem devo rotular uma criança, se aos 5 anos (...)”*

5.5.3 – *“(...)considero que a professora primeiro deve descer à criança e a conhecer (...)”*

## Entrevista – Centro de Bem estar social da Urra

### 1ª Análise

[Existência de crianças em risco na instituição]

4.1.1 - “(...)nós aqui não temos muitos problemas a esse nível de crianças em risco(...)”

4.1.3 – “Neste momento não temos nenhum caso, não temos casos em que notemos que há má nutrição ou falta de higiene, nada disso...”

[Conceito de criança em risco]

4.1.2 – “(...)para nós criança em risco será uma criança em que se pudesse detectar ou maus tratos ou que nós vissemos em questão de higiene ou em alimentação”

[Encaminhamento de crianças de risco para a instituição]

4.1.4 – “Não, não”

[Oferta Educativa especializada para crianças de risco]

4.1.5 - “Sim existe.”

4.1.6 – “(...)tivemos um contacto (...)se nós tínhamos hipótese de acolher uma criança (...)e sim, temos possibilidade de a acolher.”

[Projecto Educativo]

4.2.1 – “Cada educadora faz o seu plano anual e não há apenas um tema, cada uma de acordo com o grupo que tem adequa os conteúdos às necessidades de cada um (...)”

[Adequação dos projectos a casos de risco]

4.2.2 – “Sim”

[Apoio Individualizado]

4.2.3 – “(...) nós temos um caso de um menino que vem cá uma psicóloga, vem cá uma socióloga, (...)”

4.2.4 – “Sim, sim, pessoas externas também vêm, por exemplo no caso do outro menino que tivemos ele tinha deficiência motora, por isso tinha tudo dentro da fisioterapia. Agora com este menino não, vem portanto uma pessoa que é uma psicóloga, vem uma educadora do ensino especial e mesmo dentro da instituição este menino tem trabalho individualizado”

[Trabalho com as famílias]

4.3.1 – “Há. Há várias reuniões, para além de todos os dias falarmos com os pais, mas há várias reuniões, algumas só da escola com os pais outras com a escola e com a equipa de intervenção Precoce.”

[Importância da Educação Pré-Escolar na integração de crianças de risco]

4.3.2 – “(...) eu penso que é uma grande ajuda, penso que é, porque de repente nota-se o trabalho. Quando uma criança chega, como este miúdo, ele ao início ficava muito aterrorizado e agora para ele é tudo normal”

4.3.3 – “Os colegas também já agem com naturalidade, eles já sabem que quando lhe acontece aquilo ele não faz mal a ninguém (...)”

4.3.4 – “Ai penso que sim, acho que se deve integrar todas as crianças sejam elas de cor ou raça diferente e nunca a colocar de parte.”

[Homogeneidade das crianças]

4.4.1 – *“Sim, a maioria das pessoas vive aqui, como há pouco oferta habitacional, não vêm muitas pessoas para aqui viver. As que vivem são aquelas que têm aqui raízes e então não se verificam aqui muitas culturas diferentes”*

[Concepções prévias]

4.4.2 – *“(…) sim é importante (…) isso é sempre valorizado (…)”*

4.4.3 – *“A fase de integração é sem dúvida uma fase em que se valoriza tudo aquilo que a criança já viveu bem como as aprendizagens que já efectuou.”*

4.4.4 – *“Primeiro que tudo começamos por aquilo que eles trazem e depois então é que se tenta adaptar àquilo que funciona aqui.”*

4.4.6 – *“Pode surgir um menino que goste muito de animais se calhar se eu aproveitar isso para o motivar e para o integrar tudo estará mais facilitado”*

[Contactos com os pais]

4.4.5 – *“(…)é muito importante o contacto com os pais para que se saiba aquilo que a criança sabe e os modos de vida e cada um.”*

[Continuidade com o 1º Ciclo]

4.5.1 – *“Sim, segue sempre um relatório (…)”*

4.5.2 – *“(…)porque nós aqui é assim, trabalhamos muito em conjunto, pelo Carnaval, santos populares, etc, trabalhamos muito em conjunto com as escolas, por isso há um muito bom relacionamento entre todos”*

4.5.3 – “(...) aqui também é um meio mais pequeno, as crianças são poucas e há uma grande proximidade de trabalho entre nós e a escola do 1º Ciclo”

4.5.4 – “Por exemplo a professora que apanhou o grupo dos 5 anos o ano passado é uma senhora que tem aqui dois filhos, por isso como vê à grande proximidade entre todos, é uma grande família.”

4.5.5 – “Ela própria já conhecia as crianças e os trabalhos que as mesmas desenvolviam e vive-versa.”

4.5.6 – “É claro que se se tratar de crianças de risco o relatório terá de ser mais detalhado e pormenorizado.”

## Entrevista Centro Infantil Obra de Santa Zita de Portalegre

### 1ª Análise

#### [Conceitos de criança em risco]

6.1.1 – *“Não temos qualquer caso de crianças em risco na nossa instituição, mas seriam “crianças que fossem vítimas de violências, sub nutridas, com falta de higiene ou que possuíssem deficiências físicas.”*

#### [Oferta Educativa]

6.1.2 - *“(…)seria perfeitamente integrada nas salas existentes e caso necessário recorreríamos ao apoio mais conveniente.”*

#### [Projecto Educativo]

6.1.3 – *“No caso de crianças de risco o projecto teria de ser adaptado às suas necessidades. Qualquer tema pode ser abordado mas com os devidos ajustes.”*

6.1.4 – *“Pode-se aproveitar as diferenças dessas crianças para criar Projectos relacionados com as suas vivências”*

#### [Apoios Educativos]

6.2.1 – *“Por norma deslocam-se profissionais da Segurança Social às nossas instalações.”*

6.2.2 – *“Já tivemos uns casos que eram apoiados pela Equipa de Intervenção Precoce”.*

6.2.3 – *“O apoio é feito na sala da criança.”*

[Trabalho com as famílias]

6.2.4 – *“Sempre que possível são feitas reuniões com os pais.”*

6.2.5 – *“Tentamos sempre facilitar nos pagamentos quando vemos que algumas famílias estão com mais necessidade”*

[Importância do Pré-Escolar na integração de crianças de risco]

6.2.6 – *“Sim, porque desde cedo a crianças se integra, interage e socializa com outras crianças e com muitos adultos. Tudo isto contribui para uma formação mais humana.”*

6.2.7- *“ Ao mesmo tempo está a aprender regras e métodos de trabalho que a ajudará a manter o seu lugar na sociedade.”*

[Procedimento no combate às desigualdades]

6.2.8 – *“Para nós as crianças são todas iguais”*

6.2.9 – *“Tentamos facilitar no que nos é possível principalmente ao nível das mensalidades”*

6.2.10 – *“Tentamos também valorizar ao máximo a criança junto do restante grupo.”*

[Concepções Prévias]

6.2.11 – *“Aproveitando aquilo que a criança sabe e o melhor que a mesma tem para nos dar.”*

6.3.1 – *“Tentamos valorizar sempre aquilo que a criança sabe, muitas vezes motiva novas aprendizagens.”*

6.3.2 – *“Conhece-se através de conversas com pais, nas reuniões que se realizam (...)”*

6.3.3 – *“(...)nas conversas com a criança (...)”*

6.3.4 – *“(...)conhece-se pelo dia a dia que partilhamos no Jardim de Infância*



6.3.5 – *“Vai-se alterando com o dia a dia. Pelas experiências que a mesma vai passando, a própria acaba por se aperceber que nem tudo é como ela pensava que era.”*

[Articulação com o 1º Ciclo]

6.3.6 – *“Realizamos sempre grelhas avaliativas de todas as crianças (...)”*

6.3.7- *“(...) em relação às crianças de risco temos mais cuidado e fazemos relatórios mais detalhado.*

# Anexo 8

Transcrição das entrevistas realizadas aos Jardins de  
Infância da rede pública

## Entrevista em Vale de Cavalos – Entrevista 1

R- Olá Nina boa tarde, vamos então dar início à entrevista e vou começar por perguntar qual o conceito de criança em situação de risco para a escola de Vale de Cavalos?

E- Começaríamos pela observação da criança para identificar eventuais problemas que a criança tivesse e depois tentaríamos descrever também o contexto em que a criança esta inserida de maneira a ver também se haveria alguma problemática associada ao contexto em que a criança estivesse, principalmente a família.

R- Existe algum caso de risco no grupo de crianças que frequentam o Pré-Escola na escola de Vale de Cavalos?

E- Não. Nenhum caso. Nada. Felizmente.

R- A escola tem alguma oferta educativa especializada caso exista alguma criança em situação de risco, ou não?

E- Nós recorremos aos apoios educativos e à equipa de intervenção precoce, é o que temos ao nosso dispor para esse tipo de situações.

R- Ao nível do agrupamento também não têm profissionais especializados? Como é o caso por exemplo de psicólogos?

E- Sim, há uma psicóloga mas as disponibilidades são muito reduzidas uma vez que o agrupamento é muito grande.

R- Existe algum tipo de trabalho realizado com as famílias mais carenciadas ou mais fragilizadas? Esse trabalho é feito pela escola ou não?

E- É assim a escola procura acompanhar as famílias e as crianças, no sentido de conversar com os pais, dar apoio mas no fundo, digamos que não há um trabalho digamos que especializado.

R- Existe alguma parceria entre a escola e algumas instituições para além das que já falámos?

E- Não, apenas essas e muitas vezes não dão resposta adequada, porque cada vez mais existem casos e é muito difícil satisfazer todas as necessidades.

Por exemplo eu tive uma criança, que não era uma criança em risco, mas era uma criança com problemas de linguagem que ia entrar para o 1º Ciclo e eu pedi o apoio da intervenção Precoce logo no princípio do ano e nunca obtive esse apoio.

R- Tem necessidade de adaptar o seu projecto de sala a alguma criança em particular?

E- Não, não, não, não, não. Não tenho nenhuma criança sinalizada, nada.

R- Considera que a Educação Pré-Escolar tem contribuído para colmatar as desigualdades sociais e de integração das crianças, bem como detectar precocemente casos de crianças em situação de risco?

E- Sim, sem dúvida e os profissionais de educação pré-escolar também são pessoas a grande maioria deles que estão sensíveis a esse trabalho com as crianças nessas condições e também com as famílias no caso de as haver. E a ligação estreita que a Educação Pré-Escolar não direi todos os profissionais mas a grande maioria procura ter uma ligação estreita com a família dado a idade das crianças e isso também ajuda a conseguir ultrapassar algumas dificuldades das crianças, através dessa boa relação e dessa relação estreita com as famílias.

R- Como é feita a articulação da passagem das crianças do Pré-Escolar para o 1º Ciclo do Ensino Básico?

E- Essa articulação no nosso caso está muito facilitada porque os dois níveis de ensino estão juntos no mesmo sítio e isso está garantido em princípio, depois trabalho com o professor do 1º ciclo também é realizado, até porque é fácil estamos lado a lado, o ano

passado tínhamos apenas uma porta que nos separava, este ano estamos mais separados porque há duas salas de 1º ciclo e uma de jardim de infância.

R- Pois, eu até pensava que funcionava em Alegrete o 1º Ciclo e em Vale de Cavalos o Jardim de Infância.

E- Pois, não, em Alegrete é que só funciona o 1º Ciclo, ali funciona o 1º Ciclo e o Pré-Escolar.

R- Qual a totalidade de crianças que tem no Pré-Escolar?

E- Ao todo são 14 crianças.

R- E, portanto dessas 14 crianças não existem nenhuma que se possa considerar estar em situação de risco?

E- É assim eu tenho um caso de um menino que tem alguma dificuldade na articulação das palavras, mas não me parece razoável sinalizar uma vez que é um menino que tem apenas três anos, Acho muito cedo para o fazer e que ver primeiro a sua evolução. Estou convicta que até à sua entrada para o primeiro ciclo a criança há-de evoluir e ultrapassar aquele pequeno problema.

É um bom grupo, são crianças filhos de famílias organizadas, que se preocupam com a educação das suas crianças, que participam na vida da escola, que são interessadas. Corre tudo bem. É um ambiente muito familiar.

R- Ok Nina. Então ficamos por aqui. Obrigado pela sua disponibilidade e pela sua ajuda.

E- De nada, estou sempre ao seu dispor para mais alguma que precisar.

## **Entrevista na Escola da Corredoura – Entrevista 2**

R- Boa tarde, às duas, vamos então dar início a esta entrevista.

Em primeiro lugar saber se existem ou não situações de risco aqui na escola da Corredoura.

E- Aqui não há nada a assinalar.

R- Nada, de nada? Nem situações de N.E.E.?

E- Não

R- Então o que é que para esta escola seria considerada uma criança em situação de risco? Uma criança que sentissem necessidade de sinalizar?

E- (silêncio)

R- Sim, portanto no vosso grupo de crianças se há alguma que tenha algum tipo de risco seja físico, social ou psicológico?

E- Em termos cognitivo sinalizamos quando sentimos que não estão a cumprir os objectivos e a seguir os planos de actividades e a atingir as competências, a nível social quando vemos que elas não têm os cuidados principais básicos ao nível da higiene, alimentação, carinho, afectividade, etc. A nível emocional quando sentimos que a criança por qualquer razão não está bem. Muitas vezes a criança esconde e temos que pesquisar o que se passa.

A nível cognitivo e tal como a minha colega diz, sinalizamos a criança, após um trabalho com pais, de um estudo aprofundado sobre a criança, porque é muito complicado sinalizar uma criança.

R- Esta escola tem alguma oferta específica para estes casos ou não?

E- A escola recorre à Intervenção Precoce que dá a resposta de acordo com as necessidades da criança.

R- E a escola tem algum tipo de apoio quer seja psicólogos ou educadores de apoio para estes tipos de casos?

E- Temos uma professora de apoio que se desloca pelas salas e também a psicóloga que pertence ao agrupamento e que faz acompanhamento sempre que possível.

R- No que diz respeito a parcerias com a escola existe mais alguma para além da Intervenção Precoce?

E- Não, apenas se a Intervenção Precoce detectar maus tratos ou mais alguma situação que o exija encaminha os casos para o Centro de Saúde ou para a Segurança Social mas sempre tudo com o apoio da Intervenção Precoce.

R- Portanto nesta sala podemos dizer que existe um caso?

E- Até podemos dizer que há dois casos. Há um caso com problemas de linguagem que está a ser tratado e trabalhado com a família. Este menino vai duas vezes por semana à terapeuta da fala. Foi um caso em que foi a família que recorreu não foi através da escola. Há também outra criança com situação de risco que neste momento está a ser apoiada que neste momento está inserida numa família de acolhimento, que por enquanto é de acolhimento com possível adopção futura. As coisas não estão muito mal porque ela agora também tem contactos com a família.

R- Portanto não há necessidade de adaptarem o vosso projecto de sala a nenhum caso em particular.?

E- Não. Nada.

R- Este segundo caso, tem algum tipo de apoio específico que venha aqui à sala regularmente.

E- Sim. Tem a psicóloga. Que vem aqui trabalhar com ela e eu trabalho com a psicóloga que não é a do Agrupamento mas sim a da Intervenção Precoce.

R- Qual é a regularidade com que a psicóloga se desloca à escola?

E- Vem aqui uma vez por semana e depois nós reunimo-nos quinzenalmente ou mensalmente, para partilhar, para ver com é que eu vou trabalhar com ela, ao fim ao cabo é para darmos dicas uma à outra.

R- Existe algum trabalho específico das educadoras com as famílias as crianças?

E- Não. Até agora não houve necessidade uma vez que a Intervenção Precoce tem feito a ligação entre a escola e as famílias.

R- Consideram que o Pré-Escolar é uma fase decisiva para se detectar estes casos.

E- Sim, obviamente que sim. Qualquer bom educador tem de estar atento todos estes sinais e não pode deixar passar porque muitas vezes por medo e complicações, por vezes é complicado pegar no caso porque é melindroso, mas isso não ode acontecer. Temos de ter coragem de activar os meios necessários.

O que acontece é na maioria das vezes as colegas têm medo porque também não têm preparação dentro da área, eu acho que qualquer educador devia fazer formação na área do ensino especial. Muitas vezes cai um caso na sala e a educadora fica de pés e mãos atadas e agora o que é que eu faço? Nem tem muita informação. Temos que ser capazes de pedir ajuda aos técnicos que são capazes de nos ajudar.

R- Existe articulação entre o Pré-Escolar e a Escola de 1º Ciclo para a qual vão transitar?

E- Sim, toda a criança que transite para o 1º ano leva sempre consigo um portefólio e um processo individual que facilitará a sua integração, se bem que aqui a tarefa está facilitada porque a escola fica no mesmo edifício. Temos reuniões com o professor e pomos sempre ao correr de todas as situações principalmente é claro das mais



complicadas, para que o professor tenha um conhecimento prévio dessas mesmas situações bem como da melhor maneira de lidar com elas e trabalhar no bom sentido com cada uma das crianças.

O espaço físico é o mesmo por isso habituam-se mais facilmente e para nós professores também é mais fácil porque conhecemo-nos bem e sem querer trocamos ideias e passamos informações.

R- Qual o número total de crianças que frequenta o Pré-Escolar aqui da escola da Corredoura?

E- São ao todo 50 crianças, entre os 3 e os 6 anos. Os pais escolhem muito este Pré-Escolar precisamente por causa da continuidade. Neste momento temos lista de espera e tudo.

R- Dos 50 apenas 1 caso mais preocupante, portanto...

E- Sim, sim.

R- Então dou por terminada esta entrevista

Desde já muito obrigado pela atenção e disponibilidade prestada.

E- De nada. Até à próxima.

## **Entrevista na Escola da Vargem ( Monte Carvalho) – Entrevista 3**

R- Então boa tarde, vamos dar início a esta entrevista. Vou começar por perguntar se aqui na escola da Vargem existem crianças em situação de risco?

E- Sim, temos duas que foram retiradas à família, é o caso do Carlos e do Ruben, que vieram para cá em Dezembro, altura em que foram retirados à família, eles estavam nos Fortios mas desde essa altura que estão cá conosco

R- E para além deste caso têm mais alguns aqui na escola?

E- Não, não temos mais nenhum.

R- E nesta fase, considera que a situação está estável?

E- Eu penso que sim, a mãe já foi vê-los duas vezes, mas segundo aquilo que me foi dito não mostra grande interesse em ficar com eles, mas penso que eles agora estabilizaram, quando chegaram aqui vinham completamente sem regras nenhuma neste momento já estão bem melhor, talvez pela própria reacção à mudança, pronto, mas penso que neste momento estão estáveis, têm às vezes um comportamento, mais o Ruben, de fazer birras mas tirando isso estão perfeitamente integrados no grupo.

R- Têm algum caso de crianças com N.E.E na escola?

E- Não, não.

R- A escola tem alguma oferta disponibilizada directamente para trabalhar com essas crianças?

E- Temos o apoio da Intervenção Precoce que trabalho directamente com eles, vem a terapeuta da fala, tem a terapeuta ocupacional, tem a psicóloga e tem três vezes por semana uma educadora que está cá à tarde a ajudar-me. Trabalha directamente com eles

também. A educadora normalmente fica na sala comigo, portanto o que eu estou a fazer ela participa nas actividades, a trabalhar especificamente mais com aqueles dois meninos. Normalmente, o que tem mais apoio mesmo é o Carlos tem 6 anos, já com a entrada prevista para a escola, mas pronto na minha opinião ele não irá, se contar alguma coisa ele não irá. O Ruben com três anos está mais desenvolvido do que o Carlos. A nível de desenvolvimento e de raciocínio está muito atrasado. Enquanto que Ruben já o supera, tem três anos e já o está a superar em muita coisa

R- Graciela, existe alguma ligação entre a escola e a família destes meninos?

E- É assim eles neste momento não estão com a família e nós não temos autorização sequer para que a mãe os veja aqui, a única ligação que têm é quando a mãe vai lá.

R- Lá no Sagrado Coração de Maria?

E- Sim, sim, têm um horário que é a parte da manhã, deve ter uma hora que por acaso eu não sei que hora é mas tem uma hora que pode ir ver os filhos. Isso ainda só aconteceu duas vezes, uma em Dezembro e outra penso que no fim de Janeiro. Foram os únicos dois contactos que ela teve até agora com os meninos deste que foram retirados à família. Esses encontros devem ser cerca de uma hora, porque a hora que eles chegam à escola não é mais do que uma hora depois da hora normal de entrada.

R- Sente necessidade de adaptar o seu projecto curricular a estes dois casos específicos?

E- Eles estão bem integrados no grupo se bem que requerem uma atenção mais individualizada, por exemplo o Carlos não o posso integrar no grupo dos 5 anos, porque ele não é capaz de atingir os objectivos para os 5 anos, neste momento está integrado no grupo do meio dos 4 anos e mesmo assim por vezes é complicado. Quando vejo que ele tem vontade de realizar actividades que o grupo dos 5 está a fazer eu deixo-o participar, também não evito que ele participe mas tem muitas limitações, tem muita dificuldade em perceber as tarefas e então eu tenho que estar sempre ao pé dele. É assim ainda não senti necessidade de mudar nada no projecto por causa dele, apenas os objectivos que me proponho para ele são os dos meninos de 4 anos e não os dos 5. O Ruben está perfeitamente integrado no grupo dos três anos e até é dos que consegue fazer as coisas

melhor, não tem qualquer problema. O grande problema do Ruben é comportamental, mas é normalmente quando é contrariado, às vezes atira-se para o chão, dá pontapés, enfim faz birras.

O Carlos caso venha a ter adiamento escolar aí sim terei de adaptar o projecto, mas como ele tem este acompanhamento todo, eu acho que vai solucionar ou atenuar o problema, é que neste momento ele já tem terapeuta da fala, terapeuta ocupacional, a psicóloga e a educadora, quer dizer todos os dias tem pessoas com ele. É essencialmente importante dar-lhe um bocadinho mais de atenção mas também para que ele não sinta que é incapaz em relação aos outros.

R- Em relação ao restante grupo, está tudo dentro dos parâmetros normais?

E- Sim, está tudo normalizado, apenas a minha Beatriz porque houve uma altura em que ela não falava e neste momento ela já fala e então não há necessidades de maior.

R- Graciela, ainda em relação aos dois irmãos, portanto a única ligação que vocês têm é com o Sagrado Coração de Maria?

E- Sim, sim, existe uma pessoa responsável por eles, que é a irmã Eugénia, que funciona como uma tutora, por exemplo no Dia de Reis, fizemos aqui um lanchinho com os pais e ela veio com eles, no Natal ela também foi com eles, ela até ficou muito contente porque nós cantámos umas canções para os pais e fizemos um teatrinho e eles sentem-se integrados, sentem-se muito bem e isso é que é importante.

R- Claro que sim.

E- Eles quase que não se referem à família. Quando se referem é aos meninos da casa, já identificam o Lar como sendo a sua casa, por exemplo ontem vinham de lá com a novidade de que tinham mais uns meninos novos lá na nossa casa e por isso sente-se que estão bastante bem integrados e que elas são muito cuidadosas com eles. Por exemplo agora o Ruben está com problemas ao nível do nariz e são elas que vão com ele ao hospital até se calhar terá de ser operado.

R- Existe alguma parceria entre esta escola e mais alguma instituição?

E- Não, penso que não.

R- Considera que a Educação Pré-Escolar tem contribuído para colmatar as desigualdades sociais e para detectar situações de risco precocemente?

E- Sim, eu acho que para detectar como nós trabalhamos com a faixa etária dos mais novos, é fácil e tem ido muito valor o trabalho que se tem conseguido fazer ao nível de despistagens, até porque muitas vezes os pais não se apercebem, ou porque às vezes as pessoas não querem ver e depois quando são alertadas para as coisas conseguem perceber e aceitar de outra forma. Por aqui é uma das vantagens e depois também para combater um bocado as desigualdades porque por exemplo estes meninos estando integrados aqui, por exemplo os valores que são dados a uns são dados a outros, são todos tratados por igual, têm todos as mesmas oportunidades e acho que neste aspecto nós temos muita vantagem e acho que a maior parte das pessoas que eu conheço educadoras todas elas primam por isso que é tratar os meninos todos por igual e nunca colocar ninguém a parte. Dos meus 34 anos de serviço nunca senti nenhuma colega a discriminar nenhuma criança e senti que muitas vezes nós, às vezes até sem querer, também não digo que..., Às vezes vamos valorizar aqueles que também mais precisam de nós, não é que os outros não sejam também bem tratados mas inconscientemente protegemos mais aqueles que precisam.

R- Existe articulação da passagem aqui do Pré-Escolar para o 1º Ciclo do ensino básico? Como é processada essa passagem?

E- Sim, sim, apesar de não estar-mos juntos, já tivemos, mas há dois anos que estamos separados, é o ano passado e é este, mas nós temos um projecto que é a continuidade educativa. Ainda hoje por exemplo o Carnaval foi junto, temos várias actividades em conjunto, por exemplo o magusto também fazemos sempre juntos e por norma é sempre aqui na Vargem, costuma vir também a escola das Carreiras que também tem poucos meninos. No Natal também nos juntamos para fazer a festa, este ano até foi no Instituto da Juventude porque não cabíamos todos aqui. Agora no Carnaval fomos as duas escolas e os dois jardins às carreiras, temos agendado uma visita a Lisboa com as salas daqui e das Carreiras e depois o fim do ano lectivo em principio fazemos uma festa aqui no Monte Carvalho. Para ale disso temos um projecto que é o projecto da continuidade

educativa que é assim: em Junho mais ou menos vamos passar um dia lá à escola em que os meninos que vão passar para o 1º ciclo, os outros não os outros ficam cá a brincar fora, andam por ali todo o dia e ficam quase sempre com a auxiliar. Os que vão para o 1º ciclo ficam integrados na turma, ano passado de manhã estivemos com a professora Inês mais virados para área da língua portuguesa e estudo do meio onde fizeram algumas actividades. Depois fizeram parcerias, por exemplo cada menino grande era responsável por cada um dos mais pequeninos. Depois almoçámos lá e de tarde trabalharam matemática e fizeram actividades, foi muito engraçado, porque quando saírem daqui a maioria irá para ali para aquela escola.

No final do ano também faço sempre a ficha de avaliação dos meninos e é passada aos colegas do 1º ciclo. Dou conhecimento aos pais e depois também aos colegas de 1º ciclo. A ficha vai para o processo dos meninos e serve para as professoras saberem como é que eles vão.

R- Qual o número total de meninos que têm aqui

E- Ao todo temos 18 meninos de Pré-Escolar. Aqui na escola funciona o Pré-Escolar e no Monte Carvalho funciona o 1º Ciclo.

R- Muito obrigado Graciela, pela preciosa ajuda.

E- Estou aqui para o que precisar. Até à próxima.

## Entrevista à escola da Alagoa – Entrevista 4

R- Vamos então dar início a esta entrevista, uma vez que tem pouco tempo vou tentar ser breve. Quais os conceitos de criança e família em risco para esta escola?

E- Eu consideraria tratar-se de um caso de risco se detectasse que havia sinais de maus tratos físicos e/ou psicológicos, má nutrição ou falta de higiene.

R- Considera que existem casos de risco aqui na escola da Alagoa?

E- Não, a escola é muito pequena temos apenas 8 meninos a frequentar o Pré-Escolar e são situações absolutamente normais quer em termos de situação familiar como em casos de NEE. Não necessitamos para já de pedir qualquer tipo de apoio para estas crianças, pelo menos para já.

R- Caso venham a existir casos de crianças em situação de risco, a escola possui alguma oferta educativa especializada que atenda a estes casos?

E- Caso venhamos a ter crianças em situação de risco, o primeiro passo é sinalizá-las para a Intervenção Precoce que depois tomam as medidas mais apropriadas quer com as crianças quer com as respectivas famílias.

R- Existe alguma parceria entre esta escola e outras instituições no sentido de facilitar a possível integração de crianças em situação de risco?

E- Como já referi não existe parceria mas caso venha a surgir alguma situação iremos recorrer à equipa de intervenção precoce.

R- Considera que o vosso Projecto Educativo visa facilitar a integração de crianças em situação de risco? Sentem necessidade de adequá-lo a algum caso específico?

E- Não, não há necessidade de o adequar a nenhum caso específico mas caso isso aconteça o mesmo terá de sofrer as alterações necessárias para responder às necessidades de todas as crianças.

Os projectos devem sempre partir das necessidades específicas do grupo. Se algum dia surgir alguma criança com NEE terá de ser adequado a essa mesma situação.

R- Existe algum trabalho específico dirigido a possíveis famílias que se encontrem em situação de risco?

E- Caso isso aconteça pois era de haver um acompanhamento quer pela escola como pela equipa de intervenção precoce. Serão realizadas reuniões e conversas para que todos em conjunto possamos atenuar a situação.

R- Considera que a educação Pré-Escolar tem contribuído de forma efectiva para colmatar as desigualdades e discriminar positivamente as crianças que mais precisam?

E- Sim, sem dúvida, penso que o trabalho que se faz ao nível da Educação Pré-Escolar é fundamental para um bom desenvolvimento da criança, bem como é muitas vezes aqui que se despistam os mais variados problemas como sejam maus tratos, falta de higiene ou até mesmo situações de NEE. Somos muitas vezes nós que alertamos os pais ou as instituições competentes e que desde tenra idade se começa a solucionar problemas que muitas vezes são completamente ultrapassados. Todas as crianças têm o seu lado bom e as suas sabedorias como tal nunca se deve discriminar ninguém por aquilo que a criança não sabe fazer mas sim, pelo que de melhor ela tenha. Penso que ao nível da educação pré-escolar as educadoras na sua maioria possuem a sensibilidade necessária para este tipo de problemas e por norma levam a bom porto todas ou a maioria das situações.

R- Existe articulação com o 1º ciclo do ensino básico no sentido da transmissão de informação acerca da criança em situação de risco?

E- Sim, para nós não é difícil porque apesar do espaço físico não ser o mesmo, a escola de 1º ciclo fica aqui a dois passos e fazemos sempre tudo em conjunto com eles. Tudo isto faz com que as crianças que saem daqui não tenham muitos problemas na sua transição.



De qualquer modo todas as crianças e em especial situações que possam ser mais complicadas saem acompanhadas por um processo pessoal com o seu historial, avaliações, relatórios e portfolio de trabalhos. Há também reuniões e conversas entre mim e as professoras de 1º ciclo para lhes transmitir um pouco sobre cada uma das crianças.

R- Então qual o número total de crianças que frequentam o pré-escolar na escola aqui da Alagoa?

E- Ao todo são 8 crianças dos 3 aos 6 anos.

R- Muito bem, então dou por encerrada esta entrevista, peço mais uma vez desculpa pelo tempo que lhe roubei e desde já muito obrigado.

E- Não tem de quê.

## Entrevista à Escola da Praceta – Entrevista 5

R- Vamos então dar início a esta entrevista. Quais os conceitos de criança e família em risco para esta escola?

E- Ora bem, criança em situação de risco, poderá ser uma criança vítima de maus tratos físicos e psicológicos, filho de pais toxicodependentes, com falta de higiene e má nutrição. Pode ainda ser uma criança filha de pais divorciados ou com pais que possuam problemas conjugais. Pode ser uma criança que possua NEE ou ainda que por possuir raça, etnia diferente possa vir a ser discriminada.

R- Considera que existem casos de risco aqui na escola da Praceta?

E- É assim, a escola da Praceta é uma escola grande, temos neste momento várias crianças a ter apoio da Intervenção Precoce. O caso mais grave que temos é o de um menino que foi retirado à família por maus tratos, essa criança está já há algum tempo no CAT do Sagrado Coração de Maria e está devidamente acompanhado. Para deste caso que se torna o mais eminente temos também outros, não muitos, talvez mais e ou 4 casos em que podia haver mais cuidado com a higiene mas nada de significativo. A maioria dos casos que têm apoio, são problemas de natureza comportamental ou de dificuldades de aprendizagem.

R- A escola possui alguma oferta educativa especializada que atenda a estes casos ou socorre-se de outras instituições para a apoiar?

E- A nossa escola, ou melhor o agrupamento possui uma psicóloga que ajuda no que é necessário mas os apoios são essencialmente feitos pela equipa de intervenção precoce e por uma educadora de apoio.

R- Existe alguma parceria entre esta escola e outras instituições no sentido de facilitar a possível integração de crianças em situação de risco?

E- Como já lhe referi anteriormente, socorremo-nos da equipa de intervenção precoce, que apoia várias das nossas crianças a diversos níveis, para o caso específica da criança que se encontra no CAT do Sagrado Coração de Maria estabelecemos também parceria com eles. Já temos recebido variadíssimas crianças vindas de lá.

Por norma cada criança tem apoio pelos profissionais especializados 2 a 3 vezes por semana, quer seja terapia da fala, terapia ocupacional, psicólogos.

Não temos neste momento crianças portadoras de NEE e as restantes crianças não me levantam problemas nem grandes preocupações de maior. Penso que o caso mais preocupante é sem dúvida o daquele menino. Ainda por cima soube hoje que há possibilidades de ele voltar para junto da família, fica a tristeza porque sei que não têm condições mínimas para o acolher e vai ser a desgraça total.

R- Considera que o vosso Projecto Educativo visa facilitar a integração de crianças em situação de risco? Sentem necessidade de adequá-lo a algum caso específico?

E- Sim, tentamos adequar o nosso Projecto Educativo a todas as crianças que temos na nossa sala, partindo daquilo que lhes interessa, daquilo que mais as motiva. O projecto já está pensado para este grupo em particular, mas como se tratam de grupos heterogéneos temos sempre que para uma mesma actividade estabelecer vários patamares de objectivos. Cada caso é um cão e não podemos descurar isso. Temos que saber as limitações de cada criança e saber até onde elas conseguem ir. Não a fácil, mas sem dúvida que temos de o fazer.

R- Existe algum trabalho específico dirigido às famílias das crianças que se encontrem em situação de risco?

E- Ora bem, no que diz respeito às crianças que apenas têm dificuldades ao nível da aprendizagem o trabalho com as famílias é essencialmente feito pela intervenção precoce, se bem que regularmente reunimos para ver como estão a evoluir as coisas. A nós como educadoras também cabe ir comunicando sempre e todos os dias com as famílias. No caso da criança que se encontra no CAT, existem também encontros com as irmãs responsáveis pelo caso quer com a escola, quer com a intervenção precoce. O que interessa é manter o trabalho em equipa e chamar o mais possível os pais à escola,

porque na maioria das vezes os problemas ainda que não sejam ultrapassados são sem dúvida atenuados.

R- Considera que a educação Pré-Escolar tem contribuído de forma efectiva para colmatar as desigualdades e discriminar positivamente as crianças que mais precisam?

E- Sim, sem dúvida somos nós que na maioria das vezes detectamos quando algo não está bem, sem sombra de dúvida somos a segunda família das crianças, cabe-nos a nós o papel preponderante de fazer com que todo e qualquer problema que a criança possa ter seja resolvido, cabe-nos a nós sinalizar os casos e acompanhar as famílias sejam os problemas de que natureza forem. É fundamental que a criança comece a ter esse apoio antes da escolaridade obrigatória, quando mais cedo esse apoio seja posto em prática mais facilmente a criança ultrapassará as suas dificuldades ou problemas. Claro que sim.

R- Existe articulação com o 1º ciclo do ensino básico no sentido da transmissão de informação acerca da criança m situação de risco?

E- É assim, de há dois anos para cá que nos encontramos nas instalações aqui do Centro infantil de S. Lourenço porque a salas da escola da praceta estão cheias. Temos aqui duas salas que nos foram cedidas mas todas as actividades são feitas em conjunto com os meninos do 1º ciclo da escola da Praceta. Nos casos mais complicados existe uma passagem de testemunho, uma reunia em que é entregue o processo e é transmitida informação necessária acerca da criança. No entanto ao longo do ano e quando já se sabe quem é a professora que possivelmente irá ficar com o 1º ano há também conversas que de certa forma as prepara para a recepção das crianças. Ou seja quando chegam à sala do 1º ciclo a professora já conhece os casos e está assim facilitada a sua mudança. Por norma a equipa de intervenção precoce também reúne com a professora e entrega-lhe toda a documentação, processo, avaliação, relatórios e registos que tenham acerca da criança.

R- Então qual o número total de crianças que frequentam o pré-escolar na escola aqui da Praceta?

E- Temos 50 crianças dos 3 aos 6 anos de idade, repartidos por duas salas.

R- Muito bem, então dou por encerrada esta entrevista, peço mais uma vez desculpa pelo tempo que lhe roubei e desde já muito obrigado pela atenção.

E- Estamos sempre às ordens. Até à próxima.

## **Entrevista à Escola das Carreiras – Entrevista 6**

R- Boa Tarde professor, vamos então dar início à nossa entrevista.

Lá em cima nas Carreiras há Pré-Escolar?

E- Há Pré-Escolar

R- Ok. Então é assim, o minha dissertação tem como tema “As crianças em situação de risco”, o que estou a fazer neste momento é entrevistar todas as escolas do primeiro ciclo com J.I e a fazer o levantamento dos casos que existem, se há projectos de trabalho específico com essas crianças ou não, se há pessoas especializada ou não a trabalhar com elas, mas é isso que eu irei perguntar com o conjunto de questões que aqui tenho.

E- Ok, está bem.

R- Neste caso eu queria saber especificamente o caso das Carreiras como é que está em termos de situação de crianças e famílias em situação de risco.

E- Sim senhor, vamos a isto.

R- Vamos a isto então.

R- A primeira questão é qual é o conceito de criança e família em risco para a escola das Carreiras? O que é que a vossa escola entende ser uma criança em situação de risco que fosse preciso sinalizar?

E- Para a nossa escola uma criança em situação de risco pode ter a ver com vários factores, com a sua vivência familiar, com a sua produção na escola, se está bem inserida na escola, se nós nos apercebemos de alguma dificuldade que a criança traga e casa, são essas as situações de risco que nós tentamos verificar.

R- Considera que existe na escola alguma criança de situação de risco inserida numa família que não tenho risco aparente?

E- Nas Carreiras não existe nenhum caso de situação de risco, que se possa considerar de risco eminente.

R- Existe alguma oferta educativa especializada na escola para integrar possíveis casos de risco, ou não?

E- Como nós não temos nenhuma criança nessas condições não nos é necessário socorrer desse tipo de apoio.

R- Não existem casos com N.E.E?

E- N.E.E. vamos lá a ver, temos uma criança que revela alguma dificuldade na assimilação dos conteúdos, mas pronto o facto de revelar alguma dificuldade não quer dizer que tenha algum problema, não tem ninguém que o apoie mas ele mostra muita força de vontade.

R- Portanto não têm nenhum tipo de apoio externo para essa criança?

E- Não, não tem qualquer tipo de apoio, porque penso ser uma situação normal e facilmente ultrapassável.

Vem três vezes por semana uma colega e 1º Ciclo ajudar-me mas não tem qualquer tipo de especialização.

R- Quantas crianças têm ao todo no Pré-Escolar?

E- São sete crianças, ditas normais e que não requerem portanto nenhum tipo de apoio especializado.

R- É necessário adaptar os Projectos Educativo e Curricular a algum caso específico?

E- Este ano não, o ano passado a minha colega, ainda tentou reter uma criança no J.I. para que interiorizasse melhor alguns conceitos, para se adaptar melhor mas os pais entenderam que ele devia ir para o 1º Ciclo e é assim.

R- Mas a crianças possui algum tipo de problema físico?

E- Não, não, é só mesmo em termos de aprendizagem.

R- É realmente muito complicado estar sozinho na escola, sem qualquer tipo de apoio para estas crianças.

E- Sou eu que com o meu apoio, tento dar o melhor para atenuar estas lacunas de alguns alunos. Se bem que também não existem problemas de maior.

R- Existe algum trabalho dirigido às famílias?

E- Não, não neste aspecto. É assim, com sabe Carreiras é um meio pequeno e eu conheço os pais praticamente todos, já lá estou há três anos. Estou sempre em sintonia com eles. Ainda por cima como dois são irmãos, em vez de 15 encarregados de educação tenho 14. (risos). Mas não, não há problemas em termos familiares.

R- Pois, é natural, é um meio pequeno. Existe uma grande diferença com a realidade da cidade.

E- Repare, nas Carreiras nós temos uma miúda que é dos Fortios, mas que avó está a morar nas Carreiras e ela não quer lá morar, temos dois irmãos de Portalegre e uma miúda que chegou este ano que veio do Atalaião e que a mãe foi para lá morar, de resto é tudo dali, dado e criado.

R- Existe alguma parceria entre a escola e outras instituições?

E- Não, neste momento não. Quando há algum caso como é daquela criança que referi, avisa-se o Agrupamento, eu já o fiz, disseram-me que enviavam um técnico para avaliar



o caso mas até hoje, nada. Já propus o miúdo para a sinalização mas até agora estamos à espera de uma resposta.

R- Ainda bem que não existem crianças em situação de risco nesta escola, é muito bom sinal.

Diga-me uma coisa existe articulação das crianças que passam do Pré-Escolar para o 1º Ciclo do Ensino Básico?

E- Sim, sim, sim, sim, sim, aliás no ano passado como já referi a educadora de infância tentou que a criança ficasse mais um ano no Pré-Escolar falou comigo também, e pronto eu também conhecia o miúdo, porque as escolas são contíguas, funcionam lado a lado, têm uma porta que as separa e nós apercebemo-nos do que se passa, o que sem dúvida é meio caminho andado. Digo-lhe que o miúdo até está acima das expectativas com que eu fiquei quando o recebi.

R- Qual o número total de alunos que têm na vossa escola?

E- Ao todo são vinte e dois, no Pré-Escolar são 7.

Pois, como sabe as Carreiras é um meio pequeno, onde toda a gente se conhece, que com melhores ou piores condições financeiras, mas quer as crianças aparecem limpos e bem arranjados. Sabe, não existem aqui ainda emigrantes, nem grande conjunto de culturas, por norma são pessoas da terra que por natureza é “boa gente”.

Mas é assim, não sei quantos anos é que aquela escola vai durar, eles são seis miúdos do 4º ano, portanto 5 devem sair e não entra nenhum. Era para entrar uma criança que entretanto os pais foram viver para Portalegre. Não sei mas dou aquela escola três anos no máximo.

Enquanto em outras freguesias se constroem atractivos para fixar novas pessoas, nas Carreiras não, é o casario que tem, constroem-se mais algumas vivendas mas apenas de pessoas de lá. Não me parece que a terra cresça em população muito pelo contrário. Foi para lá este casal, que levou aquela miúda, e há dois anos uma senhora que levou dois miúdos.

R- Pois, sabe que também não existe qualquer oferta de emprego por ali.

E- Aquilo é muito bonito, tem uma vista magnífica mas depois não tem mais nada.

R- Pois, a tendência é mesmo centrar os meninos todos na cidade.

E- Claro, que sim, ou então juntam as crianças daqui à escola do Monte Carvalho.

R- O que é mais triste ainda é que são escolas novas, onde se investiu muito dinheiro recentemente e agora ficam paradas ou fechadas é muito triste.

E- Pois, algumas servem para associações desportivas, clubes de caçadores...é assim!

R- Bem, professor, termino aqui a minha entrevista, agradecendo a sua disponibilidade e atenção que me prestou

E- Espero ter ajudado

R- Claro que sim. Muito Obrigado.

## Entrevista à Escola do Atalaião – Entrevista 7

R- Boa tarde às duas vamos então dar início a esta entrevista?

E- Estamos prontas.

R- Quais são os conceitos de crianças em risco para esta escola? Portanto o que é que poderão considerar ser uma criança em situação de risco?

E- Problemas de maus tratos, problemas familiares, violência doméstica, necessidades financeiras de extremo, maus hábitos de higiene, maus tratos infantis, atraso de desenvolvimento afectivo, desenvolvimento cognitivo, crianças que necessitam de terapia da fala, portanto toda e qualquer criança que tenha dificuldade a esses níveis.

R- Existe algum caso específico de criança em situação de risco aqui na escola do Atalaião?

E- Sim, eu tenho uma criança Autista, está num nível muito ligeiro e é uma criança que não tem características nenhuma de Autismo, apesar de lhe ter sido diagnosticado, mas não é nada de especial, para além disso tenho crianças que estão a ser acompanhadas pela terapia da fala e por psicólogos mas também nada de significativo.

R- A escola dispõe de profissionais especializados para tratar esses casos ou socorre-se apenas da intervenção precoce?

E- Socorre-se apenas da intervenção precoce, mas vai abrir em breve uma sala de autistas aqui nesta escola, já temos uma educadora especializada mas como a sala ainda não está equipada ela já se desloca à sala de actividades das crianças.

R- Que trabalho costumam realizar com as famílias deste tipo de crianças?

E- Esse trabalho é desempenhado pelas equipas de intervenção precoce, que são os mediadores entre a escola e a família. Ainda hoje tivemos uma reunião com a psicóloga e terapeuta da fala. Também como não temos sentido necessidade uma vez que não se pode considerar que se tenha crianças em situação de risco, talvez se tivéssemos algum caso mais eminente sentíssemos necessidade de o fazer e por exemplo se no próximo ano surgisse uma criança com deficiência profunda talvez houvesse necessidade de organizar reuniões informativas sobre o problema.

R- Sentem necessidade de adequar o vosso projecto curricular a algum caso específico?

E- Não, apenas as crianças que têm dificuldades têm apoio da equipa de intervenção precoce. Nas reuniões com a equipa tentamos organizar as actividades da melhor maneira possível para que todos atinjam os objectivos propostos. No caso do menino autista ele tem apoio junto da equipa de intervenção precoce fora da escola, os pais dele são pessoas muito acessíveis que não nos têm levantado qualquer tipo de problema.

R- A escola tem parceria com mais alguma instituição?

E- Não temos propriamente parcerias. Simplesmente quando necessitamos, requisitamos os serviços seja dos bombeiros, do centro de saúde, etc. Mas como o Pré-Escolar aqui desta escola só tem 2 anos pode ser que venha a ter esse tipo de parcerias.

R- Consideram que a educação pré-escolar tem contribuído para colmatar as desigualdades entre crianças bem como para detectar casos de crianças em situação de risco?

E- Isso varia muito, principalmente de educadora para educadora, tudo depende do profissional que esteja a acompanhar a criança isso é mais importante do que até estarem num jardim de infância ou não. A educadora não pode discriminar qualquer criança e tem de adaptar as suas práticas ao meio em que vive, por exemplo se se trata de uma classe baixa, tem de atenção com os materiais que pede e com os trabalhos que realiza. É importante que a educadora saiba gerir materiais e actividades para que nenhuma criança se sinta diminuída ou diferente. É portanto mais importante a

educadora e a sua forma de trabalhar do que os facto de estar ou não a frequentar o Jardim de infância.

R- Como é feita a transição das crianças que saem aqui do Pré-Escolar, principalmente as que estão já sinalizadas para o 1º ciclo do ensino básico?

E- Vai um processo que acompanha a criança, com vários relatórios e se possível fala-se com a colega mas nem sempre é fácil...por vezes combina-se com a colega, mas caso contrário envia-se a pasta do processo com um port folio dos seus trabalhos.

R- Muito bem, então e qual o número total de crianças que têm aqui no pré-escolar do Atalaião?

E- Temos 50 meninos, lotação esgotada.

R- Ok. Então vou dar por encerrada esta entrevista e desde já muito obrigado às duas pela colaboração.

## Entrevista à Escola do Montinho – Entrevista 8

R- Vamos dar então início a esta entrevista. Vou começar por perguntar quais são os conceitos de criança e família em risco para esta escola?

E- Uma criança que apresentasse sinais de maus tratos físicos ou psicológicos, uma criança que apresentasse N.E.E. ou dificuldades significativas de aprendizagem.

R- Considera que existem nesta escola crianças em situação de risco?

E- Esta escola é muito pequenina, para o ano vai mesmo encerrar por não termos crianças suficientes. Temos apenas 5 meninos em que um deles tem um ligeiro grau de autismo, é uma situação complicada mas está neste momento a ser acompanhado pela equipa de intervenção precoce. O pai não aceita a situação, passa o tempo no café e a mãe coitada é que tem andado com as coisas para a frente. Não é um caso de extremo, mas é um caso que faz com que tenhamos que ter mais cuidados do que o habitual. Para além disso, como sabe o Montinho fica em plena Serra de S. Mamede, temos aqui crianças diferentes, onde não existe o banho diário, muitas vezes o facto de terem tomado banho torna-se uma novidade importante para darem no outro dia à educadora. São crianças que se deslocam todos os dias numa carrinha para a escola, os pais trabalham na agricultura, passam muito tempo no café. Apesar dos poucos quilómetros que nos separam de Portalegre, por vezes parece que vivemos aqui numa outra época.

R- A escola possui alguma oferta educativa especializada no sentido de integrar crianças e famílias em risco?

E- O que a escola faz é ir buscar as crianças a casa numa carrinha da junta de freguesia e no final da tarde voltar a deixá-las em casa. Quase não temos contacto com as famílias uma vez que estas poucas vezes se deslocam à escola. No caso da criança autista a comunicação entre a escola e a família é feita através da equipa de intervenção precoce.

R- Existe parceria entre esta escola e outras instituições no sentido de facilitar a integração das crianças?

E- Como sabe o Montinho é um local muito pequeno como tal toda a gente se conhece, não temos propriamente parcerias com outras instituições, mas vamos por exemplo almoçar ao lar de idosos e quando há festas por vezes fazemo-las em conjunto.

R- Sente necessidade de adequar o projecto curricular a algum caso específico?

E- Este projecto foi concebido a pensar na realidade destas crianças e nos seus saberes como tal não sinto necessidade de adaptar nada, como é claro tenho de apoiar de perto a criança autista para que mais facilmente consiga alcançar os objectivos pretendidos.

R- A intervenção precoce também colaborou na elaboração do projecto?

E- Sim, em parte sim. Surgiu após vários encontros com as técnicas que também deram o seu parecer.

R- Como é feito o acompanhamento da intervenção precoce a essa criança?

E- As terapeutas deslocam-se à escola 2 vezes por semana mas também se deslocam a casa da família e trabalham directamente com eles.

R- E que tipo de apoio presta a Intervenção Precoce à família dessa criança?

E- Acima de tudo transmitem-lhes dicas para lidar com o filho e ajudam a família em tudo o que possa melhorar as suas condições de aprendizagem.

R- Considera que a Educação Pré-Escolar tem contribuído de forma efectiva para colmatar as desigualdades e discriminar positivamente as crianças que mais precisam?

E- Sem dúvida, muitas vezes somos nós que detectamos quando algo não está bem e sinalizamos os casos. Para além disso temos um papel preponderante no que diz respeito à discriminação positiva, uma vez que nos cabe a nós fazer com que todas as crianças apesar das suas diferenças e limitações sejam iguais, ou seja aproveitar sempre aquilo que cada criança tem de melhor para ser valorizado. Uma criança pode ter limitações em algumas áreas, mas ser muito boa em outras coisas, por isso é

fundamental que se estimule e que se valorize sempre aquilo que a criança sabe fazer bem.

R- Muito bem. Quando as crianças saem da escola do Montinho terão que ir para Portalegre?

E- Sim, sim ou para Portalegre ou para a Portagem, mas na maioria das vezes vão para Portalegre que é um mundo muito diferente para eles mas que acabam por se habituar.

R- Como é feita essa transição com o 1º ciclo do ensino básico no sentido da transmissão de informação acerca da criança de risco?

E- É assim, existe sempre o processo que acompanha a criança na sua passagem, para além disso vão sempre relatórios descritivos da situação em que a criança se encontra. Já temos oito visitas às escolas a Portalegre e sempre que possível, principalmente nos casos mais complicados, tento reunir com as professoras de 1º ciclo, para lhe transmitir essas informações.

R- Qual é então o total de crianças no Pré-Escolar aqui no Montinho?

E- Apenas 5. Infelizmente.

R- Em situação de risco, apenas 1?

E- Sim, apenas 1, não é muito preocupante até porque neste momento já está a ter apoio, mas que necessita sem dúvida ter sempre cuidados muito especiais.

R- Muito bem. Então vamos ficar por aqui, dou por terminada a entrevista, desde já agradecendo o tempo dispensado e a atenção que me prestou.

E- Até à próxima.



## Entrevista à Escola do Reguengo – Entrevista 9

R- Bom Dia Rosário, vamos então dar início a esta entrevista. Desde já gostaria de saber se existem aqui na Escola do Reguengo alguns casos de crianças em situação de risco?

E- Não, esta ali uma... mas não, não está em situação de risco, aqui não há nenhum caso.

R- Não há portanto nenhum caso flagrante de maus tratos, falta de alimentação ou falta de higiene?

E- Não, não há.

R- Nem problemas familiares?

E- Há ali uma mas acho que não se pode considerar que esteja em situação de risco até porque neste momento já está mais orientada e não, não posso dizer que haja alguma situação mais eminente.

R- O que é que para esta escola poderia ser considerado um caso complicado que tivesse que ser sinalizado?

E- Acho que nestas idades seria essencialmente se detectasse maus tratos físicos ou psicológicos, violência ou qualquer tipo de desleixo com a alimentação ou com a higiene.

R- No caso de vir a existir algum caso de risco, existe alguma oferta especializada pela escola para atenuar essas situações?

E- Nessas situações recorreremos à equipa de intervenção precoce e também à Protecção de Menores, temos também a visita do Polícia da escola segura que vem por aqui quinzenalmente para ver se está tudo bem.

R- Não houve ainda necessidade de procurar esse tipo de apoio?

E- Aqui não, graças a Deus, tudo está bem e ainda não sentimos necessidade de chamar nenhum especialista.

R- Caso existisse alguma criança em situação de risco consideraria importante adequar o seu Projecto Pedagógico de sala a esse caso específico?

E- Sim, sem dúvida se houver algum caso, pois teremos de adaptar mas não, como lhe disse não temos nenhum caso. Eu sinto que nos centros maiores é mais complicado, aqui o Reguengo é um meio e que regra geral não há desestruturas familiares e em que tudo corre dentro da normalidade.

R- Existe parcerias entre as famílias e a escola?

E- É assim, neste aspecto não, mas sempre que for necessários organizamos reuniões com os pais para tentar atenuar algum problema que possa surgir.

R- Considera a Educação Pré-Escolar como uma fase decisiva para identificar ou sinalizar crianças que possam estar em situação de risco?

E- Sim, penso que sim, é nosso papel detectar maus tratos físicos ou psicológicos e encaminhar da melhor forma. Nota-se logo quando existe algum problema mais complicado. É fácil para nós detectar esse tipo de situações.

R- Existe articulação da passagem da sala do Pré-Escolar com a passagem depois para o 1º ciclo do ensino básico?

E- Sim, aqui é muito fácil, até porque partilhamos o mesmo espaço e porque fazemos tudo em conjunto, as informações são passadas no dia a dia e as professoras de 1º ciclo conhecem as crianças quando chegam às suas mãos. Sem dúvida a tarefa está facilitada. Nós temos uma escola pequenina e quando à festas de aniversário ou convívios é sempre tudo feito em conjunto.

R- Qual o número total de crianças?

E- Temos 14 meninos, este ano vieram muitas crianças que são de Portalegre, mas como não têm vagas vêm para estas escolas em redor.

R- Então obrigado pelo tempo que me dispensou e pelas informações me deu.

E- Não foi nada.

## Entrevista à Escola dos Fortios – Entrevista 10

R- Olá boa tarde, como já tivemos uma conversa anterior já sei que em princípio não há nenhuma situação eminente de crianças em situação de risco, mas o que é que esta escola poderia considerar uma característica ou várias características de crianças em situação de risco? O que é que a levaria a sinalizar uma criança?

E- Se verificasse maus tratos ou marcas físicas, também falta de higiene ou má nutrição, eu falo mais assim porque foi o caso que eu tive mais de perto, eram crianças que traziam marcas no corpo, mas todas estas características nos poderiam mostrar que estávamos perante crianças em situação de risco. Em termos intelectuais tem a ver com o desenvolvimento que muitas vezes não se processa de uma forma considerada normal.

R- Então e neste momento não existem crianças a ter qualquer tipo de apoio aqui na escola dos Fortios?

E- Sim, existe o casos, principalmente porque não atingem os parâmetros normais de desenvolvimento que acabam por ser crianças de risco em termos de aprendizagem. O caso mais flagrante, mesmo ao nível do Q.I. e o que se tentou fazer com os exames de genética tem a ver com formação do carácter masculino. São 4 irmãos, uma rapariga com desenvolvimento normal e eles os três com desenvolvimento não normal.

R- Estão os três a frequentar aqui a escola?

E- Frequentaram já, neste momento já não frequentam todos, apenas o mais novo. Que é uma criança que já teve adiamento escolar e que também não atingiu os objectivos. Poderá realmente ser um factor genético mas também existe muita falta de estímulo do meio familiar. Como me passaram pelas mãos os três irmãos verifiquei que as dificuldades e problemas são todos do mesmo tipo. O pior é que os exames já estão marcados mas ainda não foram feitos para se ter a certeza do que realmente se passa. Mas há muitas dificuldades e o nível de Q.I. está muito abaixo do normal. Este menino mais novo tem apoio da Intervenção Precoce desde os 3 anos.

Nota-se muita negligência no que diz respeito ao acompanhamento familiar.

R- A escola tem alguma oferta educativa específica para estes casos?

E- Não, o apoio vem da Intervenção Precoce, antes vinha o Ensino Especial, não tinham tantos técnicos e agora vem a Intervenção Precoce e eles são logo acompanhados, há também as consultas de desenvolvimento que os acompanha quando é detectada alguma anomalia.

R- Existe parcerias da escola com mais alguma instituição para além da intervenção precoce?

E- Não, não.

R- Sente necessidade de adaptar o seu Projecto Pedagógico a esses casos específicos?

E- Sim, claro, é assim como a criança em causa já está em adiamento eu tento que ele faça as mesmas actividades das outras crianças e no fundo ele faz, só que os objectivos pretendidos é que têm de ser diferentes e tem de se estar muito mais tempo. Mas de uma maneira geral não tem acompanhado, não tem. Tem um atraso grande em relação a outras crianças.

R- E com a família? Existe algum trabalho directamente realizado com a família?

E- É tudo através da Intervenção Precoce, são eles que fazem essa ligação entre a escola e as famílias. Embora estejamos sempre abertos ao diálogo, mas a mãe também não tem colaborado muito e o pai como trabalha também se demite um pouco do papel educativo. A mãe é que tem assumido essa responsabilidade mas também não as cumpre. Desde que se lhe exija mais um pouco já não cumpre. A Intervenção Precoce trabalha directamente com a mãe, mas mesmo assim ela não aceita. Há todo um ambiente familiar que não permite às crianças desenvolverem. Penso que não tem ajudado esse factor. Veja que há um esforço, para em conjunto se trabalhar, mas desta forma também não é fácil para os profissionais porque ela não adere muitas vezes.

R- Considera que a Educação Pré-Escolar tem contribuído para detectar casos como estes, sinalizá-los e encaminhá-los?

E- Eu acho que sim, neste aspecto a Educação Pré-Escolar é das maiores valias, porque faz todo um trabalho, anterior à entrada no 1º Ciclo. Acho que seria realmente importante que fosse obrigatório. Isto serve para os casos especiais como para todos os outros. Eu acho que se tem evoluído bastante neste aspecto, continuam a haver ainda dificuldade por parte de alguns pais em aceitar que o seu filho é diferente. Se for uma deficiência física é visível, mas caso contrário é mais difícil aceitar, mas digo-lhe que já foi pior, hoje em dia é mais fácil.

Hoje em dia está tudo muito mais fácil em termos de apoio e quase a totalidade das crianças está devidamente apoiada. Ainda que com a saída de nova leis as crianças com apoio serão cada vez menos. Eles vão restringir cada vez mais o número de crianças com apoio. Houve esse apoio e agora... é como dar e agora tirar. Eles acabam sempre por depois à última da hora resolver essas situações mas vamos lá a ver.

R- Como é feita a articulação com a passagem para o 1º Ciclo para estas crianças?

E- Sim, trabalhamos sempre em conjunto, para já é fácil porque partilhamos o mesmo espaço, os diálogos e as dificuldades entres as colegas são partilhados e está tudo muito mais facilitado.

R- Muito bem, só para terminar qual o número total de crianças que tem?

E- Tenho 22 crianças.

R- E só uma tem apoio?

E- Tenho essa com apoio, tenho outra com terapia de fala e tenho mais dois vítimas de pais que se separaram e têm mais dificuldades ao nível do comportamento.

É assim, cada caso é um caso temos que trabalhar com todos e com cada um. Existem aqui nos Fortios divórcios, segundos casamentos e isso influencia muito o bem estar emocional da criança. Sabe que os Fortios ficam aqui na periferia da cidade de Portalegre e há muitas famílias que vêm para aqui porque é um meio em que se compra

a casinha mais barata. A questão do divórcio também é muito complicado, as famílias desestruturaram-se e depois muitas vezes os pais voltam a casar e tudo isso influencia o bem-estar das crianças. Tudo isto mexe muito com o seu psicológico. Depois também há pouco tempo para se passar com os filhos, andam um pouco ao Deus dará a saltar de uma família para a outra. Isso também se podem considerar situações de risco. Quem não arranja habitação social m Portalegre vem para cá. E é assim. Mesmo as crianças ricas muitas vezes também estão em situação de risco, por falta de atenção e carinho, é sem dúvida um grande problema dos nossos dias.

R- Muito bem, então termino aqui esta entrevista, desde já agradecendo a sua disponibilidade e atenção.

E- Ora essa. De nada.

## Entrevista à escola da Urra – Entrevista 11

R- Vamos então dar início a esta entrevista. Quais os conceitos de criança em situação de risco para esta escola?

E- Seria uma criança que apresentasse marcar físicas, má alimentação ou falta de higiene por exemplo, mas não, não há aqui nenhuma criança com essas características.

R- Não existe nenhum caso que se possa considerar estar em situação de risco?

E- Não, aqui não, sabe que aqui é um meio pequeno, só na cidade existem casos mais complicados, aqui não.

R- Caso venha a existir algum caso, existe alguma oferta disponibilizada pela escola para solucionar esses casos?

E- Caso surja, teremos que nos apoiar na CPCJ ou na Intervenção Precoce. Sabe nunca foi uma situação que me afligiu por isso nunca tentei saber mais e ainda bem que não. Mas realmente acho que não tenho nada de significativo a sinalizar.

R- E NEE existe algum caso?

E- Não, também não tenho nenhuma criança com N.E.E este ano felizmente, trata-se de um grupinho de crianças filhas de famílias ditas normais, com situações bastante estáveis e que não levantam preocupação de maior. Temos um caso ou outro que podia haver maior cuidado ao nível da higiene mas nada de preocupante. Existem também uns



ligeiros atrasos de linguagem, mas nada de significativo. Sabe que às vezes sinalizar ou não sinalizar é quase a mesma coisa porque a resposta que temos por parte das terapias também é quase sempre a mesma ou seja nenhuma e senão formos nós a trabalhar também ninguém trabalha por nós. Sabe que esse acompanhamento individual é cada vez mais escasso.

R- Caso venham a ter alguma criança com necessidades ou em situação de risco, existirá algum trabalho vocacionado para as famílias?

E- É um trabalho mais virado para a criança, pela minha experiência penso que não é fácil trabalhar com as famílias porque estas quase nunca aceitam, sabe, têm sempre muitas expectativas e por mais que se lhe diga que o menino tem algum problema eles não acreditam. Não aceitam... Fazemos muitas reuniões com as terapeutas mas os pais nunca aceitam. Mesmo que tenha NEE acham que os filhos devem fazer tudo aquilo que os outros fazem.

R- Considera que o pré-escolar é uma fase decisiva para sinalizar este tipo de casos?

E- Eu acho que sim, se não formos nós a sinalizá-los, mesmo ao nível da visão, da audição, ninguém mais o faz. Eu acho que pelo menos a criança sai sinalizada, pode não sentir acompanhada, mas sai sinalizada. Sempre que detectamos sinais dizemos aos pais, mas na maioria das vezes eles não aceitam. Tirando pequenos problemas não se detecta nada de significativo.

R- E desigualdades sociais? Como é que está a freguesia aqui da Urra?

E- Também não se detecta nada de significativo. É tudo remediado, nem mau, nem bom. Algumas crianças que não fazem a higiene diária. Mas nada de significativo. Não existem casos extremos de crianças em situação de risco.

R- Existe articulação dos meninos que saem aqui do pré-escolar com a sua passagem para o 1º ciclo do ensino básico?

E- Sim, sim, sempre, eu aqui sou a coordenadora da escola e então tudo aquilo que se faz é em conjunto e praticamente passam todos por mim, ficam no mesmo edifício o que torna tudo também bem mais fácil. Temos continuidade com o 1º ciclo, porque há um contacto diário entre todos. As crianças não costumam estranhar a mudança. Depois há também o processo que encaminhamos e que facilita a transição.

R- Qual a totalidade de crianças que frequentam o pré-escolar aqui na Urra?

E- Ao todo são 17 crianças e não tenho problemas nenhuns que possa assinalar. Tenho sim um caso de uma criança sobredotada que tem interesses que os outros não têm, vai muito além.

R- Ok, professora dou por terminada esta entrevista, desde já agradeço a sua participação.

E- De nada, ora essa.

## Entrevista à escola dos Assentos – Entrevista 12

R- Vamos dar então início a esta entrevista. Para esta escola quais é que são os conceitos de criança em situação de risco? O que é que vos levaria a sinalizar uma criança que indicasse estar em situação de risco?

E- Há vários factores que nos indicam logo que a criança está em situação de risco, muitas das vezes é o comportamento que nós começamos a observar, outro é o vestir, a má nutrição, o comportamento da criança muitas vezes fora da tal dita normalidade. Nós começamos a estranhar, no meu caso que sou uma pessoa que já trabalho há muitos anos é fácil detectar e depois começamo-nos a aperceber, porque como estamos no JI, os pais vêm cá muito, e começamo-nos a aperceber... começamos a investigar entre aspas da situação familiar, hoje ma coisa, amanhã outra e até que nós tenhamos a observação toda completa e pronto vimos a descobrir se é realmente uma situação de risco ou não e aí actuamos.

R- Considera que nesta escola existem muitos casos de crianças em situação de risco?

E- Sim, sim, umas de uma maneira, outras e outra, mas há, há crianças que estão a ser acompanhadas, aliás há muita criança que está referenciada na segurança social, outras na comissão de protecção de menores e algumas nas duas vertentes. Essencialmente por problemas familiares e daí advém todos os outros. São crianças em que os pais têm problemas vários, de tudo um pouco, eu tenho aqui crianças que diria que algumas em situação de risco e tenho também, não referi, mas vou referir agora que estão também a ser acompanhadas pelo tribunal de menores, portanto, estou aqui à três anos e parece-me que durante estes três anos ainda não deixei de ter crianças acompanhadas pelo tribunal de menores. Também tenho crianças com situações familiares ditas normais e situação familiar estável, digamos que há uma grande mistura, mas tenho muitas crianças que se pode dizer que estão em situação de risco, com uma vida familiar cujo rendimento é muito baixo, quase todas de rendimento mínimo, umas que os pais trabalham, outras que não trabalham, uns porque não querem trabalhar outros porque não arranjam. Tenho muito, muito casal que está com o rendimento mínimo.

R- Existe alguma oferta educativa especializada pela escola para integrar estas crianças?

E- Não, temos apoios externos vindos da intervenção precoce, temos o apoio da segurança social que disponibilizam os meios necessários.

Estas crianças, não quer dizer que sejam todas, mas há crianças destes casais que têm necessidade de terapia da fala, que têm necessidade de um acompanhamento mais específico e nós aqui não temos problema, porque a intervenção precoce dá o apoio todo de que nós precisamos e a Segurança – Social também, nomeadamente psicólogos e, já aconteceu uma criança precisar de psicólogo e a Segurança Social disponibilizar.

R- Em relação às famílias, existe algum trabalho específico para elas?

E- Não, é a intervenção precoce que faz esse elo de ligação. É assim, nós detectamos o problema e encaminhamos, portanto a escola não tem meios, nem tem pessoal suficiente para o poder fazer, nem pessoal qualificado tão pouco para fazer esse tipo de programa, então o que é que nós fazemos, quando detectamos esse tipo de problema, encaminhamos logo para os sítios devidos para se poder dar a solução ao problema e essas famílias ficam acompanhadas. Quando há um dado novo que nós detectamos ou através da criança, ou de um comportamento, informamos logo para que em equipe, portanto as educadoras de um lado, a segurança social do outro e a intervenção precoce, trabalha tudo no mesmo sentido.

R- Em termos de parceria temos então a intervenção precoce e a segurança social, existem mais algumas para além destas?

E- Também a comissão de protecção de menores e em alguns casos o tribunal de menores. É a comissão de protecção de menores que caso seja necessário encaminha os casos para o tribunal. Existe uma representante que trabalha directamente connosco e que marca presença no tribunal. Ela é que diz o que quer, o que faz falta e que nos alerta para determinadas situações. Nós fornecemos os dados que temos.

R- Diga-me uma coisa, estas crianças tendo esses problemas familiares têm dificuldade ao nível da aprendizagem?

E- Alguns sim, outros não, também há crianças com dificuldades de aprendizagem nas famílias ditas normais, não se pode generalizar. Da minha experiência não me parece

que é por serem de famílias problemáticas que tenham que ter problemas de aprendizagem, às vezes acontece, mas nem sempre. Eu por exemplo tenha aqui uma criança que não tem dificuldades nenhuma ao nível da aprendizagem e tem uma família que está referenciada no tribunal.

R- Sente necessidade de adequar o seu projecto curricular a algum caso específico de alguma criança ou não?

E- É assim, nós fazemos o nosso projecto curricular de turma, observando o nosso grupo e o mesmo baseia-se depois na observação que fazemos do grupo, mediante as dificuldades que as crianças têm e também segundo as características que têm naquela fase. O projecto vai mudando à medida que o tempo passa e à medida que as crianças o vão exigindo. É claro que se há uma criança que tem uma necessidade específica, nós temos um tipo de trabalho diferente para essa criança do que temos para outra dita normal e nesse caso também damos um apoio específico maior para aquela criança?

R- Existe algum tipo de apoio que se desloque aqui à escola?

E- Sim, sim, todo, todos os profissionais vêm à escola. Isto é engraçado porque muitas vezes nas crianças de classe alta também há crianças com muitos problemas, principalmente ao nível alimentar, sabe que é mais fácil comprar hambúrguer ou bolicão... enfim... temos de tudo.

R- Considera que a educação pré-escolar tem contribuído para detectar este tipo de casos, sinalizá-los e tratá-los a tempo?

E- Sim, é na Educação pré-escolar que tudo começa, os problemas começam a ser aí identificados e muitos deles são resolvidos na educação pré-escolar porque depois passam para o 1º ciclo, já vão acompanhadas, já vão os problemas identificados depois é só dar continuidade portanto à terapia.

R- No trabalho que realiza com os seus meninos tem necessidade de partir das concepções que as crianças têm do mundo que as rodeia?

E- É assim, no meu projecto curricular de turma uma das coisas principais é valorizar os saberes que as crianças trazem de casa e neste bairro é muito importante não é retirá-los daqui e fazer com que eles convivam com a realidade que eles aqui têm. Ainda ontem aquela senhora que aqui está me dizia. “Mas eles falam dos problemas deles com um à vontade muito grande” e eu respondi-lhe – “Olhe foi uma das situações que eu integrei nesta turma foi saber falar dos problemas sem problema nenhum e eles têm um grande à vontade para o fazer.

R- Como é feita a articulação da passagem destas crianças que saem aqui da escola para 1º ciclo do ensino básico?

E- Eu, que só posso falar por mim, costumo fazer assim, nós temos um tipo de avaliação que é o seguinte, temos um portfolio dos melhores trabalhos de cada criança num dossier e temos um registo de competências que é feito no último ano, no primeiro ano como a criança só tem três anos fazemos apenas um resumo do seu desenvolvimento a todos os níveis. Esse registo é entregue o original aos pais e a cópia fica arquivada para passar ao professor de 1º ciclo. Normalmente fazemos uma reunião com os colegas do 1º ciclo e nessa reunião tentamos dizer, mais ou menos a que nível é que cada criança está, se tem problema ou não. Muitas vezes fazemos trabalhos em conjunto, como por exemplo trabalhos de projecto. Este ano estamos em espaços diferentes, mas para o ano o espaço físico é o mesmo o que facilita também essa passagem. As festas pontuais também entra a escola toda, como é o caso do Natal, Carnaval, Páscoa e Fim de Ano.

R- Qual o número total de crianças que têm neste momento?

E- Olhe nós não temos 50, porque tivemos o perdão de uma criança porque as salas são pequeninas e não cabíamos por isso em vez de 25 cada sala, deixaram-nos ter 24 cada sala, o que não deixa de ser engraçado.

R- Lembrei-me agora que não lhe perguntei se têm aqui na escol dos assentos alguma criança com NEE?

E- Não. Neste momento não.

R- Então dou por terminada esta entrevista, desde já muito obrigado pelo tempo e atenção que me dispensou

E- Foi com muito gosto.

# Anexo 9

## 1ª Análise das entrevistas realizadas aos Jardins de Infância da rede pública do concelho de Portalegre

### **Entrevista em Vale de Cavalos – 1ª análise**

EP1.1.1 - Começaríamos pela observação da criança

EP 1.1.2 - Identificar eventuais problemas que a criança tivesse



EP 1.1.3 - Tentaríamos descrever também o contexto em que a criança está inserida de maneira a ver também se haveria alguma problemática associada ao contexto em que a criança estivesse, principalmente a família.

EP 1.1.4 - Nós recorremos aos apoios educativos e à equipa de intervenção precoce, é o que temos ao nosso dispor para esse tipo de situações.

EP 1.1.5 - há uma psicóloga mas as disponibilidades são muito reduzidas uma vez que o agrupamento é muito grande.

EP 1.1.6 - a escola procura acompanhar as famílias e as crianças no sentido de conversar com os pais, dar apoio mas no fundo, digamos que não há um trabalho digamos que especializado.

EP 1.2.1 - muitas vezes não dão resposta adequada, porque cada vez mais existem casos e é muito difícil satisfazer todas as necessidades.

EP 1.2.2 - os profissionais de educação pré-escolar são pessoas a grande maioria deles que estão sensíveis a esse trabalho com as crianças nessas condições e também com as famílias no caso de as haver.

EP 1.2.3 - não direi todos os profissionais mas a grande maioria procura ter uma ligação estreita com a família dado a idade das crianças e isso também ajuda a conseguir ultrapassar algumas dificuldades das crianças, através dessa boa relação e dessa relação estreita com as famílias.

EP 1.2.4- Essa articulação no nosso caso está muito facilitada porque os dois níveis de ensino estão juntos no mesmo sítio e isso está garantido em princípio

EP 1.2.5 - depois o trabalho com o professor do 1º ciclo também é realizado, até porque é fácil estamos lado a lado,

EP 1.2.6 - o ano passado tínhamos apenas uma porta que nos separava, este ano estamos mais separados porque há duas salas de 1º ciclo e uma de jardim de infância.

EP 1.3.1 Ao todo são 14 crianças.

EP 1.3.2 - É assim eu tenho um caso de um menino que tem alguma dificuldade na articulação das palavras, mas não me parece razoável sinalizar uma vez que é um menino que tem apenas três anos,

EP 1.3.3 - Acho muito cedo para o fazer e que ver primeiro a sua evolução. Estou convicta que até à sua entrada para o primeiro ciclo a criança há-de evoluir e ultrapassar aquele pequeno problema.

EP 1.3.4 - É um bom grupo, são crianças filhos de famílias organizadas, que se preocupam com a educação das suas crianças, que participam na vida da escola, que são interessadas. Corre tudo bem. É um ambiente muito familiar.

## **Entrevista na Escola da Corredoura – 1ª análise – Entrevista**

### **2**

EP2.1.1 - Em termos cognitivo sinalizamos quando sentimos que não estão a cumprir os objectivos e a seguir os planos de actividades e a atingir as competências

EP 2.1.2 - a nível social quando vemos que elas não têm os cuidados principais básicos ao nível da higiene, alimentação, carinho, afectividade, etc.

EP 2.1.3 - A nível emocional quando sentimos que a criança por qualquer razão não está bem. Muitas vezes a criança esconde e temos que pesquisar o que se passa.

EP 2.1.4 -A nível cognitivo, sinalizamos a criança, após um trabalho com pais, de um estudo aprofundado sobre a criança, porque é muito complicado sinalizar uma criança.

EP2.2.1 -A escola recorre à Intervenção Precoce que dá a resposta de acordo com as necessidades da criança.

EP2.2.2 -Temos uma professora de apoio que se desloca pelas salas e também a psicóloga que pertence ao agrupamento e que faz acompanhamento sempre que possível.

EP2.2.3 - apenas se a Intervenção Precoce detectar maus tratos ou mais alguma situação que o exija encaminha os casos para o Centro de Saúde ou para a Segurança Social mas sempre tudo com o apoio da Intervenção Precoce.

EP2.2.4 - Há um caso com problemas de linguagem que está a ser tratado e trabalhado com a família. Este menino vai duas vezes por semana à terapeuta da fala. Foi um caso em que foi a família que recorreu não foi através da escola.

EP2.2.5 - Há também outra criança com situação de risco que neste momento está a ser apoiada que neste momento está inserida numa família de acolhimento, que por enquanto é de acolhimento com possível adopção futura. As coisas não estão muito mal porque ela agora também tem contactos com a família.

EP2.3.1 - Sim. Tem a psicóloga. Que vem aqui trabalhar com ela e eu trabalho com a psicóloga que não é a do Agrupamento mas sim a da Intervenção Precoce.

EP2.3.2 - Vem aqui uma vez por semana e depois nós reunimo-nos quinzenalmente ou mensalmente, para partilhar, para ver com é que eu vou trabalhar com ela, ao fim ao cabo é para darmos dicas uma à outra.

EP2.3.3 - Até agora não houve necessidade uma vez que a Intervenção Precoce tem feito a ligação entre a escola e as famílias.

EP2.3.4 - Qualquer bom educador tem de estar atento todos estes sinais e não pode deixar passar porque muitas vezes por medo e complicações, por vezes é complicado pegar no caso porque é melindroso, mas isso não ode acontecer. Temos de ter coragem de activar os meios necessários.

EP2.3.5 - O que acontece é na maioria das vezes as colegas têm medo porque também não têm preparação dentro da área, eu acho que qualquer educador devia fazer formação na área do ensino especial. Muitas vezes cai um caso na sala e a educadora fica de pés e mãos atadas e agora o que é que eu faço? Nem tem muita informação. Temos que ser capazes de pedir ajuda aos técnicos que são capazes de nos ajudar.

EP2.3.6 - toda a criança que transite para o 1º ano leva sempre consigo um portfolio e um processo individual que facilitará a sua integração, se bem que aqui a tarefa está facilitada porque a escola fica no mesmo edifício.

EP2.3.7 - Temos reuniões com o professor e pomo-los sempre ao correr de todas as situações principalmente é claro das mais complicadas, para que o professor tenha um conhecimento prévio dessas mesmas situações bem como da melhor maneira de lidar com elas e trabalhar no bom sentido com cada uma das crianças.

EP2.4.1 - O espaço físico é o mesmo por isso habitua-se mais facilmente e para nós professores também é mais fácil porque conhecemo-nos bem e sem querer trocamos ideias e passamos informações.

EP2.4.2 - São ao todo 50 crianças, entre os 3 e os 6 anos. Os pais escolhem muito este Pré Escolar precisamente por causa da continuidade. Neste momento temos lista de espera e tudo.

### **Entrevista na Escola da Vargem ( Monte Carvalho) – Entrevista 3 – 1ª análise**

EP3.1.1 - Sim, temos duas que foram retiradas à família, é o caso do Carlos e do Ruben, que vieram para cá em Dezembro, altura em que foram retirados à família, eles estavam nos Fortios mas desde essa altura que estão cá conosco

EP3.1.2 - Eu penso que sim, a mãe já foi vê-los duas vezes, mas segundo aquilo que me foi dito não mostra grande interesse em ficar com eles, mas penso que eles agora

estabilizaram, quando chegaram aqui vinham completamente sem regras nenhuma neste momento já estão bem melhor, talvez pela própria reacção à mudança, pronto, mas penso que neste momento estão estáveis, têm às vezes um comportamento, mais o Ruben, de fazer birras mas tirando isso estão perfeitamente integrados no grupo.

EP3.1.3 - Temos o apoio da Intervenção Precoce que trabalha directamente com eles, vem a terapeuta da fala, tem a terapeuta ocupacional, tem a psicóloga e tem três vezes por semana uma educadora que está cá à tarde a ajudar-me. Trabalha directamente com eles também.

EP3.2.1 - A educadora normalmente fica na sala comigo, portanto o que eu estou a fazer ela participa nas actividades, a trabalhar especificamente mais com aqueles dois meninos. Normalmente, o que tem mais apoio mesmo é o Carlos tem 6 anos, já com a entrada prevista para a escola, mas pronto na minha opinião ele não irá, se contar alguma coisa ele não irá.

EP3.2.2 - O Ruben com três anos está mais desenvolvido do que o Carlos. A nível de desenvolvimento e de raciocínio está muito atrasado. Enquanto que Ruben já o supera, tem três anos e já o está a superar em muita coisa

EP3.2.3 - É assim eles neste momento não estão com a família e nós não temos autorização sequer para que a mãe os veja aqui, a única ligação que têm é quando a mãe vai lá ao Sagrado coração de Maria.

EP3.2.4 - Têm um horário que é a parte da manhã, deve ter uma hora que por acaso eu não sei que hora é mas tem uma hora que pode ir ver os filhos.

EP3.2.5 - Isso ainda só aconteceu duas vezes, uma em Dezembro e outra penso que no fim de Janeiro. Foram os únicos dois contactos que ela teve até agora com os meninos deste que foram retirados à família. Esses encontros devem ser cerca de uma hora, porque a hora que eles chegam à escola não é mais do que uma hora depois da hora normal de entrada.

EP3.2.6 - Eles estão bem integrados no grupo se bem que requerem uma atenção mais individualizada, por exemplo o Carlos não o posso integrar no grupo dos 5 anos, porque ele não é capaz de atingir os objectivos para os 5 anos, neste momento está integrado no grupo do meio dos 4 anos e mesmo assim por vezes é complicado.

EP3.2.7 - Quando vejo que ele tem vontade de realizar actividades que o grupo dos 5 está a fazer eu deixo-o participar, também não evito que ele participe mas tem muitas limitações, tem muita dificuldade em perceber as tarefas e então eu tenho que estar sempre ao pé dele.

EP3.2.8 - É assim ainda não senti necessidade de mudar nada no projecto por causa dele, apenas os objectivos que me proponho para ele são os dos meninos de 4 anos e não os dos 5.

EP3.2.9 - O Ruben está perfeitamente integrado no grupo dos três anos e até é dos que consegue fazer as coisas melhor, não tem qualquer problema.

EP3.3.1 - O grande problema do Ruben é comportamental, mas é normalmente quando é contrariado, às vezes atira-se para o chão, dá pontapés, enfim faz birras.

EP3.3.2 - O Carlos caso venha a ter adiamento escolar ai sim terei de adaptar o projecto, mas como ele tem este acompanhamento todo, eu acho que vai solucionar ou atenuar o problema, é que neste momento ele já tem terapeuta da fala, terapeuta ocupacional, a psicóloga e a educadora, quer dizer todos os dias tem pessoas com ele.

EP3.3.3 - É essencialmente importante dar-lhe um bocadinho mais de atenção mas também para que ele não sinta que é incapaz em relação aos outros.

EP3.3.4 - Existe uma pessoa responsável por eles, que é a irmã Eugénia, que funciona como uma tutora, por exemplo no Dia de Reis, fizemos aqui um lanchinho com os pais e ela veio com eles, no Natal ela também foi com eles, ela até ficou muito contente

porque nós cantámos uma canções para os pais e fizemos um teatrinho e eles sentem-se integrados, sentem-se muito bem e isso é que é importante.

EP3.3.5 - Eles quase que não se referem à família. Quando se referem é aos meninos da casa, já identificam o Lar como sendo a sua casa, por exemplo ontem vinham de lá com a novidade de que tinham mais uns meninos novos lá na nossa casa e por isso sente-se que estão bastante bem integrados e que elas são muito cuidadas com eles.

EP3.3.6 - Por exemplo agora o Ruben está com problemas ao nível do nariz e são elas que vão com ele ao hospital até se calhar terá de ser operado.

EP3.4.1 - Sim, eu acho que para detectar como nós trabalhamos com a faixa etária dos mais novos, é fácil e tem tido muito valor o trabalho que se tem conseguido fazer ao nível de despistagens, até porque muitas vezes os pais não se apercebem, ou porque às vezes as pessoas não querem ver e depois quando são alertadas para as coisas conseguem perceber e aceitar de outra forma. Por aqui é uma das vantagens

EP3.4.2 - e depois também para combater um bocado as desigualdades porque por exemplo estes meninos estando integrados aqui, por exemplo os valores que são dados a uns são dados a outros, são todos tratados por igual, têm todos as mesmas oportunidades e acho que neste aspecto nós temos muita vantagem e acho que a maior parte das pessoas que eu conheço educadoras todas elas primam por isso que é tratar os meninos todos por igual e nunca colocar ninguém a parte.

EP3.4.3- Dos meus 34 anos de serviço nunca senti nenhuma colega a discriminar nenhuma criança e senti que muitas vezes nós, às vezes até sem querer, também não digo que...,



EP3.4.4 - Às vezes vamos valorizar aqueles que também mais precisam de nós, não é que os outros não sejam também bem tratados mas inconscientemente protegemos mais aqueles que precisam.

EP3.4.5 - apesar de não estar-mos juntos, já tivemos, mas há dois anos que estamos separados, é o ano passado e é este, mas nós temos um projecto que é a continuidade educativa.

EP3.4.6 - Ainda hoje por exemplo o Carnaval foi junto, temos várias actividades em conjunto, por exemplo o magusto também fazemos sempre juntos e por norma é sempre aqui na Vargem, costuma vir também a escola das Carreiras que também tem poucos meninos. No Natal também nos juntamos para fazer a festa, este ano até foi no Instituto da Juventude porque não cabíamos todos aqui. Agora no Carnaval fomos as duas escolas e os dois jardins às carreiras, temos agendado uma visita a Lisboa com as salas daqui e das Carreiras e depois o fim do ano lectivo em principio fazemos uma festa aqui no Monte Carvalho.

EP3.4.7 - Para além disso temos um projecto que é o projecto da continuidade educativa que é assim: em Junho mais ou menos vamos passar um dia lá à escola em que os meninos que vão passar para o 1º ciclo, os outros não os outros ficam cá a brincar fora, andam por ali todo o dia e ficam quase sempre com a auxiliar. Os que vão para o 1º ciclo ficam integrados na turma, ano passado de manhã estivemos com a professora Inês mais virados para área da língua portuguesa e estudo do meio onde fizeram algumas actividades. Depois fizeram parcerias, por exemplo cada menino grande era responsável por cada um dos mais pequeninos. Depois almoçámos lá e de tarde trabalharam matemática e fizeram actividades, foi muito engraçado, porque quando saírem daqui a maioria irá para ali para aquela escola.

EP3.5.1 - No final do ano também faço sempre a ficha de avaliação dos meninos e é passada aos colegas do 1º ciclo. Dou conhecimento aos pais e depois também aos colegas de 1º ciclo. A ficha vai para o processo dos meninos e serve para as professoras saberem como é que eles vão.

EP3.5.2 - Ao todo temos 18 meninos de Pré-Escolar. Aqui na escola funciona o Pré-Escolar e no Monte Carvalho funciona o 1º Ciclo.

### **Entrevista à escola da Alagoa – Entrevista 4 – 1ª análise**

EP4.1.1 - Eu consideraria tratar-se de um caso de risco se detectasse que havia sinais de maus tratos físicos e/ou psicológicos, má nutrição ou falta de higiene.

EP4.1.2 - Não, a escola é muito pequena temos apenas 8 meninos a frequentar o Pré-Escolar

EP4.1.3 - são situações absolutamente normais quer em termos de situação familiar como em casos de NEE

EP4.1.4 - Não necessitamos para já de pedir qualquer tipo de apoio para estas crianças, pelo menos para já.

EP4.1.5 - Caso venhamos a ter crianças em situação de risco, o primeiro passo é sinalizá-las para a Intervenção Precoce que depois tomam as medidas mais apropriadas quer com as crianças quer com as respectivas famílias.

EP4.1.6 - Como já referi não existe parceria mas caso venha a surgir alguma situação iremos recorrer à equipa de intervenção precoce.

EP4.1.7 - Não, não há necessidade de o adequar a nenhum caso específico mas caso isso aconteça o mesmo terá de sofrer as alterações necessárias para responder às necessidades de todas as crianças.

EP4.2.1 - Os projectos devem sempre partir das necessidades específicas do grupo. Se algum dia surgir alguma criança com NEE terá de ser adequado a essa mesma situação.

EP4.2.2 - Caso isso aconteça, pois terá de haver um acompanhamento quer pela escola como pela equipa de intervenção precoce.

EP4.2.3 - Serão realizadas reuniões e conversas para que todos em conjunto possamos atenuar a situação.

EP4.2.4 - Sim, sem dúvida, penso que o trabalho que se faz ao nível da Educação Pré-Escolar é fundamental para um bom desenvolvimento da criança, bem como é muitas vezes aqui que se despistam os mais variados problemas como sejam maus tratos, falta de higiene ou até mesmo situações de NEE.

EP4.2.5 - Somos muitas vezes nós que alertamos os pais ou as instituições competentes e que desde tenra idade se começa a solucionar problemas que muitas vezes são completamente ultrapassados.

EP4.2.6 - Todas as crianças têm o seu lado bom e as suas sabedorias como tal nunca se deve discriminar ninguém por aquilo que a criança não sabe fazer mas sim, pelo que de melhor ela tenha.

EP4.2.7 - Penso que ao nível da educação pré-escolar as educadoras na sua maioria possuem a sensibilidade necessária para este tipo de problemas e por norma levam a bom porto todas ou a maioria das situações.

EP4.2.8 - Sim, para nós não é difícil porque apesar do espaço físico não ser o mesmo, a escola de 1º ciclo fica aqui a dois passos e fazemos sempre tudo em conjunto com eles.

EP4.2.9 - Tudo isto faz com que as crianças que saem daqui não tenham muitos problemas na sua transição.

EP4.2.10 - todas as crianças e em especial situações que possam ser mais complicadas saem acompanhadas por um processo pessoal com o seu historial, avaliações, relatórios e portfolio de trabalhos.

EP4.2.11 - Há também reuniões e conversas entre mim e as professoras de 1º ciclo para lhes transmitir um pouco sobre cada uma das crianças.

EP4.3.1 - Ao todo são 8 crianças dos 3 aos 6 anos.

### **Entrevista à Escola da Praceta – Entrevista 5 – 1ª análise**

EP5.1.1 - criança em situação de risco, poderá ser uma criança vítima de maus tratos físicos e psicológicos, filho de pais toxicodependentes, com falta de higiene e má nutrição.

EP5.1.2 - Pode ainda ser uma criança filha de pais divorciados ou com pais que possuam problemas conjugais.

EP5.1.3 - Pode ser uma criança que possua NEE ou ainda que por possuir raça, etnia diferente possa vir a ser discriminada.

EP5.1.4 - a escola da Praceta é uma escola grande, temos neste momento várias crianças a ter apoio da Intervenção Precoce.

EP5.1.5 - O caso mais grave que temos é o de um menino que foi retirado à família por maus tratos, essa criança está já há algum tempo no CAT do Sagrado Coração de Maria e está devidamente acompanhado.

EP5.1.6 - Para além deste caso que se torna o mais eminente temos também outros, não muitos, talvez mais ou menos 4 casos em que podia haver mais cuidado com a higiene mas nada de significativo.

EP5.1.7 - A maioria dos casos que têm apoio, são problemas de natureza comportamental ou de dificuldades de aprendizagem.

EP5.1.8 - A nossa escola, ou melhor o agrupamento possui uma psicóloga que ajuda no que é necessário mas os apoios são essencialmente feitos pela equipa de intervenção precoce e por uma educadora de apoio.

EP5.2.1 - socorremo-nos da equipa de intervenção precoce, que apoia várias das nossas crianças a diversos níveis, para o caso específica da criança que se encontra no CAT do Sagrado Coração de Maria estabelecemos também parceria com eles. Já temos recebido variadíssimos crianças vindas de lá.

EP5.2.2 - Por norma cada criança tem apoio pelos profissionais especializados 2 a 3 vezes por semana, quer seja terapia da fala, terapia ocupacional, psicólogos.

EP5.2.3 - Não temos neste momento crianças portadoras de NEE e as restantes crianças não me levantam problemas nem grandes preocupações de maior.

EP5.2.4 - Penso que o caso mais preocupante é sem dúvida o daquele menino. Ainda por cima soube hoje que há possibilidades de ele voltar para junto da família, fica a tristeza porque sei que não têm condições mínimas para o acolher e vai ser a desgraça total.

EP5.2.5 - tentamos adequar o nosso Projecto Educativo a todas as crianças que temos na nossa sala, partindo daquilo que lhes interessa, daquilo que mais as motiva.

EP5.2.6 - O projecto já está pensado para este grupo em particular, mas como se tratam de grupos heterogéneos temos sempre que para uma mesma actividade estabelecer vários patamares de objectivos.

EP5.2.7 - Cada caso é um caso e não podemos descurar isso. Temos que saber as limitações de cada criança e saber até onde elas conseguem ir. Não é fácil, mas sem dúvida que temos de o fazer.

EP5.2.8 - Ora bem, no que diz respeito às crianças que apenas têm dificuldades ao nível da aprendizagem o trabalho com as famílias é essencialmente feito pela intervenção precoce, se bem que regularmente reunimos para ver como estão a evoluir as coisas.

EP5.2.9 - A nós como educadoras também cabe ir comunicando sempre e todos os dias com as famílias.

EP5.2.10 - No caso da criança que se encontra no CAT, existem também encontros com as irmãs responsáveis pelo caso quer com a escola, quer com a intervenção precoce.

EP5.2.11 - O que interessa é manter o trabalho em equipa e chamar o mais possível os pais à escola, porque na maioria das vezes os problemas ainda que não sejam ultrapassados são sem dúvida atenuados.

EP5.3.1 - Somos nós que na maioria das vezes detectamos quando algo não está bem,

EP5.3.2 Sem sombra de dúvida somos a segunda família das crianças, cabe-nos a nós o papel preponderante de fazer com que todo e qualquer problema que a criança possa ter seja resolvido,

EP5.3.3 - Cabe-nos a nós sinalizar os casos e acompanhar as famílias sejam os problemas de que natureza forem.

EP5.3.4 - É fundamental que a criança comece a ter esse apoio antes da escolaridade obrigatória, quando mais cedo esse apoio seja posto em prática mais facilmente a criança ultrapassará as suas dificuldades ou problemas.

EP5.3.5 - de há dois anos para cá que nos encontramos nas instalações aqui do Centro infantil de S. Lourenço porque a salas da escola da praceta estão cheias.

EP5.3.6 - Temos aqui duas salas que nos foram cedidas

EP5.3.7 - todas as actividades são feitas em conjunto com os meninos do 1º ciclo da escola da Praceta.

EP5.3.8 - Nos casos mais complicados existe uma passagem de testemunho, uma reunião em que é entregue o processo e é transmitida informação necessária acerca da criança.

EP5.3.9 - ao longo do ano e quando já se sabe quem é a professora que possivelmente irá ficar com o 1º ano há também conversas que de certa forma as prepara para a recepção das crianças.

EP5.3.10 - quando chegam à sala do 1º ciclo a professora já conhece os casos e está assim facilitada a sua mudança.

EP5.3.11 - Por norma a equipa de intervenção precoce também reúne com a professora e entrega-lhe toda a documentação, processo, avaliação, relatórios e registos que tenham acerca da criança.

EP5.3.12 Temos 50 crianças dos 3 aos 6 anos de idade, repartidos por duas salas.

## Entrevista à Escola das Carreiras

### 1ª análise

EP6.1.1 - Para a nossa escola uma criança em situação de risco pode ter a ver com vários factores,

EP6.1.2 - com a sua vivência familiar, com a sua produção na escola, se está bem inserida na escola, se nós nos apercebemos de alguma dificuldade que a criança traga e casa

EP6.2.1 - Nas Carreiras não existe nenhum caso de situação de risco, que se possa considerar de risco eminente.

EP6.2.2 - Como nós não temos nenhuma criança nessas condições não nos é necessário socorrer desse tipo de apoio.

EP6.2.3 - N.E..E. vamos lá a ver, temos uma criança que revela alguma dificuldade na assimilação dos conteúdos,

EP6.2.4 - o facto de revelar alguma dificuldade não quer dizer que tenha algum problema, não tem ninguém que o apoie mas ele mostra muita força de vontade.

EP6.2.5 - Não, não tem qualquer tipo de apoio, porque penso ser uma situação normal e facilmente ultrapassável.

EP6.2.6- Vem três vezes por semana uma colega e 1º Ciclo ajudar-me mas não tem qualquer tipo de especialização.

EP6.2.7 - São sete crianças, ditas normais e que não requerem portanto nenhum tipo de apoio especializado.



EP6.3.1 - Este ano não, o ano passado a minha colega, ainda tentou reter uma criança no J.I. para que interiorizasse melhor alguns conceitos, para se adaptar melhor mas os pais entenderam que ele devia ir para o 1º Ciclo e é assim.

EP6.3.2 - em termos de aprendizagem.

EP6.3.3 - Sou eu que com o meu apoio, tento dar o melhor para atenuar estas lacunas de alguns alunos. Se bem que também não existem problemas de maior.

EP6.3.4 - Carreiras é um meio pequeno e eu conheço os pais praticamente todos, já lá estou há três anos. Estou sempre em sintonia com eles. Ainda por cima como dois são irmãos, em vez de 15 encarregados de educação tenho 14. Mas não, não há problemas em termos familiares.

EP6.3.5 - Repare, nas Carreiras nós temos uma miúda que é dos Fortios, mas que avó está a morar nas Carreiras e ela não quer lá morar, temos dois irmãos de Portalegre e uma miúda que chegou este ano que veio do Atalaião e que a mãe foi para lá morar, de resto é tudo dali, dado e criado.

EP6.3.6 Quando há algum caso como é daquela criança que referi, avisa-se o Agrupamento, eu já o fiz, disseram-me que enviavam um técnico para avaliar o caso mas até hoje, nada. Já propus o miúdo para a sinalização mas até agora estamos à espera de uma resposta.

EP6.4.1 - no ano passado como já referi a educadora de infância tentou que a criança ficasse mais um ano no Pré-Escolar falou comigo também, e pronto eu também conhecia o miúdo, porque as escolas são contíguas,

EP6.4.2 - funcionam lado a lado, têm uma porta que as separa e nós apercebemo-nos do que se passa, o que sem dúvida é meio caminho andado.

EP6.4.3 - o miúdo até está acima das expectativas com que eu fiquei quando o recebi

EP6.4.4 - Ao todo são vinte e dois, no Pré-Escolar são 7.

EP6.4.5 - as Carreiras é um meio pequeno, onde toda a gente se conhece, que com melhores ou piores condições financeiras, mas que as crianças aparecem limpos e bem arranjados.

EP6.4.6 - não existem aqui ainda emigrantes, nem grande conjunto de culturas, por norma são pessoas da terra que por natureza é “boa gente”.

EP6.4.7 - não sei quantos ano é que aquela escola vai durar, eles são seis miúdos do 4º ano, portanto 5 devem sair e não entra nenhum.

EP6.4.8 - Não sei mas dou aquela escola três anos no máximo.

EP6.4.9 - Enquanto em outras freguesias se constroem atractivos para fixar novas pessoas, nas Carreiras não, é o casario que tem, constroem-se mais algumas vivendas mas apenas de pessoas de lá.

EP6.4.10 - Não me parece que a terra cresça em população muito pelo contrário. Foi para lá este casal, que levou aquela miúda, e há dois anos uma senhora que levou dois miúdos.

EP6.5.1 - Aquilo é muito bonito, tem uma vista magnífica mas depois não tem mais nada.

EP6.5.2 - juntam as crianças daqui à escola do Monte Carvalho.

EP6.5.3 - servem para associações desportivas, clubes de caçadores...é assim!

## Entrevista à Escola do Atalaião

### 1ª análise

EP7.1.1 - Problemas de maus tratos, problemas familiares, violência doméstica, necessidades financeiras de extremo, maus hábitos de higiene, maus tratos infantis, atraso de desenvolvimento afectivo, desenvolvimento cognitivo, crianças que necessitam de terapia da fala, portanto toda e qualquer criança que tenha dificuldade a esses níveis.

EP7.1.2 - tenho uma criança Autista, está num nível muito ligeiro e é uma criança que não tem características nenhuma de Autismo, apesar de lhe ter sido diagnosticado, mas não é nada de especial,

EP7.1.3 - para além disso tenho crianças que estão a ser acompanhadas pela terapia da fala e por psicólogos mas também nada de significativo.

EP7.1.4 - Socorre-se apenas da intervenção precoce, mas vai abrir em breve uma sala de autistas aqui nesta escola,

EP7.1.5 - já temos uma educadora especializada em autismo mas como a sala ainda não está equipada ela já se desloca à sala de actividades das crianças.

EP7.2.1 - Esse trabalho é desempenhado pelas equipas de intervenção precoce, que são os mediadores entre a escola e a família.

EP7.2.2 - Ainda hoje tivemos uma reunião com a psicóloga e terapeuta da fala.

EP7.2.3 - Também como não temos sentido necessidade uma vez que não se pode considerar que se tenha crianças em situação de risco, talvez se tivéssemos algum caso mais eminente sentíssemos necessidade de o fazer e por exemplo se no próximo ano surgisse uma criança com deficiência profunda talvez houvesse necessidade de organizar reuniões informativas sobre o problema.

EP7.2.4 - Apenas as crianças que têm dificuldades têm apoio da equipa de intervenção precoce.

EP7.2.5 - Nas reuniões com a equipa tentamos organizar as actividades da melhor maneira possível para que todos atinjam os objectivos propostos.

EP7.2.6 - No caso do menino autista ele tem apoio junto da equipa de intervenção precoce fora da escola, os pais dele são pessoas muito acessíveis que não nos têm levantado qualquer tipo de problema.

EP7.2.7 - Quando necessitamos, requisitamos os serviços seja dos bombeiros, do centro de saúde, etc.

EP7.2.8 - Isso varia muito, principalmente de educadora para educadora, tudo dependo do profissional que esteja a acompanhar a criança isso é mais importante do que até estarem num jardim de infância ou não.

EP7.2.9 - A educadora não pode discriminar qualquer criança e tem de adaptar as suas práticas ao meio em que vive, por exemplo se se trata de uma classe baixa, tem de atenção com os materiais que pede e com os trabalhos que realiza.

EP7.2.10 - É importante que a educadora saiba gerir materiais e actividades para que nenhuma criança se sinta diminuída ou diferente.

EP7.2.11 - É portanto mais importante a educadora e a sua forma de trabalhar do que os facto de estar ou não a frequentar o Jardim de infância.

EP7.3.1 - Vai um processo que acompanha a criança, com vários relatórios e se possível fala-se com a colega mas nem sempre é fácil...

EP7.3.2 - por vezes combina-se com a colega, mas caso contrário envia-se a pasta do processo com um port folio dos seus trabalhos.

EP7.3.3 - Temos 50 meninos, lotação esgotada.

.

## Entrevista à Escola do Montinho 1ª análise

EP8.1.1 - Uma criança que apresentasse sinais de maus tratos físicos ou psicológicos, uma criança que apresentasse N.E.E. ou dificuldades significativas de aprendizagem.

EP8.1.2 - Esta escola é muito pequenina, para o ano vai mesmo encerrar por não termos crianças suficientes.

EP8.1.3 - Temos apenas 5 meninos em que um deles tem um ligeiro grau de autismo, é uma situação complicada mas está neste momento a ser acompanhado pela equipa de intervenção precoce.

EP8.1.4 - O pai não aceita a situação, passa o tempo no café e a mãe coitada é que tem andado com as coisas para a frente. Não é um caso de extremo, mas é um caso que faz com que tenhamos que ter mais cuidados do que o habitual.

EP8.1.5 O Montinho fica em plena Serra de S. Mamede, temos aqui crianças diferentes, onde não existe o banho diário, muitas vezes o facto de terem tomado banho torna-se uma novidade importante para darem no outro dia à educadora.

EP8.1.6 - São crianças que se deslocam todos os dias numa carrinha para a escola, os pais trabalham na agricultura, passam muito tempo no café.

EP8.1.7 - Apesar dos poucos quilómetros que nos separam de Portalegre, por vezes parece que vivemos aqui numa outra época.

EP8.1.8 - O que a escola faz é ir buscar as crianças a casa numa carrinha da junta de freguesia e no final da tarde voltar a deixá-las em casa.

EP8.1.9 - Quase não temos contacto com as famílias uma vez que estas poucas vezes se deslocam à escola.

EP8.1.10 - No caso da criança autista a comunicação entre a escola e a família é feita através da equipa de intervenção precoce.

EP8.2.1 - O Montinho é um local muito pequeno como tal toda a gente se conhece, não temos propriamente parcerias com outras instituições, mas vamos por exemplo almoçar ao lar de idosos e quando há festas por vezes fazemo-las em conjunto.

EP8.2.2 - Este projecto foi concebido a pensar na realidade destas crianças e nos seus saberes como tal não sinto necessidade de adaptar nada, como é claro tenho de apoiar de perto a criança autista para que mais facilmente consiga alcançar os objectivos pretendidos.

EP8.2.3 - Surgiu após vários encontros com as técnicas que também deram o seu parecer.

EP8.2.4 - As terapeutas deslocam-se à escola 2 vezes por semana mas também se deslocam a casa da família e trabalham directamente com eles.

EP8.2.5 - Acima de tudo transmitem-lhes dicas para lidar com o filho e ajudam a família em tudo o que possa melhorar as suas condições de aprendizagem.

EP8.2.6 - Muitas vezes somos nós que detectamos quando algo não está bem e sinalizamos os casos.

EP8.2.7 - Temos um papel preponderante no que diz respeito à discriminação positiva, uma vez que nos cabe a nós fazer com que todas as crianças apesar das suas diferenças e

limitações sejam iguais, ou seja aproveitar sempre aquilo que cada criança tem de melhor para ser valorizado.

EP8.2.8 - Uma criança pode ter limitações em algumas áreas, mas ser muito boa em outras coisas, por isso é fundamental que se estimule e que se valorize sempre aquilo que a criança sabe fazer bem.

EP8.3.1 - Sim, sim ou para Portalegre ou para a Portagem, mas na maioria das vezes vão para Portalegre que é um mundo muito diferente para eles mas que acabam por se habituar.

EP8.3.2 - existe sempre o processo que acompanha a criança na sua passagem, para além disso vão sempre relatórios descritivos da situação em que a criança se encontra.

EP8.3.3 - Já temos feito visitas às escolas a Portalegre e sempre que possível, principalmente nos casos mais complicados, tento reunir com as professoras de 1º ciclo, para lhe transmitir essas informações.

EP8.3.4 - Apenas 5. Infelizmente.

EP8.3.5 - Apenas 1, não é muito preocupante até porque neste momento já está a ter apoio, mas que necessita sem dúvida ter sempre cuidados muito especiais.



## Entrevista à Escola do Reguengo 1ª análise

EP9.1.1 - Há ali uma mas acho que não se pode considerar que esteja em situação de risco até porque neste momento já está mais orientada

EP9.1.2- Acho que nestas idades seria essencialmente se detectasse maus tratos físicos ou psicológicos, violência ou qualquer tipo de desleixo com a alimentação ou com a higiene.

EP9.1.3 -Nessas situações recorreremos à equipa de intervenção precoce e também à Protecção de Menores,

EP9.1.4 - temos também a visita do Polícia da escola segura que vem por aqui quinzenalmente para ver se está tudo bem.

EP9.2.1 - se houver algum caso, pois teremos de adaptar mas não, como lhe disse não temos nenhum caso. Eu sinto que nos centros maiores é mais complicado, aqui o Reguengo é um meio e que regra geral não há desestruturas familiares e em que tudo corre dentro da normalidade.

EP9.2.2 - É assim, neste aspecto não, mas sempre que for necessários organizamos reuniões com os pais para tentar atenuar algum problema que possa surgir.

EP9.2.3 - Sim, penso que sim, é nosso papel detectar maus tratos físicos ou psicológicos e encaminhar da melhor forma.

EP9.2.4 - Nota-se logo quando existe algum problema mais complicado. É fácil para nós detectar esse tipo de situações.

EP9.2.5 - aqui é muito fácil, até porque partilhamos o mesmo espaço e porque fazemos tudo em conjunto, as informações são passadas no dia a dia e as professoras de 1º ciclo conhecem as crianças quando chegam às suas mãos. Sem dúvida a tarefa está facilitada.

EP9.2.6 - Nós temos uma escola pequenina e quando há festas de aniversário ou convívios é sempre tudo feito em conjunto.

EP9.3.1 - Temos 14 meninos, este ano vieram muitas crianças que são de Portalegre, mas como não têm vagas vêm para estas escolas em redor.

## Entrevista à Escola dos Fortios 1ª análise

EP10.1.1 - Se verificasse maus tratos ou marcas físicas, também falta de higiene ou má nutrição, eu falo mais assim porque foi o caso que eu tive mais de perto, eram crianças que traziam marcas no corpo, mas todas estas características nos poderiam mostrar que estávamos perante crianças em situação de risco.

EP10.1.2 -Em termos intelectuais tem a ver com o desenvolvimento que muitas vezes não se processa de uma forma considerada normal.

EP10.1.3-não atingem os parâmetros normais de desenvolvimento que acabam por ser crianças de risco em termos de aprendizagem.

EP10.1.4 -O caso mais flagrante, mesmo ao nível do Q.I. e o que se tentou fazer com os exames de genética tem a ver com formação do carácter masculino.

EP10.1.5 -São 4 irmãos, uma rapariga com desenvolvimento normal e eles os três com desenvolvimento não normal.

EP10.1.6 -Frequentaram já, neste momento já não frequentam todos, apenas o mais novo. Que é uma criança que já teve adiamento escolar e que também não atingiu os objectivos.

EP10.1.7 -Poderá realmente ser um factor genético mas também existe muita falta de estímulo do meio familiar.

EP10.1.8 -Como me passarem pelas mãos os três irmãos verifiquei que as dificuldades e problemas são todos do mesmo tipo.

EP10.1.9 -O pior é que os exames já estão marcados mas ainda não foram feitos para se ter a certeza do que realmente se passa. Mas há muitas dificuldades e o nível de Q.I. está

muito abaixo do normal. Este menino mais novo tem apoio da Intervenção Precoce desde os 3 anos.

EP10.1.10 -Nota-se muita negligência no que diz respeito ao acompanhamento familiar.

EP10.2.1 -o apoio vem da Intervenção Precoce, antes vinha o Ensino Especial, não tinham tantos técnicos e agora vem a Intervenção Precoce e eles são logo acompanhados, há também as consultas de desenvolvimento que os acompanha quando é detectada alguma anomalia.

EP10.2.2 -Sim, claro, é assim como a criança em causa já está em adiamento eu tento que ele faça as mesmas actividades das outras crianças e no fundo ele faz, só que os objectivos pretendidos é que têm de ser diferentes e tem de se estar muito mais tempo.

EP10.2.3 -Mas de uma maneira geral não tem acompanhado, não tem. Tem um atraso grande em relação a outras crianças.

EP10.2.4 -É tudo através da Intervenção Precoce, são eles que fazem essa ligação entre a escola e as famílias.

EP10.2.5 -Embora estejamos sempre abertos ao diálogo, mas a mãe também não tem colaborado muito e o pai como trabalha também se demite um pouco do papel educativo. A mãe é que tem assumido essa responsabilidade mas também não as cumpre. Desde que se lhe exija mais um pouco já não cumpre.

EP10.2.6 -A Intervenção Precoce trabalha directamente com a mãe, mas mesmo assim ela não aceita. Há todo um ambiente familiar que não permite às crianças desenvolverem. Penso que não tem ajudado esse factor. Veja que há um esforço, para em conjunto se trabalhar, mas desta forma também não é fácil para os profissionais porque ela não adere muitas vezes.

EP10.3.1 -Eu acho que sim, neste aspecto a Educação Pré-Escolar é das maiores valias, porque faz todo um trabalho, anterior à entrada no 1º Ciclo.

EP10.3.2 -Acho que seria realmente importante que fosse obrigatório. Isto serve para os casos especiais como para todos os outros.

EP10.3.3 -Eu acho que se tem evoluído bastante neste aspecto, continuam a haver ainda dificuldade por parte de alguns pais em aceitar que o seu filho é diferente.

EP10.3.4 -Se for uma deficiência física é visível, mas caso contrário é mais difícil aceitar, mas digo-lhe que já foi pior, hoje em dia é mais fácil.

EP10.3.5 -Hoje em dia está tudo muito mais fácil em termos de apoio e quase a totalidade das crianças está devidamente apoiada. Ainda que com a saída de nova leis as crianças com apoio serão cada vez menos. Eles vão restringir cada vez mais o número de crianças com apoio.

EP10.3.6 -Houve esse apoio e agora... é como dar e agora tirar. Eles acabam sempre por depois à última da hora resolver essas situações mas vamos lá a ver.

EP10.3.7 -Sim, trabalhamos sempre em conjunto, para já é fácil porque partilhamos o mesmo espaço, os diálogos e as dificuldades entres as colegas são partilhados e está tudo muito mais facilitado.

EP10.3.8 -Tenho 22 crianças.

EP10.3.9 -Tenho essa com apoio, tenho outra com terapia de fala e tenho mais dois vítimas de pais que se separaram e têm mais dificuldades ao nível do comportamento.

EP10.3.10 -É assim, cada caso é um caso temos que trabalhar com todos e com cada um.

EP10.3.11 -Existem aqui nos Fortios divórcios, segundos casamentos e isso influencia muito o bem estar emocional da criança.

EP10.3.12 -Sabe que os Fortios ficam aqui na periferia da cidade de Portalegre e há muitas famílias que vêm para aqui porque é um meio em que se compra a casinha mais barata.

EP10.3.13 -A questão do divórcio também é muito complicado, as famílias desestruturam-se e depois muitas vezes os pais voltam a casar e tudo isso influencia o bem-estar das crianças. Tudo isto mexe muito com o seu psicológico.

EP10.4.1 -Depois também há pouco tempo para se passar com os filhos, andam um pouco ao Deus dará a saltar de uma família para a outra. Isso também se podem considerar situações de risco.

EP10.4.2 -Quem não arranja habitação social m Portalegre vem para cá. E é assim. Mesmo as crianças ricas muitas vezes também estão em situação de risco, por falta de atenção e carinho, é sem dúvida um grande problema dos nossos dias.

## Entrevista à escola da Urra

### 1ª análise

EP11.1.1 - Seria uma criança que apresentasse marcar físicas, má alimentação ou falta de higiene por exemplo,

EP11.1.2 - não, não há aqui nenhuma criança com essas características.

EP11.1.3 - aqui é um meio pequeno, só na cidade existem casos mais complicados, aqui não.

EP11.1.4 - Caso surja algum caso, teremos que nos apoiar na CPCJ ou na Intervenção Precoce.

EP11.1.5 - nunca foi uma situação que me afligiu por isso nunca tentei saber mais e ainda bem que não.

EP11.1.6 - Mas realmente acho que não tenho nada de significativo a sinalizar.

EP11.1.7 - também não tenho nenhuma criança com N.E.E este ano felizmente, trata-se de um grupinho de crianças filhas de famílias ditas normais, com situações bastante estáveis e que não levantam preocupação de maior.

EP11.1.8 - Temos um caso ou outro que podia haver maior cuidado ao nível da higiene mas nada de preocupante.

EP11.2.1 - Existem também uns ligeiros atrasos de linguagem, mas nada de significativo.

EP11.2.2 - Sabe que às vezes sinalizar ou não sinalizar é quase a mesma coisa porque a reposta que temos por parte das terapias também é quase sempre a mesma ou seja nenhuma

EP11.2.3 - senão formos nós a trabalhar também ninguém trabalha por nós.

EP11.2.4 - esse acompanhamento individual é cada vez mais escasso.

EP11.2.5 - É um trabalho mais virado para a criança, pela minha experiência penso que não é fácil trabalhar com as famílias porque estas quase nunca aceitam, sabe, têm sempre muitas expectativas e por mais que se lhe diga que o menino tem algum problema eles não acreditam.

EP11.2.6 - Fazemos muitas reuniões com as terapeutas mas os pais nunca aceitam. Mesmo que tenha NEE acham que os filhos devem fazer tudo aquilo que os outros fazem.

EP11.2.7 - se não formos nós a sinalizá-los, mesmo ao nível da visão, da audição, ninguém mais o faz.

EP11.2.8 - pelo menos a criança sai sinalizada, pode não sentir acompanhada, mas sai sinalizada.

EP11.2.9 - Sempre que detectamos sinais dizemos aos pais, mas na maioria das vezes eles não aceitam. Tirando pequenos problemas não se detecta nada de significativo.

EP11.3.1 Nas desigualdades também não se detecta nada de significativo. É tudo remediado, nem mau, nem bom.

EP11.3.2 - Algumas crianças que não fazem a higiene diária. Mas nada de significativo.

EP11.3.3 - Não existem casos extremos de crianças em situação de risco.

EP11.3.4 - tudo aquilo que se faz é em conjunto e praticamente passam todos por mim, ficam no mesmo edifício o que torna tudo também bem mais fácil.

EP11.3.5 - Temos continuidade com o 1º ciclo, porque há um contacto diário entre todos.

EP11.3.6 - As crianças não costumam estranhar a mudança.



EP11.3.7 - há também o processo que encaminhamos e que facilita a transição.

EP11.3.8 - Ao todo são 17 crianças e não tenho problemas nenhuns que possa assinalar.

EP11.3.9 - Tenho sim um caso de uma criança sobredotada que tem interesses que os outros não têm, vai muito além.

## Entrevista à escola dos Assentos 1ª análise

EP12.1.1 - Há vários factores que nos indicam logo que a criança está em situação de risco, muitas das vezes é o comportamento que nós começamos a observar, outro é o vestir, a má nutrição, o comportamento da criança muitas vezes fora da tal dita normalidade.

EP12.1.2 - Nós começamos a estranhar, no meu caso que sou uma pessoa que já trabalho há muitos anos é fácil detectar e depois começamo-nos a aperceber, porque como estamos no JI, os pais vêm cá muito, e começamo-nos a aperceber...

EP12.1.2 - começamos a investigar entre aspas da situação familiar, hoje ma coisa, amanhã outra e até que nós tenhamos a observação toda completa e pronto vimos a descobrir se é realmente uma situação de risco ou não e aí actuamos.

EP12.1.3 - umas de uma maneira, outras e outra, mas há, há crianças que estão a ser acompanhadas,

EP12.1.4 - há muita criança que está referenciada na segurança social, outras na comissão de protecção de menores e algumas nas duas vertentes.

EP12.1.5 - Essencialmente por problemas familiares e daí advém todos os outros.

EP12.1.6 - São crianças em que os pais têm problemas vários, de tudo um pouco, eu tenho aqui crianças que diria que algumas em situação de risco e tenho também, não referi, mas vou referir agora que estão também a ser acompanhadas pelo tribunal de menores, portanto,

EP12.1.7 - estou aqui à três anos e parece-me que durante estes três anos ainda não deixei de ter crianças acompanhadas pelo tribunal de menores.

EP12.1.8 - Também tenho crianças com situações familiares ditas normais e situação familiar estável, digamos que há uma grande mistura, mas tenho muitas crianças que se pode dizer que estão em situação de risco,

EP12.1.9 - com uma vida familiar cujo rendimento é muito baixo, quase todas de rendimento mínimo, umas que os pais trabalham, outras que não trabalham, uns porque não querem trabalhar outros porque não arranjam. Tenho muito, muito casal que está com o rendimento mínimo.

EP12.2.1 - temos apoios externos vindos da intervenção precoce, temos o apoio da segurança social que disponibilizam os meios necessários.

EP12.2.2 - Estas crianças, não quer dizer que sejam todas, mas há crianças destes casais que têm necessidade de terapia da fala, que têm necessidade de um acompanhamento mais específico e nós aqui não temos problema, porque a intervenção precoce dá o apoio todo de que nós precisamos e a Segurança – Social também, nomeadamente psicólogos e, já aconteceu uma criança precisar de psicólogo e a Segurança Social disponibilizar.

EP12.2.3 - é a intervenção precoce que faz esse elo de ligação. É assim, nós detectamos o problema e encaminhamos,

EP12.2.4 - a escola não tem meios, nem tem pessoal suficiente para o poder fazer, nem pessoal qualificado tão pouco para fazer esse tipo de programa, então o que é que nós fazemos, quando detectamos esse tipo de problema, encaminhamos logo para os sítios devidos para se poder dar a solução ao problema e essas famílias ficam acompanhadas.

EP12.2.5 - Quando há um dado novo que nós detectamos ou através da criança, ou de um comportamento, informamos logo para que em equipe, portanto as educadoras de

um lado, a segurança social do outro e a intervenção precoce, trabalha tudo no mesmo sentido.

EP12.2.6 - Também a comissão de protecção de menores e em alguns casos o tribunal de menores.

EP12.2.7 - É a comissão de protecção de menores que caso seja necessário encaminha os casos para o tribunal. Existe uma representante que trabalha directamente connosco e que marca presença no tribunal. Ela é que diz o que quer, o que faz falta e que nos alerta para determinadas situações. Nós fornecemos os dados que temos.

EP12.3.1 - também há crianças com dificuldades de aprendizagem nas famílias ditas normais, não se pode generalizar.

EP12.3.2 - Da minha experiência não me parece que é por serem de famílias problemáticas que tenham que ter problemas de aprendizagem, às vezes acontece, mas nem sempre.

EP12.3.3 - Eu por exemplo tenha aqui uma criança que não tem dificuldades nenhuma ao nível da aprendizagem e tem uma família que está referenciada no tribunal.

EP12.3.4 - nós fazemos o nosso projecto curricular de turma, observando o nosso grupo e o mesmo baseia-se depois na observação que fazemos do grupo, mediante as dificuldades que as crianças têm e também segundo as características que têm naquela fase. O projecto vai mudando à medida que o tempo passa e à medida que as crianças o vão exigindo.

EP12.3.5- É claro que se há uma criança que tem uma necessidade específica, nós temos um tipo de trabalho diferente para essa criança do que temos para outra dita normal e nesse caso também damos um apoio específico maior para aquela criança.

EP12.3.6- todos os profissionais vêm à escola.

EP12.3.7 - Isto é engraçado porque muitas vezes nas crianças de classe alta também há crianças com muitos problemas, principalmente ao nível alimentar, sabe que é mais fácil comprar hambúrguer ou bolicao... enfim... temos de tudo.

EP12.3.8 - é na Educação pré-escolar que tudo começa, os problemas começam a ser aí identificados e muitos deles são resolvidos na educação pré-escolar porque depois passam para o 1º ciclo, já vão acompanhadas, já vão os problemas identificados depois é só dar continuidade portanto à terapia.

EP12.4.1 - no meu projecto curricular de turma uma das coisas principais é valorizar os saberes que as crianças trazem de casa e neste bairro é muito importante não é retirá-los daqui e fazer com que eles convivam com a realidade que eles aqui têm.

EP12.4.2 - Ainda ontem aquela senhora que aqui está me dizia. “Mas eles falam dos problemas deles com um à vontade muito grande” e eu respondi-lhe – “Olhe foi uma das situações que eu integrei nesta turma foi saber falar dos problemas sem problema nenhum e eles têm um grande à vontade para o fazer.

EP12.4.3 - Nós temos um tipo de avaliação que é o seguinte, temos um portfolio dos melhores trabalhos de cada criança num dossier e temos um registo de competências que é feito no último ano, no primeiro ano como a criança só tem três anos fazemos apenas um resumo do seu desenvolvimento a todos os níveis.

EP12.4.4 - Esse registo é entregue o original aos pais e a cópia fica arquivada para passar ao professor de 1º ciclo.

EP12.4.5 - Normalmente fazemos uma reunião com os colegas do 1º ciclo e nessa reunião tentamos dizer, mais ou menos a que nível é que cada criança está, se tem problema ou não.

EP12.4.6 - Muitas vezes fazemos trabalhos em conjunto, como por exemplo trabalhos de projecto. Este ano estamos em espaços diferentes, mas para o ano o espaço físico é o mesmo o que facilita também essa passagem. As festas pontuais também entra a escola toda, como é o caso do Natal, Carnaval, Páscoa e Fim de Ano.

EP12.4.7 - Olhe nós não temos 50, porque tivemos o perdão de uma criança porque as salas são pequeninas e não cabíamos por isso em vez de 25 cada sala, deixaram-nos ter 24 cada sala, o que não deixa de ser engraçado.

EP12.5.1 - Neste momento não temos crianças com N.E.E

# Anexo 10

Pré – Categorização das entrevistas realizadas aos Jardins de Infância da rede pública

## Conceitos e Definições

EP1.1.1 - Começaríamos pela observação da criança

EP 1.1.2 - Identificar eventuais problemas que a criança tivesse

EP 1.1.3 - Tentaríamos descrever também o contexto em que a criança está inserida de maneira a ver também se haveria alguma problemática associada ao contexto em que a criança estivesse, principalmente a família.

EP2.1.1 - Em termos cognitivo sinalizamos quando sentimos que não estão a cumprir os objectivos e a seguir os planos de actividades e a atingir as competências

EP 2.1.2 - a nível social quando vemos que elas não têm os cuidados principais básicos ao nível da higiene, alimentação, carinho, afectividade, etc.

EP 2.1.3 - A nível emocional quando sentimos que a criança por qualquer razão não está bem. Muitas vezes a criança esconde e temos que pesquisar o que se passa.

EP 2.1.4 -A nível cognitivo, sinalizamos a criança, após uma trabalho com pais, de um estudo aprofundado sobre a criança, porque é muito complicado sinalizar uma criança.

EP4.1.1 - Eu consideraria tratar-se de um caso de risco se detectasse que havia sinais de maus tratos físicos e/ou psicológicos, má nutrição ou falta de higiene.

EP5.1.1 - criança em situação de risco, poderá ser uma criança vítima de maus tratos físicos e psicológicos, filho de pais toxicodependentes, com falta de higiene e má nutrição.

EP5.1.2 - Pode ainda ser uma criança filha de pais divorciados ou com pais que possuam problemas conjugais.



EP5.1.3 - Pode ser uma criança que possua NEE ou ainda que por possuir raça, etnia diferente possa vir a ser discriminada.

EP6.1.2 - com a sua vivência familiar, com a sua produção na escola, se está bem inserida na escola, se nós nos apercebemos de alguma dificuldade que a criança traga e casa

EP7.1.1 - Problemas de maus tratos, problemas familiares, violência doméstica, necessidades financeiras de extremo, maus hábitos de higiene, maus tratos infantis, atraso de desenvolvimento afectivo, desenvolvimento cognitivo, crianças que necessitam de terapia da fala, portanto toda e qualquer criança que tenha dificuldade a esses níveis.

EP8.1.1 - Uma criança que apresentasse sinais de maus tratos físicos ou psicológicos, uma criança que apresentasse N.E.E. ou dificuldades significativas de aprendizagem.

EP9.1.2- Acho que nestas idades seria essencialmente se detectasse maus tratos físicos ou psicológicos, violência ou qualquer tipo de desleixo com a alimentação ou com a higiene.

EP10.1.1 - Se verificasse maus tratos ou marcas físicas, também falta de higiene ou má nutrição, eu falo mais assim porque foi o caso que eu tive mais de perto, eram crianças que traziam marcas no corpo, mas todas estas características nos poderiam mostrar que estávamos perante crianças em situação de risco.

EP10.1.2 -Em termos intelectuais tem a ver com o desenvolvimento que muitas vezes não se processa de uma forma considerada normal.

EP10.1.3-não atingem os parâmetros normais de desenvolvimento que acabam por ser crianças de risco em termos de aprendizagem.

EP11.1.1 - Seria uma criança que apresentasse marcar físicas, má alimentação ou falta de higiene por exemplo,

EP12.1.1 - Há vários factores que nos indicam logo que a criança está em situação de risco, muitas das vezes é o comportamento que nós começamos a observar, outro é o vestir, a má nutrição, o comportamento da criança muitas vezes fora da tal dita normalidade.

## Casos

EP 1.3.2 - É assim eu tenho um caso de um menino que tem alguma dificuldade na articulação das palavras, mas não me parece razoável sinalizar uma vez que é um menino que tem apenas três anos,

EP2.2.4 - Há um caso com problemas de linguagem que está a ser tratado e trabalhado com a família. Este menino vai duas vezes por semana à terapeuta da fala. Foi um caso em que foi a família que recorreu não foi através da escola.

EP2.2.5 - Há também outra criança com situação de risco que neste momento está a ser apoiada que neste momento está inserida numa família de acolhimento, que por enquanto é de acolhimento com possível adopção futura. As coisas não estão muito mal porque ela agora também tem contactos com a família.

EP3.1.1 - Sim, temos duas que foram retiradas à família, é o caso do Carlos e do Ruben, que vieram para cá em Dezembro, altura em que foram retirados à família, eles estavam nos Fortios mas desde essa altura que estão cá conosco

EP3.1.2 - Eu penso que sim, a mãe já foi vê-los duas vezes, mas segundo aquilo que me foi dito não mostra grande interesse em ficar com eles, mas penso que eles agora estabilizaram, quando chegaram aqui vinham completamente sem regras nenhuma neste momento já estão bem melhor, talvez pela própria reacção à mudança, pronto, mas penso que neste momento estão estáveis, têm às vezes um comportamento, mais o Ruben, de fazer birras mas tirando isso estão perfeitamente integrados no grupo

EP3.2.4 - Têm um horário que é a parte da manhã, deve ter uma hora que por acaso eu não sei que hora é mas tem uma hora que pode ir ver os filhos.

EP3.3.5 - Eles quase que não se referem à família. Quando se referem é aos meninos da casa, já identificam o Lar como sendo a sua casa, por exemplo ontem vinham de lá com a novidade de que tinham mais uns meninos novos lá na nossa casa e por isso sente-se que estão bastante bem integrados e que elas são muito cuidadosas com eles.

EP3.2.5 - Isso ainda só aconteceu duas vezes, uma em Dezembro e outra penso que no fim de Janeiro. Foram os únicos dois contactos que ela teve até agora com os meninos deste que foram retirados à família. Esses encontros devem ser cerca de uma hora, porque a hora que eles chegam à escola não é mais do que uma hora depois da hora normal de entrada.

EP3.2.2 - O Ruben com três anos está mais desenvolvido do que o Carlos. A nível de desenvolvimento e de raciocínio está muito atrasado. Enquanto que Ruben já o supera, tem três anos e já o está a superar em muita coisa

EP3.3.1 - O grande problema do Ruben é comportamental, mas é normalmente quando é contrariado, às vezes atira-se para o chão, dá pontapés, enfim faz birras.

EP5.1.5 - O caso mais grave que temos é o de um menino que foi retirado à família por maus tratos, essa criança está já há algum tempo no CAT do Sagrado Coração de Maria e está devidamente acompanhado.

EP5.1.6 - Para além deste caso que se torna o mais eminente temos também outros, não muitos, talvez mais ou menos 4 casos em que podia haver mais cuidado com a higiene mas nada de significativo.

EP5.1.7 - A maioria dos casos que têm apoio, são problemas de natureza comportamental ou de dificuldades de aprendizagem.

EP5.2.4 - Penso que o caso mais preocupante é sem dúvida o daquele menino. Ainda por cima soube hoje que há possibilidades de ele voltar para junto da família, fica a tristeza porque sei que não têm condições mínimas para o acolher e vai ser a desgraça total.

EP6.2.3 - N.E..E. vamos lá a ver, temos uma criança que revela alguma dificuldade na assimilação dos conteúdos,

EP6.2.4 - o facto de revelar alguma dificuldade não quer dizer que tenha algum problema, não tem ninguém que o apoie mas ele mostra muita força de vontade.

EP6.3.2 - em termos de aprendizagem.

EP7.1.2 - tenho uma criança Autista, está num nível muito ligeiro e é uma criança que não tem características nenhuma de Autismo, apesar de lhe ter sido diagnosticado, mas não é nada de especial,

EP8.1.4 - O pai não aceita a situação, passa o tempo no café e a mãe coitada é que tem andado com as coisas para a frente. Não é um caso de extremo, mas é um caso que faz com que tenhamos que ter mais cuidados do que o habitual.

EP8.3.5 - Apenas 1, não é muito preocupante até porque neste momento já está a ter apoio, mas que necessita sem dúvida ter sempre cuidados muito especiais.

EP8.1.3 - Temos apenas 5 meninos em que um deles tem um ligeiro grau de autismo, é uma situação complicada mas está neste momento a ser acompanhado pela equipa de intervenção precoce.

EP8.1.5 O Montinho fica em plena Serra de S. Mamede, temos aqui crianças diferentes, onde não existe o banho diário, muitas vezes o facto de terem tomado banho torna-se uma novidade importante para darem no outro dia à educadora.

EP8.1.6 - São crianças que se deslocam todos os dias numa carrinha para a escola, os pais trabalham na agricultura, passam muito tempo no café.

EP8.1.7 - Apesar dos poucos quilómetros que nos separam de Portalegre, por vezes parece que vivemos aqui numa outra época.

EP10.1.4 -O caso mais flagrante, mesmo ao nível do Q.I. e o que se tentou fazer com os exames de genética tem a ver com formação do carácter masculino.

EP10.1.5 -São 4 irmãos, uma rapariga com desenvolvimento normal e eles os três com desenvolvimento não normal.

EP10.1.6 -Frequentaram já, neste momento já não frequentam todos, apenas o mais novo. Que é uma criança que já teve adiamento escolar e que também não atingiu os objectivos.

EP10.1.7 -Poderá realmente ser um factor genético mas também existe muita falta de estímulo do meio familiar.

EP10.1.8 -Como me passarem pelas mãos os três irmãos verifiquei que as dificuldades e problemas são todos do mesmo tipo.

EP10.1.9 -O pior é que os exames já estão marcados mas ainda não foram feitos para se ter a certeza do que realmente se passa. Mas há muitas dificuldades e o nível de Q.I. está muito abaixo do normal. Este menino mais novo tem apoio da Intervenção Precoce desde os 3 anos.

EP10.3.11 -Existem aqui nos Fortios divórcios, segundos casamentos e isso influencia muito o bem estar emocional da criança.

EP10.3.12 -Sabe que os Fortios ficam aqui na periferia da cidade de Portalegre e há muitas famílias que vêm para aqui porque é um meio em que se compra a casinha mais barata.

EP10.3.13 -A questão do divórcio também é muito complicado, as famílias desestruturaram-se e depois muitas vezes os pais voltam a casar e tudo isso influencia o bem-estar das crianças. Tudo isto mexe muito com o seu psicológico.

EP10.4.1 -Depois também há pouco tempo para se passar com os filhos, andam um pouco ao Deus dará a saltar de uma família para a outra. Isso também se podem considerar situações de risco.

EP10.4.2 -Quem não arranja habitação social m Portalegre vem para cá. E é assim. Mesmo as crianças ricas muitas vezes também estão em situação de risco, por falta de atenção e carinho, é sem dúvida um grande problema dos nossos dias.

EP10.2.5 -Embora estejamos sempre abertos ao diálogo, mas a mãe também não tem colaborado muito e o pai como trabalha também se demite um pouco do papel educativo. A mãe é que tem assumido essa responsabilidade mas também não as cumpre. Desde que se lhe exija mais um pouco já não cumpre.

EP10.2.6 -A Intervenção Precoce trabalha directamente com a mãe, mas mesmo assim ela não aceita. Há todo um ambiente familiar que não permite às crianças desenvolverem. Penso que não tem ajudado esse factor. Veja que há um esforço, para em conjunto se trabalhar, mas desta forma também não é fácil para os profissionais porque ela não adere muitas vezes.

EP10.3.9 -Tenho essa com apoio, tenho outra com terapia de fala e tenho mais dois vítimas de pais que se separaram e têm mais dificuldades ao nível do comportamento.

EP10.1.10 -Nota-se muita negligência no que diz respeito ao acompanhamento familiar.

EP10.3.3 -Eu acho que se tem evoluído bastante neste aspecto, continuam a haver ainda dificuldade por parte de alguns pais em aceitar que o seu filho é diferente.

EP10.3.4 -Se for uma deficiência física é visível, mas caso contrário é mais difícil aceitar, mas digo-lhe que já foi pior, hoje em dia é mais fácil.

EP11.1.8 - Temos um caso ou outro que podia haver maior cuidado ao nível da higiene mas nada de preocupante.

EP11.3.2 - Algumas crianças que não fazem a higiene diária. Mas nada de significativo.

EP11.3.9 - Tenho sim um caso de uma criança sobredotada que tem interesses que os outros não têm, vai muito além.

EP11.1.3 - aqui é um meio pequeno, só na cidade existem casos mais complicados, aqui não.

EP11.2.6 - Fazemos muitas reuniões com as terapeutas mas os pais nunca aceitam. Mesmo que tenha NEE acham que os filhos devem fazer tudo aquilo que os outros fazem.

EP11.2.1 - Existem também uns ligeiros atrasos de linguagem, mas nada de significativo.

EP12.1.3 - umas de uma maneira, outras e outra, mas há, há crianças que estão a ser acompanhadas,

EP12.1.4 - há muita criança que está referenciada na segurança social, outras na comissão de protecção de menores e algumas nas duas vertentes.

EP12.1.5 - Essencialmente por problemas familiares e daí advém todos os outros.

EP12.1.6 - São crianças em que os pais têm problemas vários, de tudo um pouco, eu tenho aqui crianças que diria que algumas em situação de risco e tenho também, não referi, mas vou referir agora que estão também a ser acompanhadas pelo tribunal de menores, portanto,

EP12.1.7 - estou aqui à três anos e parece-me que durante estes três anos ainda não deixei de ter crianças acompanhadas pelo tribunal de menores.

EP12.1.8 - Também tenho crianças com situações familiares ditas normais e situação familiar estável, digamos que há uma grande mistura, mas tenho muitas crianças que se pode dizer que estão em situação de risco,

EP12.1.9 - com uma vida familiar cujo rendimento é muito baixo, quase todas de rendimento mínimo, umas que os pais trabalham, outras que não trabalham, uns porque não querem trabalhar outros porque não arranjam. Tenho muito, muito casal que está com o rendimento mínimo.

EP12.3.3 - Eu por exemplo tenha aqui uma criança que não tem dificuldades nenhuma ao nível da aprendizagem e tem uma família que está referenciada no tribunal.

EP12.3.7 - Isto é engraçado porque muitas vezes nas crianças de classe alta também há crianças com muitos problemas, principalmente ao nível alimentar, sabe que é mais fácil comprar hambúrguer ou bolicão... enfim... temos de tudo.

## **Apoios Especializados**

EP 1.1.4 - Nós recorremos aos apoios educativos e à equipa de intervenção precoce, é o que temos ao nosso dispor para esse tipo de situações.

EP 1.1.5 - há uma psicóloga mas as disponibilidades são muito reduzidas uma vez que o agrupamento é muito grande.

EP 1.2.1 - muitas vezes não dão resposta adequada, porque cada vez mais existem casos e é muito difícil satisfazer todas as necessidades.

EP2.3.1 - Sim. Tem a psicóloga. Que vem aqui trabalhar com ela e eu trabalho com a psicóloga que não é a do Agrupamento mas sim a da Intervenção Precoce.



EP2.3.2 - Vem aqui uma vez por semana e depois nós reunimo-nos quinzenalmente ou mensalmente, para partilhar, para ver com é que eu vou trabalhar com ela, ao fim ao cabo é para darmos dicas uma à outra.

EP2.2.1 -A escola recorre à Intervenção Precoce que dá a resposta de acordo com as necessidades da criança.

EP2.2.2 -Temos uma professora de apoio que se desloca pelas salas e também a psicóloga que pertence ao agrupamento e que faz acompanhamento sempre que possível.

EP2.2.3 - apenas se a Intervenção Precoce detectar maus tratos ou mais alguma situação que o exija encaminha os casos para o Centro de Saúde ou para a Segurança Social mas sempre tudo com o apoio da Intervenção Precoce.

EP3.1.3 - Temos o apoio da Intervenção Precoce que trabalha directamente com eles, vem a terapeuta da fala, tem a terapeuta ocupacional, tem a psicóloga e tem três vezes por semana uma educadora que está cá à tarde a ajudar-me. Trabalha directamente com eles também.

EP3.2.1 - A educadora normalmente fica na sala comigo, portanto o que eu estou a fazer ela participa nas actividades, a trabalhar especificamente mais com aqueles dois meninos. Normalmente, o que tem mais apoio mesmo é o Carlos tem 6 anos, já com a entrada prevista para a escola, mas pronto na minha opinião ele não irá, se contar alguma coisa ele não irá.

EP3.3.6 - Por exemplo agora o Ruben está com problemas ao nível do nariz e são elas que vão com ele ao hospital até se calhar terá de ser operado.

EP4.1.5 - Caso venhamos a ter crianças em situação de risco, o primeiro passo é sinalizá-las para a Intervenção Precoce que depois tomam as medidas mais apropriadas quer com as crianças quer com as respectivas famílias.

EP4.1.6 - Como já referi não existe parceria mas caso venha a surgir alguma situação iremos recorrer à equipa de intervenção precoce.

EP4.2.2 - Caso isso aconteça, pois terá de haver um acompanhamento quer pela escola como pela equipa de intervenção precoce.

EP5.1.4 - a escola da Praceta é uma escola grande, temos neste momento várias crianças a ter apoio da Intervenção Precoce.

EP5.1.8 - A nossa escola, ou melhor o agrupamento possui uma psicóloga que ajuda no que é necessário mas os apoios são essencialmente feitos pela equipa de intervenção precoce e por uma educadora de apoio.

EP5.2.1 - socorremo-nos da equipa de intervenção precoce, que apoia várias das nossas crianças a diversos níveis, para o caso específica da criança que se encontra no CAT do Sagrado Coração de Maria estabelecemos também parceria com eles. Já temos recebido variadíssimos crianças vindas de lá.

EP5.2.2 - Por norma cada criança tem apoio pelos profissionais especializados 2 a 3 vezes por semana, quer seja terapia da fala, terapia ocupacional, psicólogos.

EP6.2.6- Vem três vezes por semana uma colega e 1º Ciclo ajudar-me mas não tem qualquer tipo de especialização.

EP6.3.3 - Sou eu que com o meu apoio, tento dar o melhor para atenuar estas lacunas de alguns alunos. Se bem que também não existem problemas de maior.

EP6.3.6 Quando há algum caso como é daquela criança que referi, avisa-se o Agrupamento, eu já o fiz, disseram-me que enviavam um técnico para avaliar o caso

mas até hoje, nada. Já propus o miúdo para a sinalização mas até agora estamos à espera de uma resposta.

EP7.1.3 - para além disso tenho crianças que estão a ser acompanhadas pela terapia da fala e por psicólogos mas também nada de significativo.

EP7.1.4 - Socorre-se apenas da intervenção precoce, mas vai abrir em breve uma sala de autistas aqui nesta escola,

EP7.2.4 - Apenas as crianças que têm dificuldades têm apoio da equipa de intervenção precoce.

EP7.1.5 - já temos uma educadora especializada em autismo mas como a sala ainda não está equipada ela já se desloca à sala de actividades das crianças.

EP7.2.2 - Ainda hoje tivemos uma reunião com a psicóloga e terapeuta da fala.

EP7.2.6 - No caso do menino autista ele tem apoio junto da equipa de intervenção precoce fora da escola, os pais dele são pessoas muito acessíveis que não nos têm levantado qualquer tipo de problema.

EP7.2.7 - Quando necessitamos, requisitamos os serviços seja dos bombeiros, do centro de saúde, etc.

EP8.1.8 - O que a escola faz é ir buscar as crianças a casa numa carrinha da junta de freguesia e no final da tarde voltar a deixá-las em casa.

EP8.2.4 - As terapeutas deslocam-se à escola 2 vezes por semana mas também se deslocam a casa da família e trabalham directamente com eles.

EP8.2.1 - O Montinho é um local muito pequeno como tal toda a gente se conhece, não temos propriamente parcerias com outras instituições, mas vamos por exemplo almoçar ao lar de idosos e quando há festas por vezes fazemo-las em conjunto.

EP9.1.3 -Nessas situações recorreremos à equipa de intervenção precoce e também à Protecção de Menores,

EP9.1.4 - temos também a visita do Polícia da escola segura que vem por aqui quinzenalmente para ver se está tudo bem.

EP10.2.1 -o apoio vem da Intervenção Precoce, antes vinha o Ensino Especial, não tinham tantos técnicos e agora vem a Intervenção Precoce e eles são logo acompanhados, há também as consultas de desenvolvimento que os acompanha quando é detectada alguma anomalia.

EP10.3.5 -Hoje em dia está tudo muito mais fácil em termos de apoio e quase a totalidade das crianças está devidamente apoiada. Ainda que com a saída de nova leis as crianças com apoio serão cada vez menos. Eles vão restringir cada vez mais o número de crianças com apoio.

EP10.3.6 -Houve esse apoio e agora... é como dar e agora tirar. Eles acabam sempre por depois à última da hora resolver essas situações mas vamos lá a ver.

EP11.1.4 - Caso surja algum caso, teremos que nos apoiar na CPCJ ou na Intervenção Precoce.

EP11.2.2 - Sabe que às vezes sinalizar ou não sinalizar é quase a mesma coisa porque a reposta que temos por parte das terapias também é quase sempre a mesma ou seja nenhuma

EP11.2.3 - senão formos nós a trabalhar também ninguém trabalha por nós.

EP11.2.4 - esse acompanhamento individual é cada vez mais escasso.

EP12.2.1 - temos apoios externos vindos da intervenção precoce, temos o apoio da segurança social que disponibilizam os meios necessários.

EP12.2.2 - Estas crianças, não quer dizer que sejam todas, mas há crianças destes casais que têm necessidade de terapia da fala, que têm necessidade de um acompanhamento mais específico e nós aqui não temos problema, porque a intervenção precoce dá o apoio todo de que nós precisamos e a Segurança – Social também, nomeadamente psicólogos e, já aconteceu uma criança precisar de psicólogo e a Segurança Social disponibilizar.

EP12.2.3 - é a intervenção precoce que faz esse elo de ligação. É assim, nós detectamos o problema e encaminhamos,

EP12.2.4 - a escola não tem meios, nem tem pessoal suficiente para o poder fazer, nem pessoal qualificado tão pouco para fazer esse tipo de programa, então o que é que nós fazemos, quando detectamos esse tipo de problema, encaminhamos logo para os sítios devidos para se poder dar a solução ao problema e essas famílias ficam acompanhadas.

EP12.2.5 - Quando há um dado novo que nós detectamos ou através da criança, ou de um comportamento, informamos logo para que em equipe, portanto as educadoras de um lado, a segurança social do outro e a intervenção precoce, trabalha tudo no mesmo sentido.

EP12.2.6 - Também a comissão de protecção de menores e em alguns casos o tribunal de menores.

EP12.2.7 - É a comissão de protecção de menores que caso seja necessário encaminha os casos para o tribunal. Existe uma representante que trabalha directamente connosco e que marca presença no tribunal. Ela é que diz o que quer, o que faz falta e que nos alerta para determinadas situações. Nós fornecemos os dados que temos.

EP12.3.6- todos os profissionais vêm à escola.

## **Relação com as famílias**

EP 1.1.6 - a escola procura acompanhar as famílias e as crianças no sentido de conversar com os pais, dar apoio mas no fundo, digamos que não há um trabalho digamos que especializado.

EP2.3.3 - Até agora não houve necessidade uma vez que a Intervenção Precoce tem feito a ligação entre a escola e as famílias.

EP3.2.3 - É assim eles neste momento não estão com a família e nós não temos autorização sequer para que a mãe os veja aqui, a única ligação que têm é quando a mãe vai lá ao Sagrado coração de Maria.

EP3.3.4 - Existe uma pessoa responsável por eles, que é a irmã Eugénia, que funciona como uma tutora, por exemplo no Dia de Reis, fizemos aqui um lanchinho com os pais e ela veio com eles, no Natal ela também foi com eles, ela até ficou muito contente porque nós cantámos uma canções para os pais e fizemos um teatrinho e eles sentem-se integrados, sentem-se muito bem e isso é que é importante.

EP4.2.3 - Serão realizadas reuniões e conversas para que todos em conjunto possamos atenuar a situação.

EP5.2.8 - Ora bem, no que diz respeito às crianças que apenas têm dificuldades ao nível da aprendizagem o trabalho com a famílias é essencialmente feito pela intervenção precoce, se bem que regularmente reunimos para ver como estão a evoluir as coisas.

EP5.2.9 - A nós como educadoras também cabe ir comunicando sempre e todos os dias com as famílias.

EP5.2.10 -No caso da criança que se encontra no CAT, existem também encontros com as irmãs responsáveis pelo caso quer com a escola, quer com a intervenção precoce.

EP5.2.11 - O que interessa é manter o trabalho em equipa e chamar o mais possível os pais à escola, porque na maioria das vezes os problemas ainda que não sejam ultrapassados são sem dúvida atenuados.

EP6.3.4 - Carreiras é um meio pequeno e eu conheço os pais praticamente todos, já lá estou há três anos. Estou sempre em sintonia com eles. Ainda por cima como dois são irmãos, em vez de 15 encarregados de educação tenho 14. Mas não, não há problemas em termos familiares.

EP7.2.1 - Esse trabalho é desempenhado pelas equipas de intervenção precoce, que são os mediadores entre a escola e a família.

EP7.2.3 - Também como não temos sentido necessidade uma vez que não se pode considerar que se tenha crianças em situação de risco, talvez se tivéssemos algum caso mais eminente sentíssemos necessidade de o fazer e por exemplo se no próximo ano surgisse uma criança com deficiência profunda talvez houvesse necessidade de organizar reuniões informativas sobre o problema.

EP8.1.9 - Quase não temos contacto com as famílias uma vez que estas poucas vezes se deslocam à escola.

EP8.1.10 - No caso da criança autista a comunicação entre a escola e a família é feita através da equipa de intervenção precoce.

EP8.2.5 - Acima de tudo transmitem-lhes dicas para lidar com o filho e ajudam a família em tudo o que possa melhorar as suas condições de aprendizagem.

EP9.2.2 - É assim, neste aspecto não, mas sempre que for necessários organizamos reuniões com os pais para tentar atenuar algum problema que possa surgir.

EP10.2.4 - É tudo através da Intervenção Precoce, são eles que fazem essa ligação entre a escola e as famílias.

EP11.2.5 - É um trabalho mais virado para a criança, pela minha experiência penso que não é fácil trabalhar com as famílias porque estas quase nunca aceitam, sabe, têm sempre muitas expectativas e por mais que se lhe diga que o menino tem algum problema eles não acreditam.

EP11.2.9 - Sempre que detectamos sinais dizemos aos pais, mas na maioria das vezes eles não aceitam. Tirando pequenos problemas não se detecta nada de significativo.

## **Papel do Educador /Importância da Educação Pré-escolar**

EP 1.2.2 - os profissionais de educação pré-escolar são pessoas a grande maioria deles que estão sensíveis a esse trabalho com as crianças nessas condições e também com as famílias no caso de as haver.

EP 1.2.3 - não direi todos os profissionais mas a grande maioria procura ter uma ligação estreita com a família dado a idade das crianças e isso também ajuda a conseguir ultrapassar algumas dificuldades das crianças, através dessa boa relação e dessa relação estreita com as famílias.

EP2.3.4 - Qualquer bom educador tem de estar atento todos estes sinais e não pode deixar passar porque muitas vezes por medo e complicações, por vezes é complicado pegar no caso porque é melindroso, mas isso não ode acontecer. Temos de ter coragem de activar os meios necessários.

EP2.3.5 - O que acontece é na maioria das vezes as colegas têm medo porque também não têm preparação dentro da área, eu acho que qualquer educador devia fazer formação na área do ensino especial. Muitas vezes cai um caso na sala e a educadora fica de pés e mãos atadas e agora o que é que eu faço? Nem tem muita informação. Temos que ser capazes de pedir ajuda aos técnicos que são capazes de nos ajudar.

EP3.4.1 - Sim, eu acho que para detectar como nós trabalhamos com a faixa etária dos mais novos, é fácil e tem tido muito valor o trabalho que se tem conseguido fazer ao nível de despistagens, até porque muitas vezes os pais não se apercebem, ou porque às vezes as pessoas não querem ver e depois quando são alertadas para as coisas conseguem perceber e aceitar de outra forma. Por aqui é uma das vantagens



EP3.4.2 - e depois também para combater um bocado as desigualdades porque por exemplo estes meninos estando integrados aqui, por exemplo os valores que são dados a uns são dados a outros, são todos tratados por igual, têm todos as mesmas oportunidades e acho que neste aspecto nós temos muita vantagem e acho que a maior parte das pessoas que eu conheço educadoras todas elas primam por isso que é tratar os meninos todos por igual e nunca colocar ninguém a parte.

EP3.4.3- Dos meus 34 anos de serviço nunca senti nenhuma colega a discriminar nenhuma criança e senti que muitas vezes nós, às vezes até sem querer, também não digo que...,

EP3.4.4 - Às vezes vamos valorizar aqueles que também mais precisam de nós, não é que os outros não sejam também bem tratados mas inconscientemente protegemos mais aqueles que precisam.

EP4.2.4 - Sim, sem dúvida , penso que o trabalho que se faz ao nível da Educação Pré-Escolar é fundamental para um bom desenvolvimento da criança, bem como é muitas vezes aqui que se despistam os mais variados problemas como sejam maus tratos, falta de higiene ou até mesmo situações de NEE.

EP4.2.5 - Somos muitas vezes nós que alertamos os pais ou as instituições competentes e que desde tenra idade se começa a solucionar problemas que muitas vezes são completamente ultrapassados.

EP4.2.7 - Penso que ao nível da educação pré-escolar as educadoras na sua maioria possuem a sensibilidade necessária para este tipo de problemas e por norma levam a bom porto todas ou a maioria das situações.

EP5.3.1 - Somos nós que na maioria das vezes detectamos quando algo não está bem,

EP5.3.2 Sem sombra de dúvida somos a segunda família das crianças, cabe-nos a nós o papel preponderante de fazer com que todo e qualquer problema que a criança possa ter seja resolvido,

EP5.3.3 - Cabe-nos a nós sinalizar os casos e acompanhar as famílias sejam os problemas de que natureza forem.

EP5.3.4 - É fundamental que a criança comece a ter esse apoio antes da escolaridade obrigatória, quando mais cedo esse apoio seja posto em prática mais facilmente a criança ultrapassará as suas dificuldades ou problemas.

EP7.2.8 - Isso varia muito, principalmente de educadora para educadora, tudo dependo do profissional que esteja a acompanhar a criança isso é mais importante do que até estarem num jardim de infância ou não.

EP7.2.11 - É portanto mais importante a educadora e a sua forma de trabalhar do que os facto de estar ou não a frequentar o Jardim de infância.

EP8.2.6 - Muitas vezes somos nós que detectamos quando algo não está bem e sinalizamos os casos.

EP9.2.3 - Sim, penso que sim, é nosso papel detectar maus tratos físicos ou psicológicos e encaminhar da melhor forma.

EP9.2.4 - Nota-se logo quando existe algum problema mais complicado. É fácil para nós detectar esse tipo de situações.

EP10.3.1 -Eu acho que sim, neste aspecto a Educação Pré-Escolar é das maiores valias, porque faz todo um trabalho, anterior à entrada no 1º Ciclo.

EP10.3.2 -Acho que seria realmente importante que fosse obrigatório. Isto serve para os casos especiais como para todos os outros.

EP11.2.7 - se não formos nós a sinalizá-los, mesmo ao nível da visão, da audição, ninguém mais o faz.

EP11.2.8 - pelo menos a criança sai sinalizada, pode não sentir acompanhada, mas sai sinalizada.

EP12.1.2 - Nós começamos a estranhar, no meu caso que sou uma pessoa que já trabalho há muitos anos é fácil detectar e depois começamo-nos a aperceber, porque como estamos no JI, os pais vêm cá muito, e começamo-nos a aperceber...começamos a investigar entre aspas da situação familiar, hoje ma coisa, amanhã outra e até que nós tenhamos a observação toda completa e pronto vimos a descobrir se é realmente uma situação de risco ou não e ai actuamos.

EP12.3.8 - é na Educação pré-escolar que tudo começa, os problemas começam a ser aí identificados e muitos deles são resolvidos na educação pré-escolar porque depois passam para o 1º ciclo, já vão acompanhadas, já vão os problemas identificados depois é só dar continuidade portanto à terapia

## **Adaptação do Projecto Curricular**

EP3.2.6 - Eles estão bem integrados no grupo se bem que requerem uma atenção mais individualizada, por exemplo o Carlos não o posso integrar no grupo dos 5 anos, porque ele não é capaz de atingir os objectivos para os 5 anos, neste momento está integrado no grupo do meio dos 4 anos e mesmo assim por vezes é complicado.

EP3.2.7 - Quando vejo que ele tem vontade de realizar actividades que o grupo dos 5 está a fazer eu deixo-o participar, também não evito que ele participe mas tem muitas limitações, tem muita dificuldade em perceber as tarefas e então eu tenho que estar sempre ao pé dele.

EP3.2.8 - É assim ainda não senti necessidade de mudar nada no projecto por causa dele, apenas os objectivos que me proponho para ele são os dos meninos de 4 anos e não os dos 5.

EP3.3.2 - O Carlos caso venha a ter adiamento escolar ai sim terei de adaptar o projecto, mas como ele tem este acompanhamento todo, eu acho que vai solucionar ou atenuar o problema, é que neste momento ele já tem terapeuta da fala, terapeuta ocupacional, a psicóloga e a educadora, quer dizer todos os dias tem pessoas com ele.

EP3.3.3 - É essencialmente importante dar-lhe um bocadinho mais de atenção mas também para que ele não sinta que é incapaz em relação aos outros.

EP4.1.7 - Não, não há necessidade de o adequar a nenhum caso específico mas caso isso aconteça o mesmo terá de sofrer as alterações necessárias para responder às necessidades de todas as crianças.

EP4.2.1 - Os projectos devem sempre partir das necessidades específicas do grupo. Se algum dia surgir alguma criança com NEE terá de ser adequado a essa mesma situação.

EP5.2.5 - tentamos adequar o nosso Projecto Educativo a todas as crianças que temos na nossa sala, partindo daquilo que lhes interessa, daquilo que mais as motiva.

EP5.2.6 - O projecto já está pensado para este grupo em particular, mas como se tratam de grupos heterogéneos temos sempre que para uma mesma actividade estabelecer vários patamares de objectivos.

EP6.3.1 - Este ano não, o ano passado a minha colega, ainda tentou reter uma criança no J.I. para que interiorizasse melhor alguns conceitos, para se adaptar melhor mas os pais entenderam que ele devia ir para o 1º Ciclo e é assim.

EP6.4.1 - no ano passado como já referi a educadora de infância tentou que a criança ficasse mais um ano no Pré-Escolar falou comigo também, e pronto eu também conhecia o miúdo, porque as escolas são contíguas,

EP7.2.5 - Nas reuniões com a equipa tentamos organizar as actividades da melhor maneira possível para que todos atinjam os objectivos propostos.

EP8.2.2 - Este projecto foi concebido a pensar na realidade destas crianças e nos seus saberes como tal não sinto necessidade de adaptar nada, como é claro tenho de apoiar de perto a criança autista para que mais facilmente consiga alcançar os objectivos pretendidos.

EP8.2.3 - Surgiu após vários encontros com as técnicas que também deram o seu parecer.

EP9.2.1 - se houver algum caso, pois teremos de adaptar mas não, como lhe disse não temos nenhum caso. Eu sinto que nos centros maiores é mais complicado, aqui o Reguengo é um meio e que regra geral não há desestruturas familiares e em que tudo corre dentro da normalidade.

EP10.2.2 - Sim, claro, é assim como a criança em causa já está em adiamento eu tento que ele faça as mesmas actividades das outras crianças e no fundo ele faz, só que os objectivos pretendidos é que têm de ser diferentes e tem de se estar muito mais tempo.

EP10.2.3 - Mas de uma maneira geral não tem acompanhado, não tem. Tem um atraso grande em relação a outras crianças.

EP12.3.4 - nós fazemos o nosso projecto curricular de turma, observando o nosso grupo e o mesmo baseia-se depois na observação que fazemos do grupo, mediante as dificuldades que as crianças têm e também segundo as características que têm naquela fase. O projecto vai mudando à medida que o tempo passa e à medida que as crianças o vão exigindo.

EP12.3.5- É claro que se há uma criança que tem uma necessidade específica, nós temos um tipo de trabalho diferente para essa criança do que temos para outra dita normal e nesse caso também damos um apoio específico maior para aquela criança.

## Concepções

EP4.2.6 - Todas as crianças têm o seu lado bom e as suas sabedorias como tal nunca se deve discriminar ninguém por aquilo que a criança não sabe fazer mas sim, pelo que de melhor ela tenha.

EP5.2.7 - Cada caso é um caso e não podemos descurar isso. Temos que saber as limitações de cada criança e saber até onde elas conseguem ir. Não a fácil, mas sem dúvida que temos de o fazer.

EP7.2.9 - A educadora não pode discriminar qualquer criança e tem de adaptar as suas práticas ao meio em que vive, por exemplo se se trata de uma classe baixa, tem de atenção com os materiais que pede e com os trabalhos que realiza.

EP7.2.10 - É importante que a educadora saiba gerir materiais e actividades para que nenhuma criança se sinta diminuída ou diferente.

EP8.2.7 - Temos um papel preponderante no que diz respeito à discriminação positiva, uma vez que nos cabe a nós fazer com que todas as crianças apesar das suas diferenças e limitações sejam iguais, ou seja aproveitar sempre aquilo que cada criança tem de melhor para ser valorizado.

EP8.2.8 - Uma criança pode ter limitações em algumas áreas, mas ser muito boa em outras coisas, por isso é fundamental que se estimule e que se valorize sempre aquilo que a criança sabe fazer bem.

EP10.3.10 -É assim, cada caso é um caso temos que trabalhar com todos e com cada um.

EP12.4.1 - no meu projecto curricular de turma uma das coisas principais é valorizar os saberes que as crianças trazem de casa e neste bairro é muito importante não é retirá-los daqui e fazer com que eles convivam com a realidade que eles aqui têm.

EP12.4.2 - Ainda ontem aquela senhora que aqui está me dizia. “Mas eles falam dos problemas deles com um à vontade muito grande” e eu respondi-lhe – “Olhe foi uma

das situações que eu integrei nesta turma foi saber falar dos problemas sem problema nenhum e eles têm um grande à vontade para o fazer.

## **Continuidade Educativa com o 1º ciclo do ensino básico**

EP 1.2.4- Essa articulação no nosso caso está muito facilitada porque os dois níveis de ensino estão juntos no mesmo sítio e isso está garantido em princípio

EP 1.2.5 - depois o trabalho com o professor do 1º ciclo também é realizado, até porque é fácil estamos lado a lado,

EP 1.2.6 - o ano passado tínhamos apenas uma porta que nos separava, este ano estamos mais separados porque há duas salas de 1º ciclo e uma de jardim de infância.

EP2.3.6 - toda a criança que transite para o 1º ano leva sempre consigo um portfolio e um processo individual que facilitará a sua integração, se bem que aqui a tarefa está facilitada porque a escola fica no mesmo edifício.

EP2.3.7 - Temos reuniões com o professor e pomo-los sempre ao correr de todas as situações principalmente é claro das mais complicadas, para que o professor tenha um conhecimento prévio dessas mesmas situações bem como da melhor maneira de lidar com elas e trabalhar no bom sentido com cada uma das crianças.

EP2.4.1 - O espaço físico é o mesmo por isso habituam-se mais facilmente e para nós professores também é mais fácil porque conhecemo-nos bem e sem querer trocamos ideias e passamos informações.

EP3.4.5 - apesar de não estar-mos juntos, já tivemos, mas há dois anos que estamos separados, é o ano passado e é este, mas nós temos uma projecto que é a continuidade educativa.

EP3.4.6 - Ainda hoje por exemplo o Carnaval foi junto, temos várias actividades em conjunto, por exemplo o magusto também fazemos sempre juntos e por norma é sempre

aqui na Vargem, costuma vir também a escola das Carreiras que também tem poucos meninos. No Natal também nos juntamos para fazer a festa, este ano até foi no Instituto da Juventude porque não cabíamos todos aqui. Agora no Carnaval fomos as duas escolas e os dois jardins às carreiras, temos agendado uma visita a Lisboa com as salas daqui e das Carreiras e depois o fim do ano lectivo em principio fazemos uma festa aqui no Monte Carvalho.

EP3.4.7 - Para além disso temos um projecto que é o projecto da continuidade educativa que é assim: em Junho mais ou menos vamos passar um dia lá à escola em que os meninos que vão passar para o 1º ciclo, os outros não os outros ficam cá a brincar fora, andam por ali todo o dia e ficam quase sempre com a auxiliar. Os que vão para o 1º ciclo ficam integrados na turma, ano passado de manhã estivemos com a professora Inês mais virados para área da língua portuguesa e estudo do meio onde fizeram algumas actividades. Depois fizeram parcerias, por exemplo cada menino grande era responsável por cada um dos mais pequeninos. Depois almoçámos lá e de tarde trabalharam matemática e fizeram actividades, foi muito engraçado, porque quando saírem daqui a maioria irá para ali para aquela escola.

EP3.5.1 - No final do ano também faço sempre a ficha de avaliação dos meninos e é passada aos colegas do 1º ciclo. Dou conhecimento aos pais e depois também aos colegas de 1º ciclo. A ficha vai para o processo dos meninos e serve para as professoras saberem como é que eles vão.

EP4.2.8 - Sim, para nós não é difícil porque apesar do espaço físico não ser o mesmo, a escola de 1º ciclo fica aqui a dois passos e fazemos sempre tudo em conjunto com eles.

EP4.2.9 - Tudo isto faz com que as crianças que saem daqui não tenham muitos problemas na sua transição.

EP4.2.10 - todas as crianças e em especial situações que possam ser mais complicadas saem acompanhadas por um processo pessoal com o seu historial, avaliações, relatórios e portfolio de trabalhos.



EP4.2.11 - Há também reuniões e conversas entre mim e as professoras de 1º ciclo para lhes transmitir um pouco sobre cada uma das crianças.

EP5.3.7 - todas as actividades são feitas em conjunto com os meninos do 1º ciclo da escola da Praceta.

EP5.3.8 - Nos casos mais complicados existe uma passagem de testemunho, uma reunião em que é entregue o processo e é transmitida informação necessária acerca da criança.

EP5.3.9 - ao longo do ano e quando já se sabe quem é a professora que possivelmente irá ficar com o 1º ano há também conversas que de certa forma as prepara para a recepção das crianças.

EP5.3.10 - quando chegam à sala do 1º ciclo a professora já conhece os casos e está assim facilitada a sua mudança.

EP5.3.11 - Por norma a equipa de intervenção precoce também reúne com a professora e entrega-lhe toda a documentação, processo, avaliação, relatórios e registos que tenham acerca da criança.

EP6.4.2 - funcionam lado a lado, têm uma porta que as separa e nós apercebemo-nos do que se passa, o que sem dúvida é meio caminho andado.

EP7.3.1 - Vai um processo que acompanha a criança, com vários relatórios e se possível fala-se com a colega mas nem sempre é fácil...

EP7.3.2 - por vezes combina-se com a colega, mas caso contrário envia-se a pasta do processo com um port folio dos seus trabalhos.

EP8.3.2 - existe sempre o processo que acompanha a criança na sua passagem, para além disso vão sempre relatórios descritivos da situação em que a criança se encontra.

EP8.3.3 - Já temos feito visitas às escolas a Portalegre e sempre que possível, principalmente nos casos mais complicados, tento reunir com as professoras de 1º ciclo, para lhe transmitir essas informações.

EP9.2.5 - aqui é muito fácil, até porque partilhamos o mesmo espaço e porque fazemos tudo em conjunto, as informações são passadas no dia a dia e as professoras de 1º ciclo conhecem as crianças quando chegam às suas mãos. Sem dúvida a tarefa está facilitada.

EP9.2.6 - Nós temos uma escola pequenina e quando há festas de aniversário ou convívios é sempre tudo feito em conjunto.

EP10.3.7 -Sim, trabalhamos sempre em conjunto, para já é fácil porque partilhamos o mesmo espaço, os diálogos e as dificuldades entres as colegas são partilhados e está tudo muito mais facilitado.

EP11.3.4 - tudo aquilo que se faz é em conjunto e praticamente passam todos por mim, ficam no mesmo edifício o que torna tudo também bem mais fácil.

EP11.3.5 - Temos continuidade com o 1º ciclo, porque há um contacto diário entre todos.

EP11.3.6 - As crianças não costumam estranhar a mudança.

EP11.3.7 - há também o processo que encaminhamos e que facilita a transição.

EP12.4.3 - Nós temos um tipo de avaliação que é o seguinte, temos um portfolio dos melhores trabalhos de cada criança num dossier e temos um registo de competências que é feito no último ano, no primeiro ano como a criança só tem três anos fazemos apenas um resumo do seu desenvolvimento a todos os níveis.

EP12.4.4 - Esse registo é entregue o original aos pais e a cópia fica arquivada para passar ao professor de 1º ciclo.

EP12.4.5 - Normalmente fazemos uma reunião com os colegas do 1º ciclo e nessa reunião tentamos dizer, mais ou menos a que nível é que cada criança está, se tem problema ou não.

EP12.4.6 - Muitas vezes fazemos trabalhos em conjunto, como por exemplo trabalhos de projecto. Este ano estamos em espaços diferentes, mas para o ano o espaço físico é o mesmo o que facilita também essa passagem. As festas pontuais também entra a escola toda, como é o caso do Natal, Carnaval, Páscoa e Fim de Ano.

## **Totalidade das crianças**

EP 1.3.1 Ao todo são 14 crianças.

EP2.4.2 - São ao todo 50 crianças, entre os 3 e os 6 anos. Os pais escolhem muito este Pré Escolar precisamente por causa da continuidade. Neste momento temos lista de espera e tudo.

EP3.5.2 - Ao todo temos 18 meninos de Pré-Escolar. Aqui na escola funciona o Pré-Escolar e no Monte Carvalho funciona o 1º Ciclo.

EP4.3.1 - Ao todo são 8 crianças dos 3 aos 6 anos

EP5.3.12 Temos 50 crianças dos 3 aos 6 anos de idade, repartidos por duas salas.

EP6.4.4 - Ao todo são vinte e dois, no Pré-Escolar são 7.

EP7.3.3 - Temos 50 meninos, lotação esgotada.

EP8.3.4 - Apenas 5. Infelizmente.

EP9.3.1 - Temos 14 meninos, este ano vieram muitas crianças que são de Portalegre, mas como não têm vagas vêm para estas escolas em redor.

EP10.3.8 -Tenho 22 crianças.

EP11.3.8 - Ao todo são 17 crianças e não tenho problemas nenhuns que possa assinalar.

EP12.4.7 - Olhe nós não temos 50, porque tivemos o perdão de uma criança porque as salas são pequeninas e não cabíamos por isso em vez de 25 cada sala, deixaram-nos ter 24 cada sala, o que não deixa de ser engraçado.

# Anexo 11

Quadros de Categorização de informação recolhida junto das IPSS's, dos Jardins-de-Infância da rede pública e das Instituições com actividade no âmbito da protecção de menores do concelho de Portalegre

### Quadro 1- Conceitos de Crianças em Risco

| Categorias                                      | Sub - Categorias   | Indicadores   | U.R.      | U.E.      |
|---|--|---|-----------|-----------|
| <p><b>1- Conceitos de crianças em risco</b></p> | <p>1.1- Crianças com carências emocionais e/ou falta de uma estrutura familiar</p> | <p><i>IP1.1.1 – (...) toda e qualquer criança que possui carências emocionais (...)</i><br/> <i>IP2.1.1 – “(...)crianças que sofriram de alguns abusos por parte dos pais(...) não tinham o mínimo de um estrutura familiar”</i><br/> <i>IP3.2.3 – “(...)também temos situações complicadas de maus ambientes familiares.”</i><br/> <i>IP5.1.1 – (...)viver sozinha (...)pode não ter o amor necessário (...)Pode não ter higiene e está em risco, pode não ter a alimentação adequada e está em risco.”</i><br/> <i>IP5.1.2 - “Só brincam com os brinquedos e não têm a afectividade que é o principal.”</i><br/> <i>EPI.1.3 – “Tentáramos descrever também o contexto em que a criança está inserida de maneira a ver também se haveria alguma problemática associada ao contexto em que a criança estivesse, principalmente a família.”</i><br/> <i>EP 2.1.2 – “A nível social quando vemos que elas não têm os cuidados principais básicos ao nível (...) do carinho, afectividade, etc.”</i><br/> <i>EP 2.1.3- “A nível emocional quando sentimos que a criança por qualquer razão não está bem. Muitas vezes a criança esconde e temos que pesquisar o que se passa.”</i><br/> <i>EP5.1.2 – “Pode ainda ser uma criança filha de pais divorciados ou com pais que possuam problemas conjugais.”</i><br/> <i>EP5.1.1 – “criança em situação de risco, poderá ser uma criança (...) com má nutrição.</i><br/> <i>EP6.1.2 - –“(...) com a sua vivência familiar, com a sua produção na escola, se está bem inserida na escola, (...) alguma dificuldade que a criança traga”</i><br/> <i>IPMI.2.1- Está sujeita, de forma directa ou indirecta, a comportamentos que afectem gravemente a sua segurança ou o seu equilíbrio emocional;</i><br/><br/> <i>IPMI.1.3 – Não recebe os cuidados ou a afeição adequados à sua idade e situação pessoal;</i><br/><br/> <i>IPMI.1.1- Está abandonada ou vive entregue a si própria;</i></p> | <p>15</p> | <p>10</p> |

|  |   |  |    |    |
|--|---|--|----|----|
|  |   | <i>IPM3.4.3 – Factores associados ao aumento da possibilidade de ocorrer um comportamento ou situação com consequências negativas para o desenvolvimento.</i>  |    |    |
|  | 1.2 – Crianças vítimas de Maus-tratos físicos e/ou psicológicos | <p><i>IP1.1.1 – (...) má nutrição (...)</i></p> <p><i>IP2.1.1 – “(...) sofriam de violência (...)”</i></p> <p><i>IP3.2.4 – “(...) já chegámos aqui a dar banho (...)”</i></p> <p><i>IP3.2.5 – “(...) depois é também a questão da alimentação.”</i></p> <p><i>IP4.1.1 – “(...) nós aqui não temos muitos problemas a esse nível de crianças em risco (...)”</i></p> <p><i>IP4.1.3 – “Neste momento não temos nenhum caso, não temos casos em que notemos que há má nutrição ou falta de higiene, nada disso ...”</i></p> <p><i>IP4.1.2 – “(...) para nós criança em risco será uma criança em que se pudesse detectar ou maus tratos ou que nós víssemos em questão de higiene ou em alimentação”</i></p> <p><i>IP5.1.1 – “(...) viver sozinha (...) pode não ter o amor necessário (...) Pode não ter higiene e está em risco, pode não ter a alimentação adequada e está em risco.”</i></p> <p><i>IP6.1.1 – ““crianças que fossem vítimas de violências, sub nutridas, com falta de higiene ou que possuíssem deficiências físicas.”</i></p> <p><i>EP 2.1.2 – “A nível social quando vemos que elas não têm os cuidados principais básicos ao nível da higiene (...)”</i></p> <p><i>EP4.1.1- “Eu consideraria tratar-se de um caso de (...) má nutrição (...) e sinais de maus tratos físicos e/ou psicológicos.”</i></p> <p><i>EP5.1.1 – “criança em situação de risco, poderá ser uma criança (...) com má nutrição e com maus tratos físicos e ou psicológicos “(...) viver sozinha (...) pode não ter o amor necessário (...) Pode não ter higiene (...) pode não ter a alimentação adequada”</i></p> <p><i>EP7.1.1 – “(...) violência doméstica (...), maus hábitos de higiene (...)</i></p> <p><i>EP8.1.1 – “Uma criança que apresentasse sinais de maus tratos físicos ou psicológicos”</i></p> <p><i>EP9.1.2 – “Acho que nestas idades seria essencialmente se detectasse (...) ou qualquer tipo de desleixo com a alimentação ou com a higiene e maus tratos físicos e/ou psicológicos”</i></p> <p><i>EP10.1.1 – “verificasse (...) também falta de higiene (...), maus tratos ou marcas físicas”</i></p> <p><i>EP11.1.1 – “Seria uma criança (...) falta de higiene por exemplo”</i></p> | 20 | 17 |

|  |   |   |    |   |
|--|---|---|----|---|
|  |   | <p><b>EP12.1.1</b> – “Há vários factores que nos indicam logo que a criança está em situação de risco (...) o vestir(...) a má nutrição.</p> <p><b>IPM1.1.2</b> – Sofre maus tratos físicos ou psíquicos ou é vítima de abusos sexuais;</p> <p><b>IPM3.4.5-</b> crianças/famílias com privação social/cultural. Surge muitas vezes associado ao risco biológico, ou seja crianças que têm grande possibilidade de apresentar atrasos no seu desenvolvimento</p>   |    |   |
|  | 1.3 – Crianças vítimas de Abusos Familiares               | <p><b>IP1.1.1</b> – (...) toda e qualquer criança que possui carências emocionais (...)</p> <p><b>IP2.1.1</b> – “(...)crianças que sofriam de alguns abusos por parte dos pais(...) não tinham o mínimo de um estrutura familiar”</p> <p><b>IP6.1.1</b> - ““crianças que fossem vítimas de violências, sub nutridas, com falta de higiene ou que possuíssem deficiências físicas.”</p> <p><b>IPM1.1.4-</b> “obrigada a actividade ou trabalhos excessivos ou inadequados à sua idade, dignidade e situação pessoal ou prejudiciais à sua formação ou desenvolvimento;”</p>  | 4  | 4 |
|  | 1.4 – Crianças com Deficiências Físicas e/ou Psicológicas | <p><b>IP1.1.1</b> – “(...)deficiências físicas(...)”atrasos psicológicos”</p> <p><b>IP6.1.1</b> - ““crianças que fossem vítimas de violências, sub nutridas, com falta de higiene ou que possuíssem deficiências físicas.”</p> <p><b>EP2.1.1</b> – “Em termos cognitivo sinalizamos quando sentimos que não estão a cumprir os objectivos e a seguir os planos de actividades e a atingir as competências”</p> <p><b>EP 2.1.4</b> – –“A nível cognitivo, sinalizamos a criança, após uma trabalho com pais, de um estudo aprofundado sobre a criança”</p> <p><b>EP5.1.3</b> – “Pode ser uma criança que possua NEE (...)”</p> <p><b>EP7.1.1</b> – “(...) crianças com atraso de desenvolvimento”</p> <p><b>EP8.1.1</b> – “(...) uma criança que apresentasse N.E.E (...)”</p> <p><b>EP10.1.2</b> – “Em termos intelectuais tem a ver com o desenvolvimento que muitas vezes não se processa de uma forma considerada normal.”</p> <p><b>EP10.1.3-</b> -“(...)não atingem os parâmetros normais de desenvolvimento que acabam por ser crianças de risco em termos de aprendizagem.”</p> <p><b>IPM3.1.1</b> – Destina-se a crianças até à idade escolar que estejam em risco de atraso de desenvolvimento, manifestem deficiência ou necessidades educativas especiais.</p> | 11 | 8 |



|  |                                      |  |   |   |
|--|--------------------------------------|--|---|---|
|  |                                      | <i>IPM3.3.2- “A inclusão do conceito de “risco de atraso de desenvolvimento”</i>   |   |   |
|  | 1.5 – Crianças Multiculturais        | <i>EP5.1.3 - “Pode ser uma criança (...) ou ainda que por possuir raça, etnia diferente possa vir a ser discriminada.”</i>                 | 1 | 1 |
|  | 1.6 – Crianças carenciadas           | <i>EP7.1.1- com necessidades financeiras de extremo (...)”</i>   | 1 | 1 |
|  | 1.7 – Crianças com Mau Comportamento | <i>IPM1.2.2 - “comportamentos ou entrega a actividades ou consumos que afectem gravemente a sua saúde, segurança, formação e educação”</i> | 1 | 1 |

## Quadro 2 – Oferta Disponibilizada a crianças e famílias de risco

| Categories  | Sub - Categorias   | Indicadores  | U.R. | U.E. |
|---|--|--|------|------|
| <b>2- Oferta disponibilizada a crianças e famílias de risco</b> | 2.1-Dar prioridade sobre as outras crianças na entrada para as instituições                                      | <i>IP1.1.2 – (...)preferência à entrada de crianças que se encontrem em situação de risco. Há sempre lugar para mais um. (...)</i><br><i>IP5.1.3 - “Desde que a gente tenha vaga, integramos e damos prioridade a eles e muitas vezes fechamos os olhos, admitimo-la e fica gratuitas”</i>   | 2    | 2    |
|   | 2.2 – Integração das crianças de risco nos grupos existentes   | <i>IP4.1.6 – “(...)tivemos um contacto (...)se nós tínhamos hipótese de acolher uma criança (...)e sim, temos possibilidade de a acolher.”</i><br><i>IP6.1.2- “(...)seria perfeitamente integrada nas salas existentes e caso necessário recorreríamos ao apoio mais conveniente.”</i><br><br><i>IPM1.2.3 - A intervenção deve atender prioritariamente aos interesses e direitos da criança e do jovem;</i><br><br><i>IPM5.1.4- Acolher de emergência, a qualquer hora do dia ou da noite, nos 365 dias do ano, a criança ou jovem em situação de perigo muito grave, real ou eminente, sendo que o Acolhimento não deve ultrapassar as 48 horas até que a equipa técnica encontre uma situação definitiva.</i> | 4    | 4    |
|   | 2.3 – Existência de articulação entre as várias instituições intervenientes no processo de integração da criança | <i>IP3.1.4 - “(...)temos aqui muitos meninos no Lar Sagrado Coração de Maria que à partida serão as situações de mais peso que são devidamente acompanhadas por nós enquanto instituição no apoio que lhe podemos dar.”</i>  | 7    | 4    |

|  |  |   |           |          |
|--|--|---|-----------|----------|
|  |  | <p><b>IP3.2.6-</b> “(...) fizemos algum trabalho no sentido de comunicar à Segurança Social na altura (...)”</p> <p><b>IP3.4.6</b> –“Nós encaminhamos também as famílias para a segurança social quando existem problemas desde género, somos nós que falamos com os profissionais que lá trabalham no sentido de encaminhar os pais mais necessitados.”</p> <p><b>IP2.2.2</b> - -“ (...) disponibilizamos o espaço para que eles possam trabalhar. Estamos abertos a todos os profissionais especializados que venham trabalhar para o bem das nossas crianças”.</p> <p><b>IP2.1.2</b> - “(...) foram reencaminhados para o internato e uma das irmãs para a Cerci.</p> <p><b>IPM2.1.1</b> - Criar um espaço de mediação, orientação e aconselhamento dirigido às famílias com crianças e jovens em situação de risco/perigo social;</p> <p><b>IPM3.3.1-</b> Ao nível da organização dos serviços: Articulação e coordenação de serviços de saúde, educação, segurança social e instituições;</p>  |           |          |
| <p>2.4- Atendimento individualizado e adaptado aos casos específicos</p> |  | <p><b>IP2.2.3</b> - “O único inconveniente isto se estivermos a falar de uma criança com dificuldades motoras é que para entrar no Jardim de Infância é necessário descer algumas escadas.”</p> <p><b>IP3.4.2</b> - “(...)queríamos ter um atendimento mais personalizado, mais grupos mais pequenos, lutar por um ambiente familiar, tentar ter certos e determinados serviços que os outros não tinham.”</p> <p><b>IP3.6.2</b> – “Eu prefiro sempre ter mais pessoal do que bom equipamento, em vez de gastarmos muito dinheiro em material preferimos ter pessoal que nos faz muito falta para dar apoio o mais individualmente possível às crianças.”</p> <p><b>IP5.3.1-</b> “Seria muito difícil meter crianças com deficiência motora nesta instituição porque eu não tenho rampa e ninguém me pode obrigar a colocar rampa. Nesse caso terá de frequentar outras instituições que não aqui”.</p> <p><b>IPM2.3.1-</b> Efectuar o atendimento e acompanhamento das vítimas de violência doméstica, cumprindo as regras mínimas de enquadramento destas situações de forma a assegurar a confidencialidade, o eficaz acolhimento e encaminhamento das diferentes situações, de molde a rentabilizar os recursos e apoios disponíveis;</p> <p><b>IPM2.5.2</b> – Sessões de Prevenção</p> <p><b>IPM2.4.7</b> - Avaliação e Acompanhamento Psicoterapêutico: Crianças e jovens em situação de risco,</p> | <p>11</p> | <p>6</p> |

|  |   |  |           |          |
|--|---|--|-----------|----------|
|  |   | <p><i>Crianças e jovens vítimas de maus tratos e Adultos vitimizadas durante a infância</i></p> <p><b>IPM3.5.3</b> – Desenvolvem actividades de Hipoterapia e Hidroterapia.</p> <p><b>IPM3.1.2</b> – Consiste na prestação de serviços educativos, terapêuticos e sociais a estas crianças e às suas famílias com o objectivo de minimizar efeitos nefastos ao seu desenvolvimento.</p> <p><b>IPM3.5.2</b> - Actuam em situações de atraso de desenvolvimento, deficiência com risco grave de atraso, em famílias com crianças entre os 0 e os 6 anos.</p> <p><b>IPM4.5.1-</b> São proporcionadas actividades de Animação Educativa e sócio -cultural, apoio escolar gratuito.</p>   |           |          |
|  | <p>2.5 – Assegurar os Direitos Básicos da Criança</p> | <p><b>IPM1.2.4</b> – A promoção dos direitos da criança e do jovem deve ser efectuada no respeito pela intimidade, direito à imagem e reserva da sua vida privada;</p> <p><b>IPM1.3.1</b> - A intervenção deve ser efectuada logo que a situação de perigo seja conhecida;</p> <p><b>IPM5.1.1-</b> O Centro de Acolhimento Temporário é uma estrutura de acolhimento transitória para crianças e jovens, onde, para além de lhes ser proporcionado todos os cuidados básicos essenciais,</p> <p><b>IPM5.2.1</b> – Proporcionar às crianças/jovens a satisfação de todas as suas necessidades básicas em condições de vida tão aproximadas quanto possível à estrutura familiar<br/>Promover a sua integração na família e na comunidade;</p> <p><b>IPM5.8.2</b> – Usufruir de um espaço de privacidade e de um grau de autonomia na condução da sua vida pessoal adequados à sua idade e situação;</p> <p><b>IPM5.2.2-</b> Proporcionar os meios que contribuam para a sua valorização pessoal e social;</p> <p><b>IPM5.2.4</b> – Acompanhar e estimular o seu desenvolvimento físico, intelectual, bem como a aquisição de normas e valores;</p> <p><b>IPM5.2.5</b> - Garantir, com recursos aos serviços de saúde locais, os cuidados necessários a um bom nível de saúde, particularmente nos aspectos preventivos e de despiste de situações anómalas;</p> <p><b>IPM5.3.1</b> - Proporcionar uma alimentação saudável qualitativa e quantitativamente adequada às respectivas idades, salvaguardando as situações que necessitem a</p> | <p>18</p> | <p>3</p> |

|  |   |   |          |          |
|--|---|---|----------|----------|
|  |   | <p><i>alimentação especial;</i><br/> <b>IPM5.8.1</b> - Receber uma educação que garanta o desenvolvimento integral da sua personalidade e potencialidades, sendo-lhes asseguradas a prestação dos cuidados de saúde, formação escolar e profissional e a participação em actividades culturais, desportivas e recreativas;<br/> <b>IPM5.3.2</b> - Assegurar os meios necessários à sua formação escolar em cooperação estreita com a família e a escola;<br/> <b>IPM6.2.1</b> - Proporcionar, num ambiente familiar, as condições adequadas ao desenvolvimento integral das crianças.</p> <p><b>IPM6.2.3</b> - Proporcionar o bem estar e desenvolvimento integral das crianças num clima de segurança afectiva e física, durante o afastamento parcial do seu meio familiar através de um atendimento individualizado;</p> <p><b>IPM6.3.2</b> - Colaborar de forma eficaz no despiste precoce de qualquer inadaptação ou deficiência assegurando o seu encaminhamento adequado;</p> <p><b>IPM6.4.4</b> - Proceder à despistagem de inaptações, deficiências e precocidades, promovendo a melhor orientação e encaminhamento da criança;</p> <p><b>IPM6.3.3</b> – Prevenir e compensar défices sociais e culturais do meio familiar.</p> <p><b>IPM6.3.5-</b> Resposta com intervenção integrada da Segurança Social e da Educação.</p> <p><b>IPM6.4.2-</b> Contribuir para a igualdade de oportunidades no acesso à escola e para o sucesso da aprendizagem e desenvolver a expressão e a comunicação através da utilização de linguagens múltiplas como meios de relação, de informação, de sensibilização estética e de compreensão do mundo;</p> |          |          |
|  | <p>2.6 - Trabalho directo com as famílias mais fragilizadas</p> | <p><b>IPM2.1.3</b> – Promover a qualidade de vida das famílias e os níveis de protecção das crianças, nomeadamente no âmbito da saúde, dos cuidados materno-infantis e das necessidades básicas.<br/> <b>IPM2.5.1</b> - Avaliação e Acompanhamento Psicossocial a Família</p>   | <p>3</p> | <p>3</p> |

|  |   |   |          |          |
|--|---|---|----------|----------|
|  |   | <i>IPM4.6.1- É ainda oferecida a possibilidade às crianças e jovens, de usufruírem de apoio escolar gratuito.</i>   |          |          |
|  | 2.7 – Trabalho de prevenção junto da Comunidade | <i>IPM2.5.2- Prevenção junto da comunidade</i>  | <b>1</b> | <b>1</b> |
|  | 2.8 – Assegurar a protecção da criança          | <p><i>IPM7.1.3 – Compete, ainda de modo especial, ao Ministério Público representar as crianças e jovens em perigo, propondo acções, requerendo providências tutelares cíveis e usando de quaisquer meios judiciais necessários à promoção e defesa dos seus direitos e a sua protecção.</i></p> <p><i>IPM7.2.1 – Tenha conhecimento das situações de crianças e jovens em perigo residentes em áreas em que não esteja instalada comissão de protecção.</i></p> <p><i>IPM7.3.1 - O Ministério Público arquiva liminarmente, através de despacho fundamentado, as comunicações que receba quando seja manifesta a sua falta de fundamento ou a desnecessidade da intervenção.</i></p> <p><i>IPM8.1.2 – Compete ao tribunal de família e menores a instrução e o julgamento do processo.</i></p> <p><i>IPM8.4.1 – Com a notificação da designação da data referida procede-se também à notificação dos pais, representantes legais ou de quem tenha a guarda de facto da criança ou do jovem para, querendo, requererem a realização de diligências instrutórias ou juntarem meios de prova.</i></p> <p><i>IPM8.6.1 - O juiz convoca para a conferência, com vista à obtenção de acordo de promoção e protecção, o Ministério Público, os pais, o representante legal ou quem tenha a guarda de facto, a criança ou jovem com mais de 12 anos e as pessoas e representantes de entidades cuja presença e subscrição do acordo seja entendida como relevante.</i></p> <p><i>IPM8.10.1- Cabe recurso das decisões que, definitiva ou provisoriamente se pronunciem sobre, a aplicação, alteração ou cessação de medidas de promoção e protecção.</i></p> | <b>7</b> | <b>2</b> |

### Quadro 3 - Descrição dos casos considerados de risco existentes actualmente nas instituições

| Categories  | Sub - Categories   | Indicadores  | U.R. | U.E. |
|---|--|--|------|------|
| 3- Descrição dos casos considerados de risco existentes actualmente nas instituições. | 3.1- Crianças oriundas de famílias muito carenciadas e/ou fragilizadas | <p><b>EP10.3.12</b> -“(…) os Fortios ficam aqui na periferia da cidade de Portalegre e há muitas famílias que vêm para aqui porque é um meio em que se compra a casinha mais barata.”</p> <p><b>EP12.1.6</b> - “São crianças em que os pais têm problemas vários, de tudo um pouco, eu tenho aqui crianças que diria que algumas em situação de risco e tenho também, não referi, mas vou referir agora que estão também a ser acompanhadas pelo tribunal de menores (...)”</p> <p><b>EP10.3.11</b> - “Existem aqui nos Fortios divórcios, segundos casamentos e isso influencia muito o bem estar emocional da criança.”</p> <p><b>EP10.3.13</b> -A questão do divórcio também é muito complicado, as famílias desestruturam-se e depois muitas vezes os pais voltam a casar e tudo isso influencia o bem-estar das crianças. Tudo isto mexe muito com o seu psicológico.”</p> <p><b>EP10.4.1</b> -Depois também há pouco tempo para se passar com os filhos, andam um pouco ao Deus dará a saltar de uma família para a outra. Isso também se podem considerar situações de risco.</p> <p><b>EP10.3.9</b> -“(…) tenho mais dois vítimas de pais que se separaram e têm mais dificuldades ao nível do comportamento.”</p> <p><b>EP12.1.5</b> - “Essencialmente por problemas familiares e daí advém todos os outros.”</p> <p><b>EP12.1.9</b> - “(…) com uma vida familiar cujo rendimento é muito baixo, quase todas de rendimento mínimo, umas que os pais trabalham, outras que não trabalham, uns porque não querem trabalhar outros porque não arranjam. Tenho muito, muito casal que está com o rendimento mínimo.”</p> <p><b>IP3.2.8</b> - “(…)existe muitos casos de divórcios complicados.”</p> <p><b>IP3.6.5</b> - “Há também muitos problemas com divórcios muito complexos. As crianças encontram-se no meio dessas situações e muitas vezes já pedimos à psicóloga para ter conversas com essas crianças. Por norma a rentabilidade diminui e a concentração também tal como a produtividade.”</p> <p><b>IPM3.4.3</b> - Factores associados ao aumento da possibilidade de ocorrer um comportamento ou situação com consequências</p> | 12   | 5    |

|  |   |   |    |    |
|--|---|---|----|----|
|  |   | <p><i>negativas para o desenvolvimento.</i></p> <p><b>IPM4.1.2</b> - Crianças e jovens de ambos os sexos residente no Bairro dos Assentos em Portalegre, privilegiando aqueles que provêm de famílias com disfunção social, com baixa auto-estima e fracas expectativas em termos de prosseguimento de estudos.</p>   |    |    |
|  | 3.2 – Crianças vítimas de Maus-tratos Físicos e/ou Psicológicos | <p><b>IP2.1.5</b> – “(...)sim é uma criança que quando chegou cá tinha 3 anos e meio e usava fralda. Todo o seu desenvolvimento atrasou um pouco.</p> <p>“</p> <p><b>IP3.1.1</b> - “(...) é uma situação de certa forma preocupante e que cada vez mais nos bate à porta a nível das instituições”</p> <p><b>IP3.1.2</b> - “(...)durante muitos anos nunca tivemos e se calhar não temos essa preocupação efectiva”</p> <p><b>IP5.1.4</b> - “Estão a tornar-se cada vez... às vezes a gente até fica parva, por uma simples discussão entre pais mandam-nas logo para a intervenção precoce e agente fica parva”</p> <p><b>IP5.1.5</b> - “É verdade ao mais pequeno problema ligam logo para a instituição para saber como é que a criança vem, quem é que a traz, quem é que a leva, se vem bem vestida, se vem higiénica se vem com maus tratos... Para mim são mais graves os maus tratos psicológicos do que os físicos e muitas vezes eles não têm isso em atenção”</p> <p><b>EP5.1.6</b> - “Para além deste caso que se torna o mais eminente temos também outros, não muitos, talvez mais ou menos 4 casos em que podia haver mais cuidado com a higiene mas nada de significativo.”</p> <p><b>EP8.1.5</b> --“O Montinho fica em plena Serra de S. Mamede, temos aqui crianças diferentes, onde não existe o banho diário, muitas vezes o facto de terem tomado banho torna-se uma novidade importante para darem no outro dia à educadora.”</p> <p><b>EP10.4.2</b> –“Mesmo as crianças ricas muitas vezes também estão em situação de risco, por falta de atenção e carinho, é sem dúvida um grande problema dos nossos dias.”</p> <p><b>EP10.1.10</b> – –“Nota-se muita negligência no que diz respeito ao acompanhamento familiar.”</p> <p><b>EP11.1.8</b> – “Temos um caso ou outro que podia haver maior cuidado ao nível da higiene mas nada de preocupante.”</p> <p><b>EP11.3.2</b> - “Algumas crianças que não fazem a higiene diária. Mas nada de significativo.”</p> <p><b>EP12.3.7</b> - “Isto é engraçado porque muitas vezes nas crianças de classe alta também há crianças com muitos problemas,</p> | 18 | 11 |

|  |  |   |           |          |
|--|--|---|-----------|----------|
|  |  | <p><i>principalmente ao nível alimentar, sabe que é mais fácil comprar hambúrguer ou bolicão... enfim... temos de tudo”.</i></p> <p><b>IPM1.1.2</b> – <i>Sofre maus tratos físicos ou psíquicos ou é vítima de abusos sexuais;</i></p> <p><b>IPM1.1.3</b> – <i>Não recebe os cuidados ou a afeição adequados à sua idade e situação pessoal;</i></p> <p><b>IPM1.1.4</b> - <i>“obrigada a actividade ou trabalhos excessivos ou inadequados à sua idade, dignidade e situação pessoal ou prejudiciais à sua formação ou desenvolvimento;”</i></p> <p><b>IPM1.1.1</b> – <i>Está abandonada ou vive entregue a si própria;</i></p> <p><b>IPM3.4.5</b> – <i>crianças/famílias com privação social/cultural. Surge muitas vezes associado ao risco biológico, ou seja crianças que têm grande possibilidade de apresentar atrasos no seu desenvolvimento</i></p> <p><b>IPM4.1.2-</b> <i>Crianças e jovens de ambos os sexos residente no Bairro dos Assentos em Portalegre, privilegiando aqueles que provêm de famílias com disfunção social, com baixa auto-estima e fracas expectativas em termos de prosseguimento de estudos.</i></p>   |           |          |
|  | <p>3.3 – Crianças portadoras de N.E.E.</p> | <p><b>IP3.2.1</b> - <i>“Sim, temos várias”</i></p> <p><b>IP3.2.2</b> – <i>“(…)os mais graves são a nível motor”</i></p> <p><b>IP3.2.11</b> - <i>“(…)temos aqui vários casos de deficiência comprovada e é assim, ultimamente tem-nos acontecido com mais frequência, muitas vezes ao nível da creche e muitas vezes em fase de muito bebé”</i></p> <p><b>IP3.3.1</b> - <i>“(…)temos situações diferentes, temos situações em que somos nós a detectar e até chegarmos à família, de certa forma vamos devagarinho.”</i></p> <p><b>IP5.2.6</b> - <i>“Neste momentos temos uma criança surda que está a ser acompanhada mas só no período da manhã, mas ainda é muito bebé”</i></p> <p><b>EP 1.3.2</b> - <i>“(…)eu tenho um caso de um menino que tem alguma dificuldade na articulação das palavras”</i></p> <p><b>EP2.2.4</b> - <i>“Há um caso com problemas de linguagem que está a ser tratado e trabalhado com a família”</i></p> <p><b>EP6.2.3</b> - <i>“(…) N.E..E. vamos lá a ver, temos uma criança que revela alguma dificuldade na assimilação dos conteúdos (...)”</i></p> <p><b>EP6.3.2</b> - <i>“(…) em termos de aprendizagem (...)”</i></p> <p><b>EP7.1.2</b> - <i>“(…)tenho uma criança Autista, está num nível muito ligeiro e é uma criança que não tem características nenhuma de Autismo, apesar de lhe ter sido diagnosticado (...)”</i></p> <p><b>EP8.1.4-</b> <i>“O pai não aceita a situação, passa o tempo no café e a mãe coitada é que tem andado com</i></p> | <p>16</p> | <p>9</p> |



|  |  |   |   |   |
|--|--|---|---|---|
|  |  | <p><i>as coisas para a frente”</i></p> <p><b>EP8.1.3</b> - “Temos apenas 5 meninos em que um deles tem um ligeiro grau de autismo, é uma situação complicada mas está neste momento a ser acompanhado pela equipa de intervenção precoce.”</p> <p><b>EP10.1.4</b> - “O caso mais flagrante, mesmo ao nível do Q.I. e o que se tentou fazer com os exames de genética tem a ver com formação do carácter masculino.”</p> <p><b>EP10.1.9</b> - “O pior é que os exames já estão marcados mas ainda não foram feitos para se ter a certeza do que realmente se passa. Mas há muitas dificuldades e o nível de Q.I. está muito abaixo do normal.”</p> <p><b>EP10.3.9</b> - -“(…) tenho outra com terapia de fala (…)”</p> <p><b>EP11.2.1</b>- “Existem também uns ligeiros atrasos de linguagem, mas nada de significativo.”</p>  |   |   |
|  | 3.4- Crianças adoptadas ou entregues a famílias de acolhimento | <p><b>IP2.1.3</b> - “Temos uma criança que eu nem sei bem se pode ser considerada de risco, isto porquê? É uma criança que foi adoptada por uma família daqui e tinha 4 anos, portanto nós consideramos que temos que ter alguns cuidados especiais uma vez que mudou de família, mudou de instituição e foi uma grande confusão para a cabeça dela.”</p> <p><b>EP2.2.5</b> - “Há também outra criança com situação de risco que neste momento está a ser apoiada que neste momento está inserida numa família de acolhimento, que por enquanto é de acolhimento com possível adopção futura. As coisas não estão muito mal porque ela agora também tem contactos com a família.”</p>   | 2 | 2 |
|  | 3.5 – Crianças institucionalizadas                             | <p><b>IP3.2.7</b> - “Actualmente só temos considerada crianças de risco efectivamente aquelas crianças que estão connosco e que pertencem ao Lar Sagrada Coração de Maria”</p> <p><b>EP3.1.1</b> - O grande problema do (...) é comportamental, mas é normalmente quando é contrariado, às vezes atira-se para o chão, dá pontapés, enfim faz birras.”</p> <p><b>EP3.1.2</b> - “(...) a mãe já foi vê-los duas vezes, mas segundo aquilo que me foi dito não mostra grande interesse em ficar com eles, mas penso que eles agora estabilizaram (...)”</p> <p><b>EP3.3.5</b> - “Eles quase que não se referem à família. Quando se referem é aos meninos da casa, já identificam o Lar como sendo a sua casa e por isso sente-se que estão bastante bem integrados (...) e que elas são muito cuidadosas com eles.”</p> <p><b>EP5.1.5</b> - O caso mais grave que temos é o de um menino que foi retirado à família por maus tratos, essa criança está já há algum</p> | 6 | 3 |

|  |  |  |          |          |
|--|--|--|----------|----------|
|  |  | <p><i>tempo no CAT do Sagrado Coração de Maria e está devidamente acompanhado.</i></p> <p><b>EP5.2.4-</b> " Ainda por cima soube hoje que há possibilidades de ele voltar para junto da família, fica a tristeza porque sei que não têm condições mínimas para o acolher e vai ser a desgraça total."</p>  |          |          |
|  | 3.6- Crianças multiétnicas                 | <b>IP5.4.3</b> – “temos uma chinesinha”  | <b>1</b> | <b>1</b> |
|  | 3.7 Crianças com problemas comportamentais | <p><b>EP3.3.1</b> - “O grande problema do (...) é comportamental, mas é normalmente quando é contrariado, às vezes atira-se para o chão, dá pontapés, enfim, faz birras.”</p> <p><b>EP5.1.7</b> -- “A maioria dos casos que têm apoio, são problemas de natureza comportamental ou de dificuldades de aprendizagem.”</p> <p><b>IPMI.2.2</b> – Assume comportamentos ou se entrega a actividades ou consumos que afectem gravemente a sua saúde, segurança, formação e educação</p> <p><b>IPM4.1.2-</b> “Crianças e jovens (...) com fracas expectativas em termos de prosseguimento dos estudos”</p> | <b>4</b> | <b>4</b> |

#### Quadro 4 - Adequação dos Projectos Educativos à integração de crianças de risco

| <b>Categorias</b>   | <b>Sub - Categorias</b>   | <b>Indicadores</b>  | <b>U.R.</b> | <b>U.E.</b> |
|---|---|---|-------------|-------------|
| <b>4 - Adequação dos Projectos Educativos à integração de crianças de risco</b> | 4.1- Adaptação dos temas à integração de crianças em risco  | <p><b>IP1.1.10</b> - “A Educação para a Saúde e para a Diferença”</p> <p><b>IP2.2.4</b> - “O projecto educativo foi elaborada para três anos 2005 a 2008 e chama-se “Temas da Vida” e o plano Anual de Actividades é “As nossas raízes culturais” e depois baseado nisto fazemos então a planificação semanal.”</p> <p><b>IP3.6.3</b>--“São os elementos naturais ( ar, água, terra, ar). Evidentemente que o projecto tem de ser adaptado a cada criança individualmente. Dentro do que é feito para o restante grupo as actividades são adaptadas às crianças mais problemáticas.”</p> <p><b>IP5.2.5</b> -“(…)a Prevenção Rodoviária e a Segurança. Cada educadora constrói o seu plano curricular de acordo com o plano de actividades para aquele ano.”</p> | <b>4</b>    | <b>4</b>    |
|   | 4.2 – Adaptação dos conteúdos, estratégias e objectivos aos casos específicos e às necessidades individuais de cada criança | <p><b>IP1.1.10</b> - “É fundamental que se eduque no sentido de mostrar somos todos diferentes mas no fundo somos todos iguais. “</p> <p><b>IP1.1.11</b> – É importante que se mostre que todos temos o nosso valor apesar das nossas diferenças e das nossas</p>   | <b>21</b>   | <b>10</b>   |

|  |  |   |  |
|--|--|---|--|
|  |  | <p>limitações (...)</p> <p><b>IP1.1.9</b> Penso que é um tema muito actual e que está muito relacionado com a questão das crianças de risco.</p> <p><b>IP1.1.12</b> - Cada vez temos mais etnias e culturas diferentes nas nossas escolas é fundamental que nas nossas Práticas Pedagógicas se valorize essas mesmas culturas, trazendo para a escola informação acerca das mesmas</p> <p><b>IP1.2.1</b> – (...)há uma troca de saberes e as crianças que se integram de novo na escola também se irão sentir mais familiarizadas e conseqüentemente mais integradas.</p> <p><b>IP4.2.1</b> - “Cada educadora faz o seu plano anual e não há apenas um tema, cada uma de acordo com o grupo que tem adequa os conteúdos às necessidades de cada um (...)”</p> <p><b>IP6.1.3</b> – “No caso de crianças de risco o projecto teria de ser adaptado às suas necessidades. Qualquer tema pode ser abordado mas com os devidos ajustes.”</p> <p><b>IP6.1.4</b> - “Pode-se aproveitar as diferenças dessas crianças para criar Projectos relacionados com as suas vivências”</p> <p><b>EP3.2.6</b> - “Eles estão bem integrados no grupo se bem que requerem uma atenção mais individualizada”</p> <p><b>EP3.3.2</b> – “(...) caso venha a ter adiamento escolar ai sim terei de adaptar o projecto, mas como ele tem este acompanhamento todo, eu acho que vai solucionar ou atenuar o problema,(...) todos dias tem pessoas com ele.”</p> <p><b>EP3.2.8</b> - “É assim ainda não senti necessidade de mudar nada no projecto por causa dele, apenas os objectivos que me proponho para ele são os dos meninos de 4 anos e não os dos 5.”</p> <p><b>EP3.3.3</b> - “É essencialmente importante dar-lhe um bocadinho mais de atenção mas também para que ele não sinta que é incapaz em relação aos outros.”</p> <p><b>EP4.1.7</b> - “Não, não há necessidade de o adequar a nenhum caso específico mas caso isso aconteça o mesmo terá de sofrer as alterações necessárias para responder às necessidades de todas as crianças”</p> <p><b>EP4.2.1</b> - “Os projectos devem sempre partir das necessidades específicas do grupo. Se algum dia surgir alguma criança com NEE terá de ser adequado a essa mesma situação”</p> <p><b>EP5.2.5</b> – “(...) tentamos adequar o nosso Projecto Educativo a todas as crianças</p> |  |
|--|--|---|--|

|  |  |  |          |          |
|--|--|--|----------|----------|
|  |  | <p>que temos na nossa sala, partindo daquilo que lhes interessa, daquilo que mais as motiva.”</p> <p><b>EP5.2.6</b> – “O projecto já está pensado para este grupo em particular, mas como se tratam de grupos heterogéneos temos sempre que para uma mesma actividade estabelecer vários patamares de objectivos.”</p> <p><b>EP7.2.5</b>-“Nas reuniões com a equipa tentamos organizar as actividades da melhor maneira possível para que todos atinjam os objectivos propostos.”</p> <p><b>EP8.2.2</b> - “Este projecto foi concebido a pensar na realidade destas crianças e nos seus saberes como tal não sinto necessidade de adaptar nada, como é claro tenho de apoiar de perto a criança autista para que mais facilmente consiga alcançar os objectivos pretendidos.”</p> <p><b>EP9.2.1</b> - “(...)se houver algum caso, pois teremos de adaptar mas não, como lhe disse não temos nenhum caso. Eu sinto que nos centros maiores é mais complicado, aqui o Reguengo é um meio e que regra geral não há desestruturas familiares e em que tudo corre dentro da normalidade.”</p> <p><b>EP12.3 .4</b>–“(…) nós fazemos o nosso projecto curricular de turma, observando o nosso grupo e o mesmo baseia-se depois na observação que fazemos do grupo, mediante as dificuldades que as crianças têm e também segundo as características que têm naquela fase. O projecto vai mudando à medida que o tempo passa e à medida que as crianças o vão exigindo.”</p> <p><b>EP12.3.5</b>-“É claro que se há uma criança que tem uma necessidade específica, nós temos um tipo de trabalho diferente para essa criança do que temos para outra dita normal e nesse caso também damos um apoio específico maior para aquela criança.”</p> |          |          |
|  | <p>4.3 – Retenção de crianças no JI por um ano</p> | <p><b>EP6.4.1</b> - –“(…) no ano passado como já referi a educadora de infância tentou que a criança ficasse mais um ano no Pré-Escolar falou comigo também, e pronto eu também conhecia o miúdo, porque as escolas são contígua (...)”,</p> <p><b>EP10.2.2</b> --“Sim, claro, é assim como a criança em causa já está em adiamento eu tento que ele faça as mesmas actividades das outras crianças e no fundo ele faz, só que os objectivos</p>   | <p>2</p> | <p>2</p> |

|  |   |   |   |   |
|--|---|---|---|---|
|  |   | <i>pretendidos é que têm de ser diferentes e tem de se estar muito mais tempo.”</i>   |   |   |
|  | 4.7 – Colaboração das técnicas de Intervenção                   | <b>EP8.2.3</b> - <i>“Surgiu após vários encontros com as técnicas que também deram o seu parecer.”</i><br><br><b>IPM 3.6.3-</b> <i>Nas situações de crianças em risco com atraso de desenvolvimento as adaptações são decididas mediante os resultados de avaliação, em reuniões de estudo de caso.</i> | 2 | 2 |
|  | 4.8 – Elaboração dos projectos baseados nos PEI e segundo a CIF | <b>IPM3.6.4-</b> <i>Em caso de crianças enquadráveis no Decreto-Lei nº3/2008 é feita a avaliação segundo a CIF e o respectivo PEI</i>   | 1 | 1 |

### Quadro 5A– Profissionais Especializados que trabalham directamente com as crianças de risco

| Categories   | Sub - Categorias                         | Indicadores   | U.R. | U.E. |
|--|--|---|------|------|
| <b>5A– Profissionais Especializados que trabalhem individualmente com as crianças de risco</b> | 5A.1- Fisioterapeutas                    | <b>IP4.2.4</b> - <i>“Sim, sim, pessoas externas também vêm, por exemplo no caso do outro menino que tivemos ele tinha deficiência motora, por isso tinha tudo dentro da fisioterapia.</i><br><br><b>IPM3.5.1-</b> <i>Uma equipa constituída por: Psicólogos, Educadoras Especializadas, Terapeutas da Fala, Terapeuta ocupacional, Fisioterapeutas e Administrativos.</i>   | 2    | 2    |
|  | 5A.2 – Profissionais da Segurança Social | <b>IP1.1.3</b> - <i>“ (...) são acompanhadas por profissionais especializados da Segurança Social ou da Equipa de Intervenção Precoce que com eles trabalham individualmente.”</i><br><b>IP2.2.1</b> - <i>“Infelizmente não temos profissionais especializados na nossa instituição, mas vêm profissionais da segurança social que faz esse apoio”</i><br><b>IP6.2.1</b> - <i>“Por norma deslocam-se profissionais da Segurança Social às nossas instalações.”</i><br><br><b>EP2.2.3</b> - <i>“(…)apenas se a Intervenção Precoce detectar maus tratos ou mais alguma situação que o exija encaminha os casos para o Centro de Saúde ou para a Segurança Social (...)”</i><br><b>EP12.2.1</b> - <i>“(…) temos o apoio da segurança social que disponibilizam os meios necessários.”</i><br><b>EP12.2.2</b> - <i>“(…) nós aqui não temos problema, porque (...) Segurança – Social também, nomeadamente psicólogos e, já</i> | 8    | 6    |

|  |                                     |  |    |    |
|--|-------------------------------------|--|----|----|
|  |                                     | <p><i>aconteceu uma criança precisar de psicólogo e a Segurança Social disponibilizar.</i></p> <p><b>EP12.2.5-</b> <i>“Quando há um dado novo que nós detectamos ou através da criança, ou de um comportamento, informamos logo para que em equipe, portanto as educadoras de um lado, a segurança social do outro e a intervenção precoce, trabalha tudo no mesmo sentido”</i></p> <p><b>IPM1.7.7-</b> <i>Um representante da Segurança Social;</i></p>   |    |    |
|  | 5A.3 – Educadora Titular            | <p><b>IP1.2.2</b> - <i>cada educadora (...)tenta sempre utilizar as estratégias mais indicadas para cada uma dessas crianças, dando-lhe apoio individualizado sempre que necessário</i></p> <p><b>IP5.2.2</b> - <i>“As restantes crianças que não estão cobertas com nenhum programa de apoio somos nós com a nossa paciência e o nosso carinho que as acolhemos e integramos o melhor possível”</i></p> <p><b>EP6.3.3-</b> <i>“Sou eu que com o meu apoio, tento dar o melhor para atenuar estas lacunas de alguns alunos. Se bem que também não existem problemas de maior.”</i></p>   | 3  | 3  |
|  | 5A.4– Equipa de Intervenção Precoce | <p><b>IP1.1.3</b> – <i>“ (...) são acompanhadas por profissionais especializados da Segurança Social ou da Equipa de Intervenção Precoce que com eles trabalham individualmente.”</i></p> <p><b>IP1.2.3</b> – <i>“ (...) temos toda a Equipa de Intervenção Precoce a trabalhar connosco (psicólogos, terapeutas da fala, terapeutas ocupacionais),</i></p> <p><b>IP3.2.9</b> - <i>“ (...)sempre que há uma necessidade mais efectiva nós recorremos à Equipa de intervenção precoce.”</i></p> <p><b>IP3.3.2</b> - <i>“ (...)a equipa de intervenção precoce tem tido um papel bastante importante, nós pedimos-lhe muito apoio, somos um pouco os intermediários entre as famílias e a equipa (...)”</i></p> <p><b>IP3.6.4</b> - <i>“ (...) temos apenas a equipa de intervenção precoce e todos os seus profissionais. Temos a enfermeira como já lhe disse e uma Educadora de Apoio que dá apoio a todas as salas em horário pré-definido”</i></p> <p><b>IP6.2.2</b> - <i>“Já tivemos uns casos que eram apoiados pela Equipa de Intervenção Precoce”.</i></p> <p><b>EP 1.1.4</b> - <i>“Nós recorremos aos apoios educativos e à equipa de intervenção precoce, é o que temos ao nosso dispor para esse tipo de situações.”</i></p> <p><b>EP2.2.1</b> – <i>–“A escola recorre à Intervenção Precoce que dá a resposta de acordo com as necessidades da criança.”</i></p> <p><b>EP2.2.3</b> - <i>–“ (...) apenas se a Intervenção Precoce detectar maus tratos ou mais alguma situação que</i></p> | 27 | 13 |

|  |  |  |  |
|--|--|--|--|
|  |  | <p><i>o exija encaminha os casos para o Centro de Saúde ou para a Segurança Social mas sempre tudo com o apoio da Intervenção Precoce.”</i></p> <p><b>EP3.1.3</b> - <i>Temos o apoio da Intervenção Precoce que trabalha directamente com eles, vem a terapeuta da fala, tem a terapeuta ocupacional, tem a psicóloga e tem três vezes por semana uma educadora que está cá à tarde a ajudar-me. Trabalha directamente com eles também.”</i></p> <p><b>EP4.1.5</b> - <i>“Caso venhamos a ter crianças em situação de risco, o primeiro passo é sinalizá-las para a Intervenção Precoce que depois tomam as medidas mais apropriadas quer com as crianças quer com as respectivas famílias.”</i></p> <p><b>EP4.1.6</b> - <i>“Como já referi não existe parceria mas caso venha a surgir alguma situação iremos recorrer à equipa de intervenção precoce.”</i></p> <p><b>EP4.2.2</b> - <i>“Caso isso aconteça, pois terá de haver um acompanhamento quer pela escola como pela equipa de intervenção precoce.”</i></p> <p><b>EP5.1.4</b> - <i>“(…) a escola da Praceta é uma escola grande, temos neste momento várias crianças a ter apoio da Intervenção Precoce.”</i></p> <p><b>EP5.1.8</b> - <i>“A nossa escola, ou melhor o agrupamento possui uma psicóloga que ajuda no que é necessário mas os apoios são essencialmente feitos pela equipa de intervenção precoce (…)”</i></p> <p><b>EP5.2.1</b> - <i>“(…)socorremo-nos da equipa de intervenção precoce, que apoia várias das nossas crianças a diversos níveis”</i></p> <p><b>EP7.1.4</b> - <i>“Socorre-se apenas da intervenção precoce”</i></p> <p><b>EP7.2.4</b> - <i>“Apenas as crianças que têm dificuldades têm apoio da equipa de intervenção precoce”</i></p> <p><b>EP7.2.6</b> - <i>“No caso do menino autista ele tem apoio junto da equipa de intervenção precoce fora da escola, os pais dele são pessoas muito acessíveis que não nos têm levantado qualquer tipo de problema.”</i></p> <p><b>EP10.2.1</b> - <i>“(…)o apoio vem da Intervenção Precoce, antes vinha o Ensino Especial, não tinham tantos técnicos e agora vem a Intervenção Precoce e eles são logo acompanhados, há também as consultas de desenvolvimento que os acompanha quando é detectada alguma anomalia.”</i></p> <p><b>EP11.1.4</b> - <i>Caso surja algum caso, teremos que nos apoiar (…)</i> ou na Intervenção Precoce”.</p> <p><b>EP12.2.1</b> - <i>–“(…) temos apoios externos vindos da intervenção precoce,(…)”</i></p> <p><b>EP12.2.2</b> - <i>“Estas crianças, não quer dizer que sejam todas, mas há</i></p> |  |
|--|--|--|--|

|  |                            |   |   |   |
|--|----------------------------|---|---|---|
|  |                            | <p><i>crianças destes casais que têm necessidade de terapia da fala, que têm necessidade de um acompanhamento mais específico e nós aqui não temos problema, porque a intervenção precoce dá o apoio todo de que nós precisamos”</i></p> <p><b>EP12.2.3</b> - “(...) é a intervenção precoce que faz esse elo de ligação. É assim, nós detectamos o problema e encaminhamos (...)”</p> <p><b>EP12.2.5</b> - “Quando há um dado novo que nós detectamos ou através da criança, ou de um comportamento, informamos logo para que em equipe, portanto as educadoras de um lado, a segurança social do outro e a intervenção precoce, trabalha tudo no mesmo sentido.”</p> <p><b>EP10.2.6</b> - “A Intervenção Precoce trabalha directamente com a mãe, mas mesmo assim ela não aceita. Há todo um ambiente familiar que não permite às crianças desenvolverem. Penso que não tem ajudado esse factor. Veja que há um esforço, para em conjunto se trabalhar, mas desta forma também não é fácil para os profissionais porque ela não adere muitas vezes.”</p> <p><b>IPM3.5.1</b>- Uma equipa constituída por: Psicólogos, Educadoras Especializadas, Terapeutas da Fala, Terapeuta ocupacional, Fisioterapeutas e Administrativos.</p> |   |   |
|  | 5A.5 – Terapeutas da fala  | <p><b>IP2.1.4</b> - “Neste momento ela só tem apoio individualizado ao nível da Terapia da fala (...)”</p> <p><b>IP3.5.3</b> - “(...) terapeutas, psicólogas, educadora de apoio e até a enfermeira (...)”</p> <p><b>IP5.2.1</b> - “Sim, temos terapeutas da fala, terapeutas ocupacionais, educadoras de apoio (...)”</p> <p><b>EP5.2.2</b> - “Por norma cada criança tem apoio pelos profissionais especializados 2 a 3 vezes por semana, quer seja terapia da fala, terapia ocupacional, psicólogos.”</p> <p><b>EP7.1.3</b> - “(...)para além disso tenho crianças que estão a ser acompanhadas pela terapia da fala (...)”</p> <p><b>EP7.2.2</b> - “Ainda hoje tivemos uma reunião com a psicóloga e terapeuta da fala.”</p>  | 6 | 4 |
|  | 5A.6- Enfermeiros          | <p><b>IP3.2.12</b> - “(...)temos aqui a enfermeira a trabalhar connosco que não está diariamente mas está em média connosco 3 a 4 manhãs.”</p> <p><b>IPM5.6.4</b>- A equipa técnica deve ainda dispor da colaboração de pessoas com formação na área de medicina, direito, enfermagem e, no caso dos lares de infância e juventude, da organização de tempos livres.</p>  | 2 | 2 |
|  | 5A.7 – Educadoras de Apoio | <p><b>IP3.6.4</b> - “(...)e uma Educadora de Apoio que dá apoio a todas as salas em horário pré-definido”</p>   | 8 | 7 |



|   |  |    |   |
|---|--|----|---|
|   | <p><b>IP5.2.1</b> - “Sim, temos terapeutas da fala, terapeutas ocupacionais, educadoras de apoio (...)”</p> <p><b>EP 1.1.4</b> - “Nós recorremos aos apoios educativos (...)”</p> <p><b>EP2.2.2</b> - “Temos uma professora de apoio que se desloca pelas salas(...)”</p> <p><b>EP3.1.3</b> “(...) tem três vezes por semana uma educadora que está cá à tarde a ajudar-me. Trabalha directamente com eles também.”</p> <p><b>EP3.2.1</b> - “A educadora normalmente fica na sala comigo, portanto o que eu estou a fazer ela participa nas actividades, a trabalhar especificamente mais com aqueles dois meninos.”</p> <p><b>EP5.1.8</b> - “A nossa escola, ou melhor (...) os apoios são essencialmente feitos por uma educadora de apoio.”</p> <p><b>EP6.2.6</b> “Vem três vezes por semana uma colega e 1º Ciclo ajudar-me (...)”</p>   |    |   |
| 5A.8 – Psicólogos e Sociólogos          | <p><b>IP3.5.3</b> - “(...) terapeutas, psicólogas, educadora de apoio e até a enfermeira (...)”</p> <p><b>IP4.2.3</b> - “(...) nós temos um caso de um menino que vem cá uma psicóloga, vem cá uma socióloga, (...)”</p> <p><b>EP 1.1.5</b> - “(...)há uma psicóloga mas as disponibilidades são muito reduzidas uma vez que o agrupamento é muito grande.”</p> <p><b>EP2.3.1</b> - “Sim. Tem a psicóloga. Que vem aqui trabalhar com ela e eu trabalho com a psicóloga que não é a do Agrupamento mas sim a da Intervenção Precoce.”</p> <p><b>EP2.2.2</b> - “(...)a psicóloga que pertence ao agrupamento e que faz acompanhamento sempre que pos</p> <p><b>EP5.1.8</b> - A nossa escola, ou melhor o agrupamento possui uma psicóloga que ajuda no que é necessário (...)”</p> <p><b>EP7.1.3</b> - “(...) para além disso tenho crianças que estão a ser acompanhadas pela terapia da fala e por psicólogos (...)”</p> <p><b>EP7.2.2</b> - “Ainda hoje tivemos uma reunião com a psicóloga(...)”</p> <p><b>IPM2.4.3</b> – Duas psicólogas</p> <p><b>IPM3.5.1</b> – Uma equipa constituída por: Psicólogos, Educadoras Especializadas, Terapeutas da Fala, Terapeuta ocupacional, Fisioterapeutas e Administrativos</p> <p><b>IPM5.6.3-</b> A equipa técnica deve ter uma constituição pluridisciplinar, integrando as valências de psicologia, serviço social e educação.</p> | 11 | 9 |
| 5A.9 – Profissionais do Centro de Saúde | <p><b>EP2.2.3</b> - “(...) apenas se a Intervenção Precoce detectar maus tratos ou mais alguma situação que o exija encaminha os casos para o Centro de Saúde (...)”</p> <p><b>EP7.2.7-</b> “Quando necessitamos, requisitamos os serviços seja dos</p>  | 4  | 4 |

|  |  |  |   |   |
|--|--|--|---|---|
|  |  | <p>bombeiros, do centro de saúde, etc.”</p> <p><b>IPM1.8.2</b> – Um representante dos Serviços de Saúde;</p> <p><b>IPM5.6.4</b> A equipa técnica deve ainda dispor da colaboração de pessoas com formação na área de medicina, direito, enfermagem e, no caso dos lares de infância e juventude, da organização de tempos livres.</p>  |   |   |
|  | 5A.10 – Técnica Especializada em Autismo       | <b>EP7.1.5-</b> “(...) já temos uma educadora especializada em autismo mas como a sala ainda não está equipada ela já se desloca à sala de actividades das crianças.”  | 1 | 1 |
|  | 5A.11 – Comissão de Protecção de Menores       | <p><b>EP9.1.3</b> - “Nessas situações recorremos à Protecção de Menores,(...)”</p> <p><b>EP11.1.4</b> - “Caso surja algum caso, teremos que nos apoiar na CPCJ(...)”.</p> <p><b>EP12.2.6</b> “Também a comissão de protecção de menores”</p>   | 3 | 3 |
|  | 5A.12 - PSP                                    | <p><b>EP9.1.4</b> –“(...) temos também a visita do Polícia da escola segura que vem por aqui quinzenalmente para ver se está tudo bem.”</p> <p><b>IPM1.8.7</b> – Dois representantes das forças de segurança;</p> <p><b>IPM1.9.6-</b> As autoridades administrativas e entidades policiais têm o dever de colaborar com as comissões de protecção no exercício das suas atribuições, incumbindo o dever de colaboração igualmente às pessoas singulares e colectivas que para tal sejam solicitadas.</p> | 3 | 2 |
|  | 5A.13 – Tribunal de Menores                    | <p><b>EP12.2.6</b> - “Também a comissão de protecção de menores e em alguns casos o tribunal de menores.”</p> <p><b>EP12.2.7</b> - “É a comissão de protecção de menores que caso seja necessário encaminha os casos para o tribunal.”</p>   | 2 | 1 |
|  | 5A .14 – Representantes do Município           | <b>IPM1.7.6-</b> Um representante do Município;  | 1 | 1 |
|  | 5A. 19 – Técnicos Superiores em Serviço social | <p><b>IPM2.4.4</b> – Duas técnicas superiores em Serviço social</p> <p><b>IPM5.6.3-</b> A equipa técnica deve ter uma constituição pluridisciplinar, integrando as valências de psicologia, serviço social e educação.</p>   | 2 | 2 |
|  | 5A. 20– Jurista                                | <p><b>IPM2.4.5</b> - Uma jurista</p> <p><b>IPM5.6.4</b> – A equipa técnica deve ainda dispor da colaboração de pessoas com formação na área de medicina, direito, enfermagem e, no caso dos lares de infância e juventude, da organização de tempos livres.</p>  | 2 | 2 |
|  | 5A. 21– Administrativos                        | <p><b>IPM2.4.6</b> – Uma administrativa</p> <p><b>IPM3.5.1-</b> Uma equipa constituída por: Psicólogos, Educadoras Especializadas, Terapeutas da Fala, Terapeuta ocupacional, Fisioterapeutas e Administrativos.</p>   | 2 | 2 |

**Quadro 5B - Estratégias de trabalho dos Profissionais Especializados**

| <b>Categorias</b>   | <b>Sub - Categorias</b>   | <b>Indicadores</b>  | <b>U.R.</b> | <b>U.E.</b> |
|---|---|---|-------------|-------------|
| <b>5B- Estratégias de trabalho dos Profissionais Especializados</b> | 5B.1- Prestação de trabalho individualizado em gabinete particular                    | <i>IP1.4.3-</i> “(…) os profissionais vão buscar as crianças às suas salas e levam-nas para um gabinete onde lhes dão uma atenção muito individualizada (…)”<br><i>IPM1.10.5</i> – Nas terças e quartas feiras de manhã realizam-se atendimentos e nas sextas feiras durante todo o dia está sempre um elemento da comissão restrita que assegura o funcionamento a mesma.<br><i>IPM5.1.3</i> é definido as soluções tendencialmente mais adequadas, num período que não deve ultrapassar os seis meses   | <b>3</b>    | <b>3</b>    |
|   | 5B.2 – Acompanhamento semanal da criança na sua sala de actividades /ambiente natural | <i>IP1.2.6</i> - (...) Outras vezes são acompanhados directamente na sala de actividades<br><i>IP3.6.1</i> – “Apoiam as crianças mais problemáticas, as que mais precisam têm mais apoio e durante mais tempo”<br><i>IP6.2.3-</i> “O apoio é feito na sala da criança.”<br><i>EP3.1.3</i> - “Temos o apoio da Intervenção Precoce que trabalha directamente com eles, vem a terapeuta da fala, tem a terapeuta ocupacional, tem a psicóloga e tem três vezes por semana uma educadora que está cá à tarde a ajudar-me. Trabalha directamente com eles também.”<br><i>EP3.2.1</i> – “A educadora normalmente fica na sala comigo, portanto o que eu estou a fazer ela participa nas actividades, a trabalhar especificamente mais com aqueles dois meninos.”<br><i>EP5.2.2</i> “Por norma cada criança tem apoio pelos profissionais especializados 2 a 3 vezes por semana, quer seja terapia da fala, terapia ocupacional, psicólogos”.<br><i>EP8.2.4</i> - “As terapeutas deslocam-se à escola 2 vezes por semana mas também se deslocam a casa da família e trabalham directamente com eles.”<br><i>EP12.3.6</i> “(…) todos os profissionais vêm à escola.”<br><i>IPM3.1.3</i> – A Intervenção Precoce pode ter uma natureza preventiva secundária ou primária: procurando contrariar a manifestação de problemas de desenvolvimento ou prevenindo a sua ocorrência.<br><i>IPM3.2.1-</i> Os programas de Intervenção Precoce devem, sempre que possível, decorrer no meio ambiente onde vive a criança. | <b>10</b>   | <b>8</b>    |
|   | 5B.3 – Dificuldade em satisfazer todas as necessidades                                | <i>EP 1.2.1</i> - –“(…) muitas vezes não dão resposta adequada, porque cada vez mais existem casos e é muito difícil satisfazer todas as necessidades.”   | <b>5</b>    | <b>4</b>    |

|  |   |  |   |   |
|--|---|--|---|---|
|  |   | <p><b>EP6.3.6</b> - “Quando há algum caso como é daquela criança que referi, avisa-se o Agrupamento, eu já o fiz, disseram-me que enviavam um técnico para avaliar o caso mas até hoje, nada. Já propus o miúdo para a sinalização mas até agora estamos à espera de uma resposta.”</p> <p><b>EPI0.3.5</b> – “Hoje em dia está tudo muito mais fácil em termos de apoio e quase a totalidade das crianças está devidamente apoiada. Ainda que com a saída de nova leis as crianças com apoio serão cada vez menos. Eles vão restringir cada vez mais o número de crianças com apoio.”</p> <p><b>EPI0.3.6</b> – – “Houve esse apoio e agora... é como dar e agora tirar. Eles acabam sempre por depois à última da hora resolver essas situações mas vamos lá a ver”</p> <p><b>EPI1.2.2</b> “(...) às vezes sinalizar ou não sinalizar é quase a mesma coisa porque a resposta que temos por parte das terapias também é quase sempre a mesma ou seja nenhuma”</p>  |   |   |
|  | 5B.4 – Articulação entre as várias instituições intervenientes no processo de integração da criança | <b>IPM1.5.2</b> Promover acções e colaborar com as entidades competentes tendo em vista a detecção dos factos e situações que afectem os direitos e interesses da criança e do jovem;  | 1 | 1 |
|  | 5B.5 – Assegurar os Direitos da Criança   | <p><b>IPM1.3.2</b> – A intervenção deve ser desenvolvida exclusivamente pelas entidades e instituições cuja a acção seja indispensável à efectiva promoção dos direitos e à protecção da criança e do jovem em perigo;</p> <p><b>IPM1.5.1</b> – Informar a comunidade sobre os direitos da criança e do jovem e sensibilizá-la para os apoiar sempre que estes conheçam especiais dificuldades;</p> <p><b>IPM2.2.5</b> Contrariar os mecanismos geradores do insucesso e do abandono escolar, prevenindo situações de marginalidade e exclusão social, através de uma abordagem integrada dos recursos da comunidade</p> <p><b>IPM2.3.2</b> – Desenvolver e valorizar as parcerias locais que permitam articular soluções de atendimento, acolhimento e encaminhamento mais eficazes;</p> <p><b>IPM2.3.3</b> – Recolher informação que permita produzir diagnósticos de caracterização local das situações de violência doméstica, identificar e qualificar os principais problemas existentes e promover soluções adequadas às problemáticas aferidas;</p> <p><b>IPM3.7.1</b> É necessário um trabalho de sensibilização junto das pessoas que trabalham diariamente com as crianças de modo a ultrapassar preconceitos, eliminar barreiras e facilitar a integração destas crianças.</p> | 9 | 4 |

|   |   |  |   |   |
|---|---|--|---|---|
|   |   | <p><i>IPM4.4.2 – Realização de Sessões de informação e sensibilização nas áreas de educação para a saúde;</i></p> <p><i>IPM4.2.2 – Proporcionar a 200 crianças e jovens que apresentem comportamentos de risco, formas de ocupação de tempos livres alternativos à rua a locais propiciadores dos mesmos com vista à sua integração escolar e comunitária.</i></p> <p><i>IPM4.5.5 São desenvolvidas actividades de animação educativa e sociocultural com os mesmos alunos em contexto escolar ou não.</i></p> |   |   |
| 5B.6 – Atender e informar as famílias e a comunidade sobre os direitos da criança | <p><i>IPM1.6.1 – Atender e informar as pessoas que se dirigem à comissão de protecção;</i></p> <p><i>IPM4.2.6 – Levantamento das necessidades e dificuldades de aprendizagem por áreas escolares do grupo alvo;</i></p> <p><i>IPM4.5.3 Realização de um estudo de caracterização sócio económica, rede de apoio e pontos fortes das famílias do Bairro e levantamento das necessidades e dificuldades por áreas escolares. Todo o trabalho desenvolvido conta com a rede de parcerias estabelecidas.</i></p> <p><i>IPM4.6.2 – Decorre também a realização de um estudo com o levantamento das áreas escolares em que existem maiores dificuldades.</i></p> <p><i>IPM4.3.1 Criação /dinamização de espaços de apoio escolar na comunidade;</i></p>   |  | 5 | 2 |
| 5.B.7 – Assegurar a Protecção da Criança  | <p><i>IPM1.6.3 – Proceder à instrução dos processos;</i></p> <p><i>IPM1.6.4 – Decidir a aplicação e acompanhar e rever as medidas de promoção e protecção, com excepção da medida de confiança a pessoa seleccionada para a adopção ou instituição com vista a futura adopção</i></p> <p><i>IPM7.1.1 O Ministério Público intervém na promoção e defesa dos direitos das crianças e jovens em perigo, nos termos da presente lei, podendo exigir aos pais, ao representante legal ou a quem tenha a sua guarda de facto os esclarecimentos necessários.</i></p> <p><i>IPM7.1.2 O Ministério Público acompanha a actividade das comissões de protecção, tendo em vista apreciar a legalidade e a adequação das decisões, a fiscalização da sua actividade processual e a promoção dos procedimentos judiciais adequados.</i></p> |  | 4 | 2 |
| 5.B.8 – Realização de pré-sinalização e encaminhamento para outras instituições   | <p><i>IPM3.2.2 – Habitualmente a intervenção inicia-se a sinalização, geralmente feita pelo hospital, creche, jardim infantil, ou pela própria família.</i></p> <p><i>IPM3.6.2 – Para a sinalização ser</i></p>   |  | 3 | 1 |

|  |  |  |   |   |
|--|--|--|---|---|
|  |  | <i>oficializada é necessário preencher uma ficha e entregá-lo na equipa. Após ser recepcionada é analisada, levada a reunião de equipa, onde é</i><br><b>IPM3.2.3</b> <i>É realizada a avaliação/diagnóstico e implementado um programa de intervenção.</i>  |   |   |
|  | 5B.9 – Realização de Planos Educativos Individuais | <b>IPM3.4.2</b> – <i>Enfoque na prestação de serviços individualizados: Plano Individual de Intervenção.</i><br><b>IPM5.4.3</b> – <i>Será elaborado um Projecto de Vida para cada criança integrada no centro de acolhimento temporário e lar de jovens</i><br><b>IPM5.5.1</b> <i>O projecto de vida, sempre que possível, deve ser elaborado com a participação da criança e da família natural</i><br><br><b>IPM5.5.2</b> <i>O projecto de vida é elaborado pelos técnicos em articulação com os técnicos e serviços que acompanham a situação familiar.</i> | 4 | 2 |

#### Quadro 6 - Cooperação Escola/Instituições/Família

| Categories  | Sub - Categorias                  | Indicadores   | U.R. | U.E. |
|---|-----------------------------------|---|------|------|
| <b>6 – Cooperação Escola/Instituições/Família</b> | 6.1- Ajuda financeira às famílias | <b>IP1.1.4</b> - (...)em caso de famílias carenciadas as crianças permanecem na instituição sem qualquer tipo de mensalidade.<br><b>IP1.1.6</b> - (...) já chegámos até a acolher mães na nossa instituição dando-lhe trabalho.<br><b>IP1.3.6</b> - “Já temos até mesmo dado trabalho a algumas mães que nos procuram como é agora um caso que a Segurança Social nos encaminhou de uma mãe vítima de violência doméstica com três filhos. Temos as crianças a custo zero na instituição e temos a mãe a colaborar connosco nos serviços gerais da instituição.”<br><b>IP1.1.7</b> - São também seleccionadas as famílias mais carenciadas a quem são dados frequentemente bens alimentares e de consumo vindos do Banco Alimentar.<br><b>IP1.3.5</b> – “(...) fornecemos roupa e comida vinda do Banco Alimentar.”<br><b>IP1.3.1</b> - Ajudamos as famílias mais carenciadas na questão das mensalidades, sendo que temos muitas crianças de não pagam qualquer valor.<br><b>IP1.1.5</b> - “Em muitos casos enviamos o jantar para casa (...)”<br><b>IP1.3.2</b> – “(...) são também | 13   | 5    |

|  |   |  |          |          |
|--|---|--|----------|----------|
|  |   | <p><i>muitas as famílias que levam comida daqui para o jantar.”</i></p> <p><b>IP3.2.10</b> - “Muitas vezes também são os pais que vêm connosco e nos pedem ajuda. Dizem-nos que estão a passar por esta fase assim assim agradecemos que fiquem mais atentos.”</p> <p><b>IP3.4.5</b> – “(...)há dias veio uma mãe muito aflita porque não podia pagar a mensalidade porque andava em baixo de finanças e porque tinha ido ao médico com a filha e ela teria de usar óculos. (...)A senhora andava com problemas e então nós comprámos-lhe os óculos”</p> <p><b>IP5.3.2</b> - “O trabalho é mais com a própria criança. Muitas vezes os pais vêm falar conosco que têm dificuldade em pagar isto ou aquilo e olhe fecho os olhos e pago (...) nós temos aqui uma assistente social e portanto ela trata de alguns problemas que vão surgindo. Há muitos problemas financeiros mas as pessoas não gostam de se expor.”</p> <p><b>IP6.2.5</b> - “Tentamos sempre facilitar nos pagamentos quando vemos que algumas famílias estão com mais necessidade”</p> <p><b>IPM3.5.4</b> Contam com a colaboração do Banco Alimentar para as famílias mais carenciadas.</p> |          |          |
|  | <p>6.2 – Existência de dificuldade por parte dos pais em aceitar as necessidades dos filhos</p> | <p><b>IP2.5.1</b> - “(...)é difícil também nestes sítios pequenos rotular certas crianças como estando em situação de risco. Os pais muitas vezes não aceitam. Muitas vezes tentamos sinalizar casos e os pais não aceitam e aí não podemos fazer nada. Ficamos apenas de consciência tranquila porque tentámos mudar as coisas.”</p> <p><b>IP3.3.3</b> - “Para os pais é sempre muito difícil encarar quando somos nós a detectar algum tipo de problema e já tivemos situações em que quando alertámos pura e simplesmente perdemos os meninos porque os pais os retiraram”</p> <p><b>IP3.5.2</b> - “Tenho muita pena porque muitas colegas por vezes não tenham sensibilidade e não desçam aos pais, que não falem com eles, muitas vezes são os próprios profissionais que não permitem essa continuidade, essa proximidade e essa ligação. Temos que ir sempre pelas relações humanas que para mim são o essencial.”</p> <p><b>IP5.3.3</b> - “Muitas vezes os pais não aceitam as regras</p>  | <p>7</p> | <p>5</p> |

|   |  |   |    |    |
|---|--|---|----|----|
|   |  | <p><i>estabelecidas pela instituição... é difícil (...)</i></p> <p><b>EP8.1.9</b> – “Quase não temos contacto com as famílias uma vez que estas poucas vezes se deslocam à escola.”</p> <p><b>EP11.2.5</b> – “É um trabalho mais virado para a criança, pela minha experiência penso que não é fácil trabalhar com as famílias porque estas quase nunca aceitam, sabe, têm sempre muitas expectativas e por mais que se lhe diga que o menino tem algum problema eles não acreditam”</p> <p><b>EP11.2.9</b> “Sempre que detectamos sinais dizemos aos pais, mas na maioria das vezes eles não aceitam. Tirando pequenos problemas não se detecta nada de significativo.”</p>  |    |    |
| 6.3 – Realização de reuniões com a educadora e/ou com a Equipa de Especialistas |  | <p><b>IP1.3.4</b> - “Fazemos reuniões frequentes na presença das educadoras responsáveis (...)</p> <p><b>IP1.2.9</b> – “Somos muitas vezes os conselheiros e a voz amiga que eles procuram”</p> <p><b>IP2.3.1</b> - “Neste momento a instituição está com uma grande abertura perante a comunidade e principalmente com os pais. Fazemos reuniões trimestrais para darmos a conhecer a avaliação e o desenvolvimento da criança. Estamos sempre abertos para esclarecer os pais, mas há um dia que a educadora recebe os pais individualmente. Como somos uma instituição pequenina há um encontro diário com pais e vai-se pondo ao corrente a situação em que os mesmos se encontram a todos os níveis.”</p> <p><b>IP3.4.1</b> – “É fundamental que haja abertura com a família para a alertar e informar de tudo o que se passa.”</p> <p><b>IP3.4.4</b> – “Nós vivemos aqui os problemas das famílias quase como se fossem nossos, eles procuram-nos para falar e muitas vezes para desabafar.”</p> <p><b>IP4.3.1</b> - “Há. Há várias reuniões, para além de todos os dias falarmos com os pais, mas há várias reuniões, algumas só da escola com os pais outras com a escola e com a equipa de intervenção Precoce.”</p> <p><b>IP4.4.5</b> - “(...)é muito importante o contacto com os pais para que se saiba aquilo que a criança sabe e os modos de vida e cada um.”</p> <p><b>IP6.2.4</b> “Sempre que possível são feitas reuniões com os pais.”</p> <p><b>EP 1.1.6</b> – “(...)a escola procura acompanhar as</p> | 15 | 11 |



|  |  |  |           |          |
|--|--|--|-----------|----------|
|  |  | <p>famílias e as crianças no sentido de conversar com os pais, dar apoio (...)"</p> <p><b>EP4.2.3</b> - "Serão realizadas reuniões e conversas para que todos em conjunto possamos atenuar a situação."</p> <p><b>EP5.2.9</b> - "A nós como educadoras também cabe ir comunicando sempre e todos os dias com as famílias."</p> <p><b>EP5.2.11</b> - "O que interessa é manter o trabalho em equipa e chamar o mais possível os pais à escola, porque na maioria das vezes os problemas ainda que não sejam ultrapassados são sem dúvida atenuados."</p> <p><b>EP6.3.4</b> - "Carreiras é um meio pequeno e eu conheço os pais praticamente todos, já lá estou há três anos. Estou sempre em sintonia com eles. Ainda por cima como dois são irmãos, em vez de 15 encarregados de educação tenho 14."</p> <p><b>EP7.2.3</b> "(...) necessidade de organizar reuniões informativas sobre o problema."</p> <p><b>EP9.2.2</b> - "É assim, neste aspecto não, mas sempre que for necessários organizamos reuniões com os pais para tentar atenuar algum problema que possa surgir."</p>   |           |          |
|  | <p>6.4- Ajuda directa aos pais com garantia de privacidade</p> | <p><b>IP1.2.8</b> - "Fazemos um grande trabalho com as famílias (...)"</p> <p><b>IP1.2.7</b> - "(...) fazem um apoio à família, no sentido de a ajudar a ser membro de uma sociedade."</p> <p><b>IP1.3.3</b> - "(...) tentamos com a nossa ajuda que é mínima dar alguma qualidade de vida dentro do que nos é possível."</p> <p><b>IP3.3.4</b> - "(...) fazemos tudo com grande naturalidade, serenidade e sem grandes alaridos. Cada qual tem direito à sua privacidade e não à necessidade de espalhar algumas coisas para fora."</p> <p><b>IP3.4.3</b> - "Queremos que haja um cuidado muito directo com a família (...)"</p> <p><b>IP3.5.1</b>- "Temos cá também uma criança, com uma situação muito, muito, muito complicada, ela tem epilepsia, paralisia cerebral, enfim (...)esperança de vida muito reduzida (...)estamos a ajudar aquela família no sentido de a libertar um pouco. (...)O nosso papel e objectivo fundamental ao recebermos a menina é dar alguma tranquilidade aos pais e dar-lhe na medida do possível dar-lhe uma vida normal"</p> <p><b>IPM3.7.3</b> - Muitas vezes são realizadas visitas domiciliárias</p> | <p>13</p> | <p>5</p> |

|  |   |   |           |          |
|--|---|---|-----------|----------|
|  |   | <p><i>onde se procura através da valorização, capacitá-las e dar-lhes autonomia. A periodicidade define-se caso a caso.</i></p> <p><b>IPM4.3.3</b> Realização de visitas domiciliárias regulares/semanais às famílias em acompanhamento;</p> <p><b>IPM4.3.5</b> – Avaliar a dimensão e gravidade das situações familiares, motivação e disponibilidade para colaborar;</p> <p><b>IPM4.5.2</b> – Acompanhamento de famílias, realização de sessões de educação para a saúde, constituição de grupos de auto-ajuda para crianças, jovens e famílias.</p> <p><b>IPM6.1.2</b> – Apoiar as famílias mediante o acolhimento de crianças, providenciando a continuidade dos cuidados a prestar;</p> <p><b>IPM6.3.1</b> Colaborar estreitamente com a família numa partilha de cuidados e responsabilidades em todo o processo evolutivo das crianças;</p> <p><b>IPM6.5.1</b> Apoiar a família através de fornecimento de refeições e de prolongamentos de horários com actividades de animação sócio-educativa</p> |           |          |
|  | <p>6.5 – Aumentar o perfil das competências das famílias perante os seus filhos</p> | <p><b>IPMI.3.4</b> – A intervenção deve ser efectuada de modo a que os pais assumam os seus deveres para com a criança e o jovem;</p> <p><b>IPMI.4.2</b> A criança e o jovem, os pais, o representante legal ou a pessoa que tenha a guarda de facto têm direito a ser informados dos seus direitos, dos motivos que determinaram a intervenção e da forma como esta se processa;</p> <p><b>IPMI.4.3</b> – A criança e o jovem, bem como os pais, têm direito a ser ouvidos e a participar nos actos e na definição da medida de promoção dos direitos e protecção;</p> <p><b>IPMI.4.1</b> Na promoção dos direitos e na protecção da criança e do jovem deve ser dada prevalência às medidas que os integrem na sua família ou que promovam a adopção;</p>   | <p>14</p> | <p>5</p> |

|  |  |  |          |          |
|--|--|--|----------|----------|
|  |  | <p><b>IPM2.2.3</b> - Promover o auto-controlo e a auto-estima das famílias;</p> <p><b>IPM2.2.1</b> Aumentar e diversificar o perfil das competências e capacidades pessoais e sociais das famílias para cuidarem dos seus filhos;</p> <p><b>IPM2.2.2</b> – Promover a autonomia e o exercício da responsabilidade das famílias no bem-estar e desenvolvimento integral das crianças e jovens;</p> <p><b>IPM2.2.4</b> 4 Promover a educação para a cidadania;</p> <p><b>IPM3.2.4</b> – A Intervenção Precoce deve resultar no desenvolvimento de melhores atitudes parentais relativamente a eles mesmos e ao seu filho com deficiência.</p> <p><b>IPM3.2.5</b> Deve proporcionar mais informação e melhores competências para lidar com a sua criança, e incentivar a libertação de algum tempo para o descanso e lazer.</p> <p><b>IPM3.7.3</b> – Muitas vezes são realizadas visitas domiciliárias onde se procura através da valorização, capacitá-las e dar-lhes autonomia. A periodicidade define-se caso a caso.</p> <p><b>IPM3.4.1</b> Ênfase no envolvimento das famílias;</p> <p><b>IPM4.3.5</b> - Avaliar a dimensão e gravidade das situações familiares, motivação e disponibilidade para colaborar;</p> <p><b>IPM6.4.5</b> Incentivar a participação das famílias no processo educativo e estabelecer relações de efectiva colaboração com a comunidade;</p> |          |          |
|  | <p>6.6- Mediação entre a Intervenção Precoce e as famílias</p> | <p><b>EP2.3.3</b> – “Até agora não houve necessidade uma vez que a Intervenção Precoce tem feito a ligação entre a escola e as famílias.”</p> <p><b>EP5.2.8</b> - “Ora bem, no que diz respeito às crianças que apenas têm dificuldades ao nível da aprendizagem o trabalho com a famílias é essencialmente feito pela intervenção precoce, se bem que regularmente reunimos para ver como estão a evoluir as coisas.”</p> <p><b>EP5.2.10</b> –“No caso da criança que se encontra no</p>  | <p>7</p> | <p>5</p> |

|  |   |   |          |          |
|--|---|---|----------|----------|
|  |   | <p>CAT, existem também encontros com as irmãs responsáveis pelo caso quer com a escola, quer com a intervenção precoce”</p> <p><b>EP7.2.1</b> - “Esse trabalho é desempenhado pelas equipas de intervenção precoce, que são os mediadores entre a escola e a família.”</p> <p><b>EP8.1.10</b> - “No caso da criança autista a comunicação entre a escola e a família é feita através da equipa de intervenção precoce.”</p> <p><b>EP8.2.5</b> “Acima de tudo transmitem-lhes dicas para lidar com o filho e ajudam a família em tudo o que possa melhorar as suas condições de aprendizagem.”</p> <p><b>EP10.2.4</b> – “É tudo através da Intervenção Precoce, são eles que fazem essa ligação entre a escola e as famílias.”</p> |          |          |
|  | 6.7– Realização de Planos de Intervenção junto das famílias | <p><b>IPM4.4.1</b> – Aplicação de um Programa específico de competências em função das necessidades levantadas;</p> <p><b>IPM4.3.6</b>- Elaboração de um Plano de Intervenção assinado por ambas as partes – Família e Equipa do Projecto;</p>  | <b>2</b> | <b>1</b> |

### Quadro 7A – A Educação Pré-Escolar e o combate às desigualdades sociais

| Categories  | Sub - Categorias   | Indicadores  | U.R.     | U.E.     |
|---|--|--|----------|----------|
| <b>7A – A Educação Pré-Escolar e o combate às desigualdades sociais</b> | 7A.1- Colmata desigualdades                              | <p><b>IPI.3.7</b> – “(...)é muitas vezes com a passagem pelo Pré-Escolar que se consegue de certa forma colmatar desigualdades”</p> <p><b>IPI.3.13</b> – É de toda uma mais valia (...)fundamentalmente para crianças que se encontrem em situação de risco que só têm a ganhar (...)quando saem daqui são crianças completamente integradas e capazes (...)</p> <p><b>IP2.3.2</b> “(...)todas as crianças têm os mesmo direitos e é obvio que têm muitos benefícios em estar num Pré-Escolar junto de outras crianças, quer ao nível do seu desenvolvimento quer da sua integração na sociedade. Ela ai ter de ser integrada e portanto quanto mais cedo se fizer essa integração melhor.”</p> <p><b>IP5.3.4</b> “Sim, porque desta forma a criança irá sentir-se mais integrada. Queremos dar oportunidades a todos, deve haver uma igualdade de oportunidades.”</p> | <b>4</b> | <b>3</b> |
|   | 7A.2 – Socializa as crianças, integrando-as na sociedade | <p><b>IPI.3.14</b> – “As crianças socializam-se, interagem, ganham regras de higiene e bem estar”</p> <p><b>IP4.3.3</b> - “Os colegas também já</p>  | <b>6</b> | <b>4</b> |

|   |   |  |   |  |
|---|---|--|---|--|
|   |   | <p><i>agem com naturalidade, eles já sabem que quando lhe acontece aquilo ele não faz mal a ninguém (...)</i></p> <p><b>IP4.3.4</b> “Ai penso que sim, acho que se deve integrar todas as crianças sejam elas de cor ou raça diferente e nunca a colocar de parte.”</p> <p><b>IP5.3.5</b> – “Existem crianças de culturas diferentes, mas quem entre cá para dentro é atendida por si e não em massa.”</p> <p><b>IP5.3.6</b> - “Para mim todas as crianças têm direito a ter as mesmas riquezas e experiências (...)</p> <p><b>IP6.2.6</b> “Sim, porque desde cedo a crianças se integra, interage e socializa com outras crianças e com muitos adultos. Tudo isto contribui para uma formação mais humana.”</p> |   |  |
| 7A.3 – Ensina métodos de trabalho   | <p><b>IP1.3.15</b> – “Aprendem métodos de trabalho que futuramente lhes facilitará o ingresso no 1º Ciclo.”</p> <p><b>IP4.3.2</b> - “(...) eu penso que é uma grande ajuda, penso que é, porque de repente nota-se o trabalho. Quando uma criança chega, como este miúdo, ele ao início ficava muito aterrorizado e agora para ele é tudo normal”</p> <p><b>IP6.2.7</b>- “ Ao mesmo tempo está a aprender regras e métodos de trabalho que a ajudará a manter o seu lugar na sociedade.”</p> <p><b>EPI0.3.1</b>– “Eu acho que sim, neste aspecto a Educação Pré-Escolar é das maiores valias, porque faz todo um trabalho, anterior à entrada no 1º Ciclo.”</p>   | 4  | 4 |  |
| 7A.4– Existência de passagem de regras aprendidas pela criança na escola para as famílias | <p><b>IP1.3.16</b>- Muitas vezes são as próprias crianças que passam também essas mesmas regras para as próprias famílias.</p>  | 1  | 1 |  |
| 7A.5 – Sinalização Precoce de casos   | <p><b>EP4.2.4</b> – “Sim, sem dúvida , penso que o trabalho que se faz ao nível da Educação Pré-Escolar é fundamental para um bom desenvolvimento da criança, bem como é muitas vezes aqui que se despistam os mais variados problemas como sejam maus tratos, falta de higiene ou até mesmo situações de NEE.”</p> <p><b>EP5.3.4</b> - “É fundamental que a criança comece a ter esse apoio antes da escolaridade obrigatória, quando mais cedo esse apoio seja posto em prática mais facilmente a criança ultrapassará as suas dificuldades ou problemas.”</p> <p><b>EPI2.3.8</b> – “(...) é na Educação pré-escolar que tudo começa, os problemas começam a ser aí identificados e muitos deles são resolvidos na educação pré-escolar porque depois passam para o 1º ciclo, já vão acompanhadas, já vão os problemas identificados depois é só dar continuidade portanto à terapia”</p> | 3  | 3 |  |

**Quadro 7B- O Combate às Desigualdades**

| <b>Categorias</b>                      | <b>Sub - Categorias</b>  | <b>Indicadores</b>  | <b>U.R.</b> | <b>U.E.</b> |
|--|--|---|-------------|-------------|
| <b>7B – O combate às desigualdades</b> | 7B.1- Dar a todos as mesmas oportunidades                            | <i>IP1.3.17 – “(...) tentamos que todas as crianças sejam iguais dando a todas as mesmas oportunidades”</i><br><i>IP6.2.8 “Para nós as crianças são todas iguais”</i><br><i>EP3.4.2 – “(...) e depois também para combater um bocado as desigualdades porque por exemplo estes meninos estando integrados aqui, por exemplo os valores que são dados a uns são dados a outros, são todos tratados por igual, têm todas as mesmas oportunidades e acho que neste aspecto nós temos muita vantagem e acho que a maior parte das pessoas que eu conheço educadoras todas elas primam por isso que é tratar os meninos todos por igual e nunca colocar ninguém e parte.”</i>  | 3           | 3           |
|  | 7B.2 – Ajuda financeira às famílias                                  | <i>IP1.4.1 - “Tentamos sempre facilitar no pagamento das mensalidades para que as crianças mais problemáticas venham para a escola (...)”</i><br><i>IP1.4.3 - (...) mandamos muitas vezes roupas para casa que nos são trazidas novas por outros pais de outras crianças</i><br><i>IP6.2.9 “Tentamos facilitar no que nos é possível principalmente ao nível das mensalidades”</i>  | 3           | 2           |
|  | 7B.3 – Contribuir para o bem-estar físico e psicológico das crianças | <i>IP1.4.2 “(...) há da nossa parte uma ajuda na higiene pessoal da criança (...)”</i><br><i>EP 1.2.2 - “(...)os profissionais de educação pré-escolar são pessoas a grande maioria deles que estão sensíveis a esse trabalho com as crianças nessas condições e também com as famílias no caso de as haver.”</i><br><i>EP3.4.3 – “Dos meus 34 anos de serviço nunca senti nenhuma colega a discriminar nenhuma criança e senti que muitas vezes nós, às vezes até sem querer (...)”</i><br><i>EP4.2.7 “Penso que ao nível da educação pré-escolar as educadoras na sua maioria possuem a sensibilidade necessária para este tipo de problemas e por norma levam a bom porto todas ou a maioria das situações”</i><br><i>EP7.2.8 - “Isso varia muito, principalmente de educadora para educadora, tudo dependo do profissional que esteja a acompanhar a criança isso é mais importante do que até estarem num jardim de infância ou não.”</i><br><i>EP7.2.11 “É portanto mais importante a educadora e a sua forma de trabalhar do que o</i> | 6           | 5           |

|  |  |  |    |   |
|--|--|--|----|---|
|  |  | <i>facto de estar ou não a frequentar o Jardim de infância”</i>  |    |   |
|  | 7B.4– Valorizar a criança e aquilo que ela melhor sabe fazer | <p><b>IP1.4.5</b> – <i>Sempre no sentido de que as crianças são todas iguais, partindo sempre daquilo que a criança tem de bom e daquilo que tem também para nos ensinar.</i></p> <p><b>IP6.2.10</b> <i>“Tentamos também valorizar ao máximo a criança junto do restante grupo.”</i></p> <p><b>EP3.4.4</b> - <i>“As vezes vamos valorizar aqueles que também mais precisam de nós, não é que os outros não sejam também bem tratados mas inconscientemente protegemos mais aqueles que precisam.”</i></p> <p><b>EP5.3.2</b> <i>“Sem sombra de dívida somos a segunda família das crianças, cabe-nos a nós o papel preponderante de fazer com que todo e qualquer problema que a criança possa ter seja resolvido (...)”</i></p>  | 4  | 4 |
|  | 7B.5 – Ter bom relacionamento com as famílias                | <b>EP 1.2.3</b> <i>“(…)não direi todos os profissionais mas a grande maioria procura ter uma ligação estreita com a família dado a idade das crianças e isso também ajuda a conseguir ultrapassar algumas dificuldades das crianças, através dessa boa relação e dessa relação estreita com as famílias.”</i>  | 1  | 1 |
|  | 7B.6 – Papel importante na despistagem de casos              | <p><b>EP2.3.4</b> - <i>“Qualquer bom educador tem de estar atento todos estes sinais e não pode deixar passar porque muitas vezes por medo e complicações, por vezes é complicado pegar no caso porque é melindroso, mas isso não ode acontecer. Temos de ter coragem de activar os meios necessários.”</i></p> <p><b>EP2.3.5</b> - <i>“O que acontece é na maioria das vezes as colegas têm medo porque também não têm preparação dentro da área, eu acho que qualquer educador devia fazer formação na área do ensino especial. Muitas vezes cai um caso na sala e a educadora fica de pés e mãos atadas e agora o que é que eu faço? Nem tem muita informação. Temos que ser capazes de pedir ajuda aos técnicos que são capazes de nos ajudar.”</i></p> <p><b>EP3.4.1</b> – <i>“Sim, eu acho que para detectar como nós trabalhamos com a faixa etária dos mais novos, é fácil e tem tido muito valor o trabalho que se tem conseguido fazer ao nível de despistagens, até porque muitas vezes os pais não se apercebem, ou porque às vezes as pessoas não querem ver e depois quando são alertadas para as coisas conseguem perceber e aceitar de outra forma. Por aqui é uma das vantagens”</i></p> <p><b>EP4.2.5</b> – <i>“Somos muitas vezes nós que alertamos os pais ou as</i></p> | 12 | 8 |

|  |  |   |  |  |
|--|--|---|--|--|
|  |  | <p><i>instituições competentes e que desde tenra idade se começa a solucionar problemas que muitas vezes são completamente ultrapassados.”</i></p> <p><b>EP5.3.1</b> - “Somos nós que na maioria das vezes detectamos quando algo não está bem,(...)”</p> <p><b>EP5.3.3</b> “Cabe-nos a nós sinalizar os casos e acompanhar as famílias sejam os problemas de que natureza forem.</p> <p><b>EP8.2.6</b> – “Muitas vezes somos nós que detectamos quando algo não está bem e sinalizamos os casos.”</p> <p><b>EP9.2.3</b> – “Sim, penso que sim, é nosso papel detectar maus tratos físicos ou psicológicos e encaminhar da melhor forma.”</p> <p><b>EP9.2.4</b> “Nota-se logo quando existe algum problema mais complicado. É fácil para nós detectar esse tipo de situações.”</p> <p><b>EP11.2.7</b> - “(...)se não formos nós a sinalizá-los, mesmo ao nível da visão, da audição, ninguém mais o faz.”</p> <p><b>EP11.2.8</b> - “(...)pelo menos a criança sai sinalizada, pode não sentir acompanhada, mas sai sinalizada (...)”</p> <p><b>EP12.1.2</b> “Nós começamos a estranhar, no meu caso que sou uma pessoa que já trabalho há muitos anos é fácil detectar e depois começamo-nos a aperceber, porque como estamos no II, os pais vêm cá muito, e começamo-nos a aperceber...começamos a investigar entre aspas da situação familiar, hoje ma coisa, amanhã outra e até que nós tenhamos a observação toda completa e pronto vimos a descobrir se é realmente uma situação de risco ou não e aí actuamos.”</p> |  |  |
|--|--|---|--|--|

**Quadro 8A- Educação e concepções prévias que a criança possui acerca do mundo que a rodeia**

| <b>Categorias</b>   | <b>Sub - Categorias</b>                    | <b>Indicadores</b>   | <b>U.R.</b> | <b>U.E.</b> |
|---|--|--|-------------|-------------|
| <b>8A – Educação e concepções prévias que a criança possui acerca do mundo que a rodeia</b> | 8A.1- Como forma de facilitar a integração | <p><b>IP1.4.12</b> - <i>É uma excelente forma de integrar essas crianças valorizando os seus saberes, colocando-as a ensinar coisas que as mesmas sabem aos colegas.</i></p> <p><b>IP4.4.2</b> - “(...) sim é importante (...) isso é sempre valorizado (...)”</p> <p><b>IP4.4.3</b> “A fase de integração é sem dúvida uma fase em que se valoriza tudo aquilo que a criança já viveu bem como as aprendizagens que já efectuou.”</p> | <b>3</b>    | <b>2</b>    |



|  |  |  |          |          |
|--|--|--|----------|----------|
|  | <p>8A.2 – Como forma de acelerar processos de aprendizagem</p>                         | <p><b>IP1.4.6</b> - (...) <i>partimos sempre daquilo que a criança sabe e das vivências que a mesma tem para depois provocarmos mudanças conceptuais e transmitirmos aprendizagens realmente significativas.</i></p> <p><b>IP4.4.4</b> - “Primeiro que tudo começamos por aquilo que eles trazem e depois então é que se tenta adaptar aquilo que funciona aqui.”</p> <p><b>IP5.4.1</b> “Sim, há o cuidado de partir sempre das concepções que as crianças têm e há o cuidado de acelerar o que está mais atrasado (...)”</p> <p><b>EP5.2.7</b> “Cada caso é um caso e não podemos descurar isso. Temos que saber as limitações de cada criança e saber até onde elas conseguem ir. Não é fácil, mas sem dúvida que temos de o fazer.”</p>   | <p>4</p> | <p>4</p> |
|  | <p>8A.3 – Como forma de motivação para novas aprendizagens</p>                         | <p><b>IP1.4.13</b> – “É uma forma de obterem uma grande auto-estima e consequentemente motivam-se mais para novas aprendizagens.”</p> <p><b>IP6.3.1</b> “Tentamos valorizar sempre aquilo que a criança sabe, muitas vezes motiva novas aprendizagens.”</p> <p><b>EP8.2.8</b> “Uma criança pode ter limitações em algumas áreas, mas ser muito boa em outras coisas, por isso é fundamental que se estimule e que se valorize sempre aquilo que a criança sabe fazer bem.”</p>   | <p>3</p> | <p>3</p> |
|  | <p>8A.4– Como forma de valorização pessoal para as crianças dando-lhes auto-estima</p> | <p><b>IP1.4.8</b> - -“É uma forma de obterem uma grande auto-estima e consequentemente motivam-se mais para novas aprendizagens</p> <p><b>IP1.5.5</b> – De forma transversal se utilizarmos esses saberes da criança estamos a valorizá-la, a dar-lhe auto-estima a mesma deixará se sentir colocada de parte e passa a fazer parte de um grupo onde ela tem o seu lugar, onde ela com aquilo que sabe é útil às aprendizagens dos restantes colegas.</p> <p><b>IP5.4.2</b>“(…)mas já temos tido uma ou outra criança que explica coisas sobre a vida no campo e no dia da árvore explica sempre como devemos fazer (...)”</p> <p><b>IP6.2.11</b> “Aproveitando aquilo que a criança sabe e o melhor que a mesma tem para nos dar.”</p> <p><b>EP4.2.6</b> - “Todas as crianças têm o seu lado bom e as suas sabedorias como tal nunca se deve discriminar ninguém por aquilo que a criança não sabe fazer mas sim, pelo que de melhor ela tenha.”</p> <p><b>EP8.2.7</b> – “Temos um papel preponderante no que diz respeito à discriminação positiva, uma vez que nos cabe a nós fazer com que todas as crianças apesar das suas diferenças e limitações sejam</p> | <p>8</p> | <p>6</p> |

|  |  |  |   |   |
|--|--|--|---|---|
|  |  | iguais, ou seja aproveitar sempre aquilo que cada criança tem de melhor para ser valorizado.”<br><b>EP12.4.1</b> “(...) no meu projecto curricular de turma uma das coisas principais é valorizar os saberes que as crianças trazem de casa e neste bairro é muito importante não é retirá-los daqui e fazer com que eles convivam com a realidade que eles aqui têm.”<br><b>EP12.4.2</b> “(...) foi uma das situações que eu integrei nesta turma foi saber falar dos problemas sem problema nenhum e eles têm um grande à vontade para o fazer.” |   |   |
|  | 8A.5 – Como forma de provocar mudanças conceptuais | <b>IP1.5.6</b> - “Através de boas práticas, desde que antes se tenha valorizado aquilo que a criança sabe, levá-la de forma experimental, divertida e lúdica a perceber que as coisas não são bem como a mesma pensava que eram, provocando a tal mudança conceptual.”<br><b>IP6.3.5</b> “Vai-se alterando com o dia a dia. Pelas experiências que a mesma vai passando, a própria acaba por se aperceber que nem tudo é como ela pensava que era.”  | 2 | 2 |
|  | 8A.6 – Como forma de evitar a discriminação        | <b>EP7.2.9</b> - “A educadora não pode discriminar qualquer criança e tem de adaptar as suas práticas ao meio em que vive, por exemplo se se trata de uma classe baixa, tem de atenção com os materiais que pede e com os trabalhos que realiza.”<br><b>EP7.2.10</b> “É importante que a educadora saiba gerir materiais e actividades para que nenhuma criança se sinta diminuída ou diferente.”  | 2 | 1 |

**Quadro 8B- Estratégias de integração das percepções prévias no trabalho desenvolvido com crianças**

| <b>Categorias</b>  | <b>Sub - Categorias</b>   | <b>Indicadores</b>  | <b>U.R.</b> | <b>U.E.</b> |
|--|---|---|-------------|-------------|
| <b>8B – Estratégias de integração das percepções prévias no trabalho desenvolvido com crianças</b> | 8B.1- Pedir que explique aos colegas coisas que para ela sejam familiares | <b>IP1.4.14</b> – É uma excelente forma de integrar essas crianças valorizando os seus saberes, colocando-as a ensinar coisas que as mesmas sabem aos colegas<br><b>IP4.4.6</b> “Pode surgir um menino que goste muito de animais se calhar se eu aproveitar isso para o motivar e para o integrar tudo estará mais facilitado” | 2           | 2           |

|  |  |  |   |   |
|--|--|--|---|---|
|  | 8B.2 – Perceber o que sabe e o que mais a motiva                               | <i>IP10.1.1 – Essas concepções conhecem-se falando com a criança, é fundamental que tanto a educadora, como os profissionais que trabalhem directamente com ela falem com ela para perceber aquilo que ela sabe e aquilo que mais a motiva</i><br><i>IP2.3.3 - “(...)temos uma rotina, normalmente à segunda feira, não em todas mas em algumas geralmente há trabalhos sobre o que se passou no fim e semana, um desenho, um cartaz, uma pintura, uma colagem, etc, e muitas vezes parte-se desse trabalho para se realizarem outros, partindo daquilo que retrataram e das vivências que tiveram.”</i><br><i>IP6.3.3 – “ (...)nas conversas com a criança (...)”</i> | 3 | 3 |
|  | 8B.3 – Observar comportamentos fora e dentro da sala                           | <i>IP1.5.2 - (...)fundamental também que se observe o seu comportamento dentro do espaço de sala de aula como fora dela.</i><br><i>IP6.3.4 “(...)conhece-se pelo dia a dia que partilhamos no Jardim de Infância</i>   | 2 | 2 |
|  | 8B.4– Analisar desenhos, conversas e brincadeiras                              | <i>IP1.5.3 As suas conversas, as suas brincadeiras e os seus desenhos revelam muito sobre si.</i>  | 1 | 1 |
|  | 8B.5 – Aproveitar temas trazidos por estas crianças para desenvolver Projectos | <i>IP1.5.4 As educadoras tentam sempre utilizar essas percepções adaptando-as aos conteúdos dos seus projectos. Muita vezes surgem até mesmo temas imprevistos trazidos por essas crianças que bem aproveitados dão origem a projectos interessantíssimos.</i>   | 1 | 1 |
|  | 8B.6 – Levar a criança a mudar percepções através do método experimental       | <i>IP1.5.7 O método experimental é uma boa estratégia para mudar concepções</i>  | 1 | 1 |

### Quadro 9 – Articulação com o 1º Ciclo do Ensino Básico

| Categories   | Sub - Categorias                   | Indicadores   | U.R. | U.E. |
|--|------------------------------------|---|------|------|
| <b>9 – Articulação com o 1º Ciclo do Ensino Básico</b> | 9.1- Visitas a escolas do 1º Ciclo | <i>IP1.6.2 -(...) as salas de 5 anos passam sempre algumas manhãs nas escolas de 1º Ciclo aqui da cidade.</i><br><i>IP1.6.3 - Conhecem os espaços físicos e já têm feito algumas actividades. É muito positivo para elas pois desta forma no ano seguinte estão a ir para um sítio que já não é completamente novo.</i> | 5    | 4    |

|  |  |  |          |          |
|--|--|--|----------|----------|
|  |  | <p><b>IP3.6.6</b> “Sim sim, fazemos visitas às escolas de 1º Ciclo e realizamos relatórios detalhados sobre as principais dificuldades de cada criança.</p> <p><b>EP3.4.7</b> - “(...)vamos passar um dia lá à escola em que os meninos que vão passar para o 1º ciclo, os outros não os outros ficam cá a brincar fora, andam por ali todo o dia e ficam quase sempre com a auxiliar. Os que vão para o 1º ciclo ficam integrados na turma (...)”</p> <p><b>EP8.3.3</b> “Já temos feito visitas às escolas a Portalegre e sempre que possível, principalmente nos casos mais complicados, tento reunir com as professoras de 1º ciclo, para lhe transmitir essas informações.”</p>  |          |          |
|  | <p>9.2 – Realização de actividades junto de crianças mais velhas</p> | <p><b>IP4.5.3</b> - “(...) aqui também é um meio mais pequeno, as crianças são poucas e há uma grande proximidade de trabalho entre nós e a escola do 1º Ciclo”</p> <p><b>IP5.4.3</b> “Mas aqui na instituição temos um grupo muito homogéneo (...) temos só temos uma “chinezinha” e uma “pretinha”.</p> <p><b>EP3.4.5</b> - “(...)apesar de não estar-mos juntos, já tivemos, mas há dois anos que estamos separados, é o ano passado e é este, mas nós temos uma projecto que é a continuidade educativa.”</p> <p><b>EP3.4.7</b> - “Para além disso temos um projecto que é o projecto da continuidade educativa que é assim: em Junho mais ou menos vamos passar um dia lá à escola em que os meninos que vão passar para o 1º ciclo, os outros não os outros ficam cá a brincar fora, andam por ali todo o dia e ficam quase sempre com a auxiliar. Os que vão para o 1º ciclo ficam integrados na turma (...)”</p> <p><b>EP4.2.8</b> “Sim, para nós não é difícil porque apesar do espaço físico não ser o mesmo, a escola de 1º ciclo fica aqui a dois passos e fazemos sempre tudo em conjunto com eles.”</p> <p><b>EP5.3.7</b> - “(...) todas as actividades são feitas em conjunto com os meninos do 1º ciclo da escola da Praceta.”</p> <p><b>EP12.4.6</b> “Muitas vezes fazemos trabalhos em conjunto, como por exemplo trabalhos de projecto. Este ano estamos em espaços diferentes, mas para o ano o espaço físico é o mesmo o que facilita também essa passagem. As festas pontuais também entra a escola toda, como é o caso do</p> | <p>7</p> | <p>6</p> |

|  |  |  |    |    |
|--|--|--|----|----|
|  |  | <i>Natal, Carnaval, Páscoa e Fim de Ano.”</i>  |    |    |
|  | 9.3 – Realização de grelhas de avaliação por parte das educadoras                | <p><b>IP1.6.4</b> - <i>As educadoras realizam sempre grelhas de avaliação que fazem passar para as professoras de 1º Ciclo</i></p> <p><b>IP6.3.6</b> <i>Realizamos sempre grelhas avaliativas de todas as crianças (...)</i></p> <p><b>EP3.5.1</b> - <i>“No final do ano também faço sempre a ficha de avaliação dos meninos e é passada aos colegas do 1º ciclo. Dou conhecimento aos pais e depois também aos colegas de 1º ciclo. A ficha vai para o processo dos meninos e serve para as professoras saberem como é que eles vão”.</i></p> <p><b>EP12.4.4</b> <i>“Esse registo é entregue o original aos pais e a cópia fica arquivada para passar ao professor de 1º ciclo.”</i></p>  | 4  | 4  |
|  | 9.4– Realização de relatórios avaliativos no caso de crianças mais problemáticas | <p><b>IP1.6.5</b> - <i>Nos casos de crianças mais problemáticas são feitos relatórios pelas Educadoras e muitas vezes também por profissionais que tenham acompanhado a criança, relatórios esses que a acompanham na sua transição</i></p> <p><b>IP2.4.1</b> - <i>“(…) em alguns casos sim. Principalmente as crianças mais problemáticas. Nesses casos a educadora faz um relatório. Mas as restantes crianças por norma não nos é pedido.”</i></p> <p><b>IP3.6.6</b> <i>“Sim sim, fazemos visitas às escolas de 1º Ciclo e realizamos relatórios detalhados sobre as principais dificuldades de cada criança.</i></p> <p><b>IP4.5.1</b> - <i>“Sim, segue sempre um relatório (...)</i></p> <p><b>IP4.5.6</b> - <i>“É claro que se se tratar de crianças de risco o relatório terá de ser mais detalhado e pormenorizado.”</i></p> <p><b>IP5.5.2</b> <i>“Bem, a mim nunca me pediram para fazer relatórios e se algum dia alguém me pedir eu não faço. Não faço porquê? Porque acho que não posso nem devo rotular uma criança, se aos 5 anos (...)</i></p> <p><b>IP6.3.7</b> <i>“(…) em relação às crianças de risco temos mais cuidado e fazemos relatórios mais detalhados.”</i></p> <p><b>EP2.3.6</b> - <i>“(…)toda a criança que transite para o 1º ano leva sempre consigo um portfolio e um processo individual que facilitará a sua integração, se bem que aqui a tarefa está facilitada porque a escola fica no mesmo edifício.”</i></p> <p><b>EP4.2.10</b> - <i>“(…)todas as crianças e em especial situações que possam ser mais complicadas saem acompanhadas por um</i></p> | 13 | 12 |

|  |   |   |    |   |
|--|---|---|----|---|
|  |   | <p><i>processo pessoal com o seu historial, avaliações, relatórios e portfolio de trabalhos</i></p> <p><b>EP7.3.1</b> “Vai um processo que acompanha a criança, com vários relatórios e se possível fala-se com a colega mas nem sempre é fácil (...)”</p> <p><b>EP8.3.2</b> - “(...)existe sempre o processo que acompanha a criança na sua passagem, para além disso vão sempre relatórios descritivos da situação em que a criança se encontra.”</p> <p><b>EP11.3.7</b> - “(...) há também o processo que encaminhamos e que facilita a transição.”</p> <p><b>EP12.4.3</b> “Nós temos um tipo de avaliação que é o seguinte, temos um portfolio dos melhores trabalhos de cada criança num dossier e temos um registo de competências que é feito no último ano, no primeiro ano como a criança só tem três anos fazemos apenas um resumo do seu desenvolvimento a todos os níveis.”</p>   |    |   |
|  | 9.5 – Reuniões com Educadores de Infância e Professores do 1º Ciclo | <p><b>IP1.6.6</b> - Em casos mais graves já têm sido feitas reuniões com as professoras de 1º Ciclo no ano seguinte para as por ao corrente das situações, o que na minha opinião é muito importante, pois facilitará certamente a sua integração</p> <p><b>IP4.5.4</b> - “Por exemplo a professora que apanhou o grupo dos 5 anos o ano passado é uma senhora que tem aqui dois filhos, por isso como vê à grande proximidade entre todos, é uma grande família.”</p> <p><b>IP4.5.5</b> “Ela própria já conhecia as crianças e os trabalhos que as mesmas desenvolviam e vive-versa.”</p> <p><b>EP 1.2.5</b> - “(...)depois o trabalho com o professor do 1º ciclo também é realizado, até porque é fácil estamos lado a lado, (...)”</p> <p><b>EP 1.2.6</b> - “(...)o ano passado tínhamos apenas uma porta que nos separava, este ano estamos mais separados porque há duas salas de 1º ciclo e uma de jardim de infância.”</p> <p><b>EP2.3.7</b> “Temos reuniões com o professor e pomo-los sempre ao correr de todas as situações principalmente é claro das mais complicadas, para que o professor tenha um conhecimento prévio dessas mesmas situações bem como da melhor maneira de lidar com elas e trabalhar no bom sentido com cada uma das crianças.”</p> | 13 | 9 |

|  |  |  |          |          |
|--|--|--|----------|----------|
|  |  | <p><b>EP4.2.11</b> - -“Há também reuniões e conversas entre mim e as professoras de 1º ciclo para lhes transmitir um pouco sobre cada uma das crianças.”</p> <p><b>EP5.3.8</b> - “Nos casos mais complicados existe uma passagem de testemunho, uma reunião em que é entregue o processo e é transmitida informação necessária acerca da criança”.</p> <p><b>EP5.3.9</b> “(...) ao longo do ano e quando já se sabe quem é a professora que possivelmente irá ficar com o 1º ano há também conversas que de certa forma as prepara para a recepção das crianças.”</p> <p><b>EP5.3.10</b> - -“(…) quando chegam à sala do 1º ciclo a professora já conhece os casos e está assim facilitada a sua mudança.”</p> <p><b>EP7.3.2</b> - -“(…) por vezes combina-se com a colega, mas caso contrário envia-se a pasta do processo com um port folio dos seus trabalhos.”</p> <p><b>EP8.3.3</b> “Já temos feito visitas às escolas a Portalegre e sempre que possível, principalmente nos casos mais complicados, tento reunir com as professoras de 1º ciclo, para lhe transmitir essas informações.”</p> <p><b>EP12.4.5</b> “Normalmente fazemos uma reunião com os colegas do 1º ciclo e nessa reunião tentamos dizer, mais ou menos a que nível é que cada criança está, se tem problema ou não.”</p> |          |          |
|  | <p>9.6- Partilha de festas populares</p> | <p><b>IP4.5.2</b> “(...)porque nós aqui é assim, trabalhamos muito em conjunto, pelo Carnaval, santos populares, etc, trabalhamos muito em conjunto com as escolas, por isso há um muito bom relacionamento entre todos”</p> <p><b>EP3.4.6</b> - “Ainda hoje por exemplo o Carnaval foi junto, temos várias actividades em conjunto, por exemplo o magusto também fazemos sempre juntos e por norma é sempre aqui na Vargem, costuma vir também a escola das Carreiras que também tem poucos meninos. No Natal também nos juntamos para fazer a festa, este ano até foi no Instituto da Juventude porque não cabíamos todos aqui. Agora no Carnaval fomos as duas escolas e os dois jardins às carreiras, temos agendado uma visita a Lisboa com as salas daqui e das Carreiras e depois o fim do ano lectivo em principio fazemos uma festa aqui no</p>   | <p>3</p> | <p>3</p> |

|   |  |   |   |   |
|---|--|---|---|---|
|   |  | <p>Monte Carvalho.”</p> <p><b>EP9.2.6</b> – “ Nós temos uma escola pequenina e quando há festas de aniversário ou convívios é sempre tudo feito em conjunto.”</p>   |   |   |
| 9.7 – Partilha do mesmo espaço físico com o 1º Ciclo do Ensino Básico |  | <p><b>EP 1.2.4</b> – “Essa articulação no nosso caso está muito facilitada porque os dois níveis de ensino estão juntos no mesmo sítio e isso está garantido em princípio (...)”</p> <p><b>EP2.3.6</b> – “(...) toda a criança que transite para o 1º ano leva sempre consigo um portfolio e um processo individual que facilitará a sua integração, se bem que aqui a tarefa está facilitada porque a escola fica no mesmo edifício.”</p> <p><b>EP2.4.1</b> “O espaço físico é o mesmo por isso habitua-se mais facilmente e para nós professores também é mais fácil porque conhecemo-nos bem e sem querer trocamos ideias e passamos informações”</p> <p><b>EP6.4.2</b> - “(...)funcionam lado a lado, têm uma porta que as separa e nós apercebemo-nos do que se passa, o que sem dúvida é meio caminho andado”.</p> <p><b>EP9.2.5</b> - “(...) aqui é muito fácil, até porque partilhamos o mesmo espaço e porque fazemos tudo em conjunto, as informações são passadas no dia a dia e as professoras de 1º ciclo conhecem as crianças quando chegam às suas mãos. Sem dúvida a tarefa está facilitada.”</p> <p><b>EP10.3.7</b> – “Sim, trabalhamos sempre em conjunto, para já é fácil porque partilhamos o mesmo espaço, os diálogos e as dificuldades entre as colegas são partilhados e está tudo muito mais facilitado.”</p> <p><b>EP11.3.4</b> - “(...) tudo aquilo que se faz é em conjunto e praticamente passam todos por mim, ficam no mesmo edifício o que torna tudo também bem mais fácil.”</p> <p><b>EP11.3.5</b> “Temos continuidade com o 1º ciclo, porque há um contacto diário entre todos.”</p> | 8 | 6 |
| 9.8 – Reuniões com a Equipa de Intervenção Precoce                    |  | <p><b>EP5.3.11</b> “Por norma a equipa de intervenção precoce também reúne com a professora e entrega-lhe toda a documentação, processo, avaliação, relatórios e registos que tenham acerca da criança.</p>   | 1 | 1 |